



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MAYLLE LIMA FREITAS

**“E VOCÊ É DE ONDE?” CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DA
PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ DIANTE DE /i/ EM
FORTALEZA-CE**

FORTALEZA

2024

MAYLLE LIMA FREITAS

“E VOCÊ É DE ONDE?” CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DA
PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ DIANTE DE /i/ EM
FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F937" Freitas, Maylle Lima.
"E você é de onde?" : Crenças e Atitudes linguísticas acerca da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/ em Fortaleza-CE / Maylle Lima Freitas. – 2024.
194 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.
1. Teoria de Variação e Mudança linguística. 2. Crenças e Atitudes Linguísticas. 3. Acomodação Linguística. 4. Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/. 5. Fortaleza-CE. I. Título.

CDD 410

MAYLLE LIMA FREITAS

“E VOCÊ É DE ONDE?” CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DA
PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ DIANTE DE /i/ EM
FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 27/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dra. Maria Silvana Militão de Alencar (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ronaldo Manguiera Lima Jr.
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. ^a Dra. Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

A todos que têm como calor no peito o anseio
pelo saber.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico é uma longa jornada que se constrói em anos de uma vida junto com o amadurecimento pessoal e profissional, assim, tenho um sentimento de gratidão imenso destinado a familiares, amigos, professores e colegas de curso.

Primeiramente, agradeço a minha mãe Aline e a minha avó Eneida por terem me criado e me incentivado sempre a leitura, ao trabalho intelectual, a voar mais longe e a ser ambiciosa por aprender e me aprimorar. De mesmo modo, agradeço a minha madrinha Andréa e meu padrinho Cláudio por sempre me oferecerem apoio, bons conselhos e um sentimento de segurança nos momentos de incertezas. Agradeço ao meu pai, Gideylton, por apoiar minhas empreitadas e estar presente. A minha tia Lúcia Helena (tia Ena) por sua animação a cada passo meu, sua alegria contagiante e sua fé inabalável. Obrigada a Jiwoo (vira-lata caramelo mais bonita do Brasil), minha filha de quatro patinhas.

Aos meus bisavós Luiz e Mundinha, que me acompanharam da infância até minha adolescência e me faziam sentir muito querida, amada e sortuda, como dizia vovô “essa menina nasceu com uma estrelinha na testa”. Vovó Mundinha foi minha primeira grande perda na vida, mas é impressionante como ainda as memórias da casa de vovô e vovó e eles ainda se fazem presentes no meu coração e na nossa família, por isso estão aqui homenageados.

Agradeço a Amanda, minha amiga desde a pré-adolescência, por sua escuta atenta e seu jeito relaxado, ao mesmo tempo frenético, que me suporta e diverte, amo nossa história e como a linguagem e comunicação permeiam nossas jornadas. Agradeço a Ingrid por ter muita empatia, tomar partido e se engajar na minha vida, além de ser uma pessoa admirável. Agradeço a Tales Joabe por ser meu amigo por tantas fases e sido atencioso, sincero e ponderado ao longo de muitos surtos meus. A Beatriz (Bea), minha companheira de surtos e com uma compreensão imensurável de mim, temos uma trajetória de tantas intersecções que parece que nossas vidas são escritas pelo mesmo roteirista, agradeço também a Marcos Gabriel pela presença tranquila e afetuosa. A Abigail e Grace, minha duplinha aventureira e *fitness*. Agradeço a Matheus e Carina, um casal que desde quando os conheci os admiro e me inspiro pela capacidade de envolvimento, comunicação objetiva e amor transparente, ter vocês me fez muito bem. Obrigada a Rafaela, por ter tido tanta empatia e acolhimento por mim que me faz ter mais esperança nas pessoas. Agradeço a Tales Mateus e Salete, Marcos e Vitor pelo apoio.

Agradeço ao meu psicólogo Marcos Antônio, nunca imaginei ter uma relação de admiração e confiança tamanha, como também receber tamanho cuidado e compreensão de

todas as esferas da minha vida pessoal e profissional em um processo de terapia, sou muito grata por isso.

A Joyciane, que desde o primeiro dia de aula eu soube que era alguém que eu gostaria e o tempo só me deu certeza disso, seu jeito sério, ponderado e carinhoso de lidar com as coisas é cativante. Agradeço aos meus amigos de graduação Adelaide, Hugo, Wesley e Bianca por todas as parcerias e companhia. Aos meus amigos que iniciaram a pós-graduação antes de mim e me fizeram ter uma fé em mim mesma e uma sensação de pertencimento ao meio acadêmico desde o começo de minha jornada: Kelli (Schi), Rakel, e os meus companheiros de GT: Lorena e Hugo Leonardo. Agradeço a Evelyn, Luan e Leonardo pela ajuda essencial que me forneceram.

A minha orientadora Silvana Militão, que tem um jeito doce de dizer “calma, menina!” e me orientar na escrita e desenvolvimento do meu trabalho, pois eu posso ser bastante ansiosa, é um fato! Agradeço por seu auxílio, sua preocupação e alegria sinceras com minhas conquistas e por me deixar explorar e crescer na pesquisa acadêmica.

A professora Hebe Carvalho, que me fez amar a sociolinguística e foi minha orientadora por 3 anos de Iniciação Científica, assim como membro da minha banca, agradeço por me mostrar o brilho nos olhos de uma pesquisadora ao trabalhar e por ter me feito crescer tanto. Agradeço ao professor Valdecy Pontes, Fábio Torres e Aline Bazenga pelos ensinamentos e cooperação acadêmica, gratidão especial a professora Aline por me permitir utilizar de seu acesso da plataforma de pesquisa *Qualtrics* e foi tão doce e atenta quando nos conhecemos. Agradeço a professora Camila Sousa e sua turma de Vocábulo 2023.1 pela experiência de estágio docente e meu apelido de “Dôtorá”, foi uma surpresa agradável uma turma tão unida e com tanto afeto pela professora, obrigada por terem me deixado vivenciar a sala de aula com vocês.

A professora Aluiza Araújo, por me oferecer tantas oportunidades, me aceitar em seu grupo de estudos e com seu jeito descontraído me mostrar que para ser uma pesquisadora relevante podemos continuar sendo nós mesmos. Agradeço ao professor Ronaldo Lima Jr. por seu esforço para divulgação científica e inovação para pesquisa sociolinguística, assim como por toda paciência e cuidado em responder uma lista imensa de e-mails meus recheados de dúvidas.

Agradeço a professora Livia Oushiro por ser uma referência na área e, de mesmo modo, acessível e honesta, seu trabalho me inspira. A conheci na graduação e a professora será minha orientadora no doutorado e isso me faz extremamente feliz. Agradeço também a Livia

pela oportunidade de conhecer ao professor Gregory Guy e sua esposa Paula e conversar com eles, o conhecimento do casal se mostrou tão grande quanto a capacidade de afeição de ambos. Agradeço ao professor Guy por ter calmamente me ouvido falar sobre minha pesquisa e me aconselhado.

Agradeço a todos que se dispuseram de seu tempo para responder e compartilhar minha pesquisa, sem isso nenhum resultado seria possível e esta dissertação inviabilizada.

Agradeço a Capes pela bolsa concedida que me permitiu total dedicação a esta dissertação e meu aprimoramento como pesquisadora. O financiamento a um pesquisador é essencial para a qualidade de vida desse e de sua produção científica, assim, sigamos lutando por melhores condições para desenvolver a ciência brasileira!

Por fim, segue-se a nota obrigatória: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aquilo que me falta não muda, em qualquer lugar. A paisagem ao meu redor ou as vozes que falam comigo podem mudar, mas continuo sendo apenas um ser humano incompleto. Sempre com uma insuficiência fatal [...] Porque, de certa forma, essa falta é quem eu sou (Murakami, 2020 [1992], p. 213).

RESUMO

Este trabalho investiga as crenças e atitudes linguísticas acerca da palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] diante de /i/, resultando nas africadas [tʃ] e [dʒ] na comunidade de fala de Fortaleza-CE. O Ceará é propício para o estudo do fenômeno, pois na capital Fortaleza a palatalização é regra, enquanto no interior do estado, especialmente na região do Cariri, as oclusivas alveolares prevalecem. Parte-se dos pressupostos teóricos da Teoria de Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994; Labov, 2001), significação social da variação (Eckert, 2008; Eckert, 2012; Campbell-Kibler, 2009; Oushiro, 2015, 2021), contato dialetal, aquisição de segundo dialeto e acomodação linguística (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garret, 2010; Sigel, 2010; Britain, 2010). Elaborou-se um teste de Crenças e Atitudes Linguísticas a partir de estímulos equivalentes, técnica nomeada nesta pesquisa de *Pseudo-Matched Guise*, produzidos por 2 voluntários (1 homem e 1 mulher) residentes em Fortaleza-CE com histórico de residência no Cariri, ora produzindo a variante oclusiva, ora a palatal. Analisaram-se no teste: o perfil social dos participantes, as variáveis discretas (lista de características de status e dinamismo), as variáveis ordinais em escala Likert (níveis de sotaque, nordestinidade e “falar cantado”) e a avaliação (meta)linguística das variantes. Foram obtidas no questionário 255 respostas, com a maioria dos participantes sendo de Fortaleza, Ceará (62,35%) e Cariri cearense (16,86%), do sexo feminino (63,92%), com Ensino Superior (82,75%) e na faixa etária de até 29 anos (50,98%). Quanto aos migrantes, a maioria se mudou para Fortaleza para fins de estudo (38,54%) e vivem na cidade de 0 a 10 anos (46,88%). A análise dos dados foi realizada por meio do *Software R* para elaboração de tabelas, gráficos, modelos de regressão ordinal com efeitos mistos e árvores de distâncias mínimas. Conclui-se que a variante oclusiva é altamente saliente e estigmatizada na capital cearense, sendo alvo de comentários metalinguísticos e atitudes sociais avaliativas em situações de contato dialetal. A variante também é associada com características sociais de solidariedade e a atribuição de nordestinidade, sotaque e prosódia “cantada”. Este também destacou a interação entre gênero e idade na percepção de nordestinidade, especialmente em relação às oclusivas, pois essas atribuem notas mais altas na escala de nordestinidade do que homens mais jovens. Para o subgrupo dos migrantes, notou-se que os motivos de migração que indicavam autonomia do participante no processo migratório (trabalho e estudo) desfavoreceram a atribuição de nordestinidade para variante. A variante oclusiva foi menos percebida como sotaque por participantes do gênero masculino, pessoas

nativas da região do Cariri e tempo de migração em anos para esses migrantes. O motivo de migração foi novamente relevante, sendo quem se mudou por motivos familiares atribuí mais sotaque a sua variante de origem. Para percepção do estilo de fala "cantado" para a variante oclusiva, a escolaridade e idade foram significativas e favorecedoras dessa avaliação, enquanto os homens desfavoreceram essa avaliação. Para os migrantes do Cariri, notou-se uma maior atribuição dessa característica para os participantes que migraram por motivo de estudo e residem em Fortaleza mais de 2/3 de suas vidas, nesse grupo, o maior tempo de migração em anos desfavoreceu essa avaliação, sugerindo uma influência cronológica sob a avaliação. Apesar do estigma associado, a variante oclusiva foi considerada "bonita" tanto na avaliação metalinguística quanto nos relatos dos participantes, dessa forma, demonstrando a complexidade associada às dimensões de solidariedade e *status* na variação linguística e o conceito de estigmatização de variantes linguísticas proeminentes, existindo um padrão de variantes de menor *status* serem bem avaliadas em quesito de solidariedade. Por fim, aponta-se que a variante oclusiva é alvo de preconceito linguístico, e migrantes do interior cearense, com ênfase na região do Cariri, sofrem pressões avaliativas para acomodar-se linguisticamente a variedade de Fortaleza-CE e serem mais bem compreendidos e integrados na nova comunidade de fala.

Palavras-chave: Teoria de Variação e Mudança linguística; Crenças e Atitudes Linguísticas; Acomodação Linguística; Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/; Fortaleza-CE.

ABSTRACT

This study investigates linguistic beliefs and attitudes regarding the palatalization of alveolar stops [t] and [d] before /i/, resulting in affricates [tʃ] and [dʒ] in the speech community of Fortaleza-CE. Ceará is conducive to studying this phenomenon, as palatalization is the norm in the capital, Fortaleza, while alveolar stops prevail in the interior of the state, especially in the Cariri region. The theoretical framework draws on Language Variation and Change theory (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994; Labov, 2001), social meaning of variation (Eckert, 2008; Eckert, 2012; Campbell-Kibler, 2009; Oushiro, 2015, 2021), dialectal contact, second dialect acquisition, and linguistic accommodation (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garret, 2010; Sigel, 2010; Britain, 2010). A Linguistic Beliefs and Attitudes Test was developed using equivalent stimuli, a technique referred to in this study as Pseudo-Matched Guise, produced by 2 volunteers (1 male and 1 female) residing in Fortaleza-CE with a history of living in Cariri, sometimes producing the occlusive variant, and sometimes the palatal one. The test analyzed the participants' social profiles, discrete variables (list of status and dynamism characteristics), ordinal variables on Likert scales (levels of accent, northeastern identity, and "sung speech"), and (meta)linguistic evaluation of the variants. 255 responses were obtained from the questionnaire, with most participants being from Fortaleza, Ceará (62.35%) and Cariri, Ceará (16.86%), female (63.92%), with higher education (82.75%), and aged up to 29 years (50.98%). Regarding migrants, most moved to Fortaleza for study purposes (38.54%) and had been living in the city for 0 to 10 years (46.88%). Data analysis was performed using R programming to generate tables, graphs, ordinal regression models with mixed effects, and minimum distance trees. It was concluded that the occlusive variant is highly salient and stigmatized in the capital city of Ceará, being the subject of metalinguistic comments and evaluative social attitudes in dialectal contact situations. The variant is also associated with social characteristics of solidarity and the attribution of northeastern identity, accent, and "sung speech". This study also highlighted the interaction between gender and age in the perception of northeastern identity, especially regarding occlusives, as these attributed higher scores on the northeastern identity scale than younger men. For the subgroup of migrants, it was noted that migration reasons indicating the participant's autonomy in the migration process (work and study) disadvantaged the attribution of northeastern identity to the variant. The occlusive variant was less perceived as an accent by male participants, natives of the Cariri region, and migration time in years for these migrants.

Migration reason was again relevant, as those who moved for family reasons attributed more accent to their variant of origin. For the perception of "sung speech" style for the occlusive variant, education and age were significant and supportive of this evaluation, while men disadvantaged this evaluation. For Cariri migrants, there was a greater attribution of this characteristic to participants who migrated for study reasons and have lived in Fortaleza for more than 2/3 of their lives, in this group, the longer migration time in years disadvantaged this evaluation, suggesting a chronological influence on the evaluation. Despite the associated stigma, the occlusive variant was considered "beautiful" both in metalinguistic evaluation and in participants' reports, thus demonstrating the complexity associated with the dimensions of solidarity and status in linguistic variation and the concept of stigmatization of prominent linguistic variants, with a pattern of lower-status variants being well-rated in terms of solidarity. Finally, it is pointed out that the occlusive variant is the target of linguistic prejudice, and migrants from the interior of Ceará, with an emphasis on the Cariri region, face evaluative pressures to linguistically accommodate to the variety of Fortaleza-CE and be better understood and integrated into the new speech community.

Keywords: Language Variation and Change Theory; Beliefs and Linguistic Attitudes; Linguistic Accommodation; Palatalization of alveolar stops /t/ and /d/; Fortaleza-CE.

RESUMEN

Este estudio investiga las creencias y actitudes lingüísticas sobre la palatalización de las oclusivas alveolares [t] y [d] antes de /i/, lo que resulta en africadas [tʃ] y [dʒ] en la comunidad de habla de Fortaleza-CE. Ceará es propicio para estudiar este fenómeno, ya que la palatalización es la norma en la capital, Fortaleza, mientras que las oclusivas alveolares prevalecen en el interior del estado, especialmente en la región del Cariri. El marco teórico se basa en la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994; Labov, 2001), el significado social de la variación (Eckert, 2008; Eckert, 2012; Campbell-Kibler, 2009; Oushiro, 2015, 2021), contacto dialectal, adquisición de segundo dialecto y acomodación lingüística (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garret, 2010; Sigel, 2010; Britain, 2010). Se desarrolló un Test de Creencias y Actitudes Lingüísticas utilizando estímulos equivalentes, una técnica denominada en este estudio como *Pseudo-Matched Guise*, producidos por 2 voluntarios (1 hombre y 1 mujer) residentes en Fortaleza-CE con antecedentes de residencia en Cariri, a veces produciendo la variante oclusiva y a veces la palatal. El test analizó los perfiles sociales de los participantes, variables discretas (lista de características de estatus y dinamismo), variables ordinales en escalas Likert (niveles de acento, identidad nordestina y "habla cantada") y evaluación (meta)lingüística de las variantes. Se obtuvieron 255 respuestas del cuestionario, siendo la mayoría de los participantes de Fortaleza, Ceará (62,35%) y Cariri, Ceará (16,86%), mujeres (63,92%), con educación superior (82,75%) y con edades de hasta 29 años (50,98%). En cuanto a los migrantes, la mayoría se mudó a Fortaleza con fines de estudio (38,54%) y habían estado viviendo en la ciudad de 0 a 10 años (46,88%). El análisis de datos se realizó mediante el *software* R para generar tablas, gráficos, modelos de regresión ordinal con efectos mixtos y árboles de distancias mínimas. Se concluyó que la variante oclusiva es altamente saliente y estigmatizada en la capital de Ceará, siendo objeto de comentarios metalingüísticos y actitudes sociales evaluativas en situaciones de contacto dialectal. La variante también se asocia con características sociales de solidaridad y la atribución de identidad nordestina, acento y "habla cantada". Este estudio también destacó la interacción entre género y edad en la percepción de identidad nordestina, especialmente en relación con las oclusivas, ya que estas atribuyeron puntuaciones más altas en la escala de identidad nordestina que los hombres más jóvenes. Para el subgrupo de migrantes, se observó que las razones de migración que indicaban la autonomía del participante en el proceso de migración (trabajo y estudio) desfavorecían la atribución de identidad nordestina a

la variante. La variante oclusiva fue menos percibida como acento por los participantes masculinos, los nativos de la región del Cariri y el tiempo de migración en años para estos migrantes. El motivo de migración fue nuevamente relevante, ya que aquellos que se mudaron por razones familiares atribuyeron un mayor nivel de acento a su variante de origen. Para la percepción del estilo de habla "cantada" para la variante oclusiva, la educación y la edad fueron significativas y favorecedoras de esta evaluación, mientras que los hombres desfavorecieron esta evaluación. Para los migrantes de Cariri, hubo una mayor atribución de esta característica a los participantes que migraron por razones de estudio y han vivido en Fortaleza durante más de 2/3 de sus vidas; en este grupo, el mayor tiempo de migración en años desfavoreció esta evaluación, sugiriendo una influencia cronológica en la evaluación. A pesar del estigma asociado, la variante oclusiva fue considerada "bonita" tanto en la evaluación metalingüística como en los informes de los participantes, demostrando así la complejidad asociada con las dimensiones de solidaridad y estatus en la variación lingüística y el concepto de estigmatización de variantes lingüísticas prominentes, con un patrón de variantes de menor estatus siendo bien valoradas en términos de solidaridad. Finalmente, se señala que la variante oclusiva es objeto de prejuicios lingüísticos, y los migrantes del interior de Ceará, con énfasis en la región del Cariri, enfrentan presiones evaluativas para acomodarse lingüísticamente a la variedad de Fortaleza-CE y ser mejor comprendidos e integrados en la nueva comunidad de habla.

Palabras clave: Teoría de Variación y Cambio lingüístico; Creencias y Actitudes Lingüísticas; Acomodación Lingüística; Palatalización de las oclusivas alveolares /t/ y /d/; Fortaleza-CE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organização relacional das crenças e atitudes linguísticas	39
Figura 2 – Configuração articulatória do fonema africado: (1) movimento de oclusão total e (2) movimento de bloqueio parcial com fricção	49
Figura 3 – Ocorrências de /t, d/ palatal diante de /i/ nas capitais brasileiras (AliB)	51
Figura 4 – Mapa de regiões demográficas do Brasil com destaque ao estado do Ceará.....	58
Figura 5 – Macrorregião do Cariri cearense com destaque a conurbação Crajubar formado pelo triângulo dos municípios Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.....	61
Figura 6 – Macrorregião da Grande Fortaleza com destaque ao município de Fortaleza.....	64
Figura 7 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por participantes residentes em Fortaleza-CE (N= 157)	93
Figura 8 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por mulheres residentes em Fortaleza-CE (N= 100)	98
Figura 9 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por homens residentes em Fortaleza-CE (N= 54)	99
Figura 10 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE da Faixa 1 – até 29 anos de idade (N= 85)	99
Figura 11 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE da Faixa 2 e Faixa 3 – 30 anos de idade ou mais (N= 72).....	100
Figura 12 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE de escolaridade até o Ensino Médio e Grau Técnico (N= 32)	100
Figura 13 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE de escolaridade Ensino Superior e Pós-Graduação (N= 125).....	101
Figura 14 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE nativos do Cariri (N= 14).....	101
Figura 15 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE nativos de Fortaleza (N= 105).....	102

Figura 16 – Nuvem de palavras dos livres relatos dos participantes acerca da variedade linguística do Cariri-CE.....	143
Figura 17 – Nuvem de palavras dos livres relatos dos participantes acerca da variedade de Fortaleza-CE.....	152

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dispersão de características pelo logaritmo da frequência e com linha de regressão linear indicando relação dessas com a variante palatal (à esquerda) ou a variante oclusiva (à direita).....	90
Gráfico 2 – Proporção da percepção de nordestinidade em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por variante/estímulo por falantes residentes em Fortaleza-CE (N= 255).....	105
Gráfico 3 – Proporção da percepção de <i>nordestinidade</i> em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por variante oclusiva e variante palatal por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)	107
Gráfico 4 – Probabilidades da avaliação de <i>Nordestinidade</i> das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)	112
Gráfico 5 – Proporção da percepção de sotaque em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por variedade/estímulo por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)	115
Gráfico 6 – Proporção da percepção de sotaque em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por variante oclusiva e variante palatal por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255).....	117
Gráfico 7 – Probabilidades da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)	121
Gráfico 8 – Percepção de “falar cantado” em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por variedade/estímulo por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)	124
Gráfico 9 – Proporção da percepção de “falar cantado” em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por variante oclusiva e variante palatal por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)	126
Gráfico 10 – Probabilidades da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)	131

Gráfico 11 – Proporção da noção de correção da variante palatal (Fortaleza-CE) e da variedade oclusiva (Cariri-CE) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255).....	134
Gráfico 12 – Proporção do critério estético (beleza) da variante palatal (Fortaleza-CE) e da variante oclusiva (Cariri-CE) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255).....	135
Gráfico 13 – Proporção da crença se falantes do Cariri-CE sofrem preconceito pelo uso de sua variedade linguística em Fortaleza-CE por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)...	136
Gráfico 14 – Proporção de atitudes linguísticas à variedade do Cariri-CE em Fortaleza-CE por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255).....	138
Gráfico 15 – Proporção de características que identificam pessoas do Cariri-CE em Fortaleza-CE atestadas por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255).....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação de fonemas consonantais quanto à articulação alveolar ou alveopalatal	47
Quadro 2 – Classificação de fonemas consonantais quanto ao modo de articulação oclusivo, fricativo e africado.....	48
Quadro 3 – Classificação das consoantes alofônicas de /t, d/	49
Quadro 4 – Variáveis linguísticas influentes na produção e percepção da palatalização /t, d/	52
Quadro 5 – Palatalização analisada a partir de itens lexicais e seus contextos precedentes e subsequentes à realização da oclusiva alveolar em itens lexicais	53
Quadro 6 – Esquema de distribuição dos estímulos do teste de pseudo-matched guise por falante e variantes linguísticas.....	71
Quadro 7 – Características de status social ou solidariedade para caixas de seleção do teste de percepção.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da variante [tʃ] por Região (cidades brasileiras).....	50
Tabela 2 – Estratificação social dos participantes da pesquisa (N = 255).....	84
Tabela 3 – Motivo da migração dos participantes não nativos de Fortaleza-CE (N = 96).....	86
Tabela 4 – Tempo de migração (em anos) dos participantes não nativos de Fortaleza-CE (N = 96).....	86
Tabela 5 – Proporção da vida como migrantes dos participantes nativos do Cariri (N = 42)..	87
Tabela 6 – Frequência e proporção de características atribuídas a estímulos de variante palatal e estímulos com variante oclusiva em teste de pseudo-matched guise (N= 255).....	87
Tabela 7 – Frequência e proporção da avaliação de <i>nordestinidade</i> dos estímulos por variante/estímulo em escala Likert (N = 255)	106
Tabela 8 – Frequência e proporção da avaliação de <i>nordestinidade</i> por variante oclusiva e variante palatal em escala Likert (N = 255)	107
Tabela 9 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de <i>nordestinidade</i> das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)	109
Tabela 10 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de <i>nordestinidade</i> das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)	113
Tabela 11 – Frequência e proporção da avaliação de sotaque dos estímulos por variante/estímulo em escala Likert (N = 255)	116
Tabela 12– Frequência e proporção da avaliação de sotaque por variante oclusiva e variante palatal em escala Likert (N = 255)	117
Tabela 13 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)	118
Tabela 14 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)	122
Tabela 15 – Frequência e proporção da avaliação de “falar cantado” dos estímulos por variante/estímulo em escala Likert (N = 255)	125

Tabela 16 – Frequência e proporção da avaliação de “falar cantado” por variante oclusiva e variante palatal em escala Likert (N = 255)	126
Tabela 17– Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de “falar cantado” das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)	127
Tabela 18 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de “falar cantado” das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
E.M	Ensino Médio
E.S	Ensino Superior
E.P.	Erro Padrão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
WLH	Weinreich, Labov e Herzog
TMV	Teoria de Variação e Mudança
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
UFC	Universidade Federal do Ceará
PB	Português Brasileiro
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
trad.	Tradutor

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	27
2 REFERENCIAL TEÓRICO	32
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	32
2.2 OS ESTUDOS DO SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: NADANDO NA TERCEIRA ONDA	35
<i>2.2.1 Crenças e atitudes: desenrolando as tramas e arrematando os nós</i>	<i>37</i>
<i>2.2.1.1 Crenças e atitudes</i>	<i>37</i>
<i>2.2.1.2 Avaliação linguística, autoavaliação, avaliação social, reação subjetiva e percepção: o que é tudo isso?</i>	<i>39</i>
<i>2.2.1.3 Identidade linguística</i>	<i>42</i>
<i>2.2.1.4 Lealdade e deslealdade linguística</i>	<i>43</i>
<i>2.2.2 Decisões teórico-metodológicas para estudos de terceira onda sociolinguística: pondo os pés no chão</i>	<i>43</i>
2.3 ESTUDOS DE CONTATO LINGUÍSTICO E UM OLHAR PARA A PERCEPÇÃO E AQUISIÇÃO DE UM SEGUNDO DIALETO DA MESMA LÍNGUA	44
3 EXPLICANDO O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /T, D/ DIANTE DE /I/	47
3.1 A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES [T,D] DIANTE DE /I/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	50
3.2 O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES NO CEARÁ	54
3.3 ESTUDOS DE CRENÇAS E ATITUDES ACERCA DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES NO NORDESTE	56
4 O ESTADO DO CEARÁ: DE NORTE A SUL	58
4.1 AS MACRORREGIÕES DE FORTALEZA E DO CARIRI: VISITANDO DOIS POLOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS NO ESTADO DO CEARÁ	60
<i>4.1.1 Cariri e Crajubar</i>	<i>60</i>
<i>4.1.2 Grande Fortaleza</i>	<i>63</i>
5 METODOLOGIA	66
5.1 PRÉ-TESTE DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA E SOCIAL DE FALANTES FORTALEZENSES E FALANTES DO CARIRI CEARENSE	66
5.2 O QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS E ATITUDES	67

5.2.1 <i>A seleção e estratificação dos participantes da pesquisa</i>	67
5.2.1.1 <i>O desenho do perfil social dos participantes da pesquisa</i>	68
5.3 OS ESTÍMULOS LINGUÍSTICOS PARA O TESTE DE CRENÇAS E ATITUDES.....	70
5.4 ELABORAÇÃO, VEICULAÇÃO E ANÁLISE DO TESTE DE CRENÇAS E ATITUDES	73
5.4.1 <i>Estrutura do teste de Crenças e Atitudes linguísticas</i>	74
5.4.2 <i>Pseudo-matched guise: variáveis discretas</i>	76
5.4.3 <i>Pseudo-matched guise: as variáveis ordinais</i>	79
5.4.4 <i>O teste avaliação(meta) linguística</i>	80
5.4.5 <i>O teste de atitudes sociais percebidas</i>	81
5.4.6 <i>As variáveis qualitativas – análise do livre relato dos participantes</i>	82
5.7 DIFICULDADES.....	82
6 RESULTADOS	84
6.1 PERFIL SOCIAL DOS PARTICIPANTES	84
6.5 AS VARIÁVEIS DISCRETAS DA LISTA DE CARACTERÍSTICAS: CRENÇAS REALIZANDO-SE EM PERCEPÇÃO	87
6.5.1 <i>Árvore de distâncias mínimas</i>	92
6.2 VARIÁVEIS ORDINAIS: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE NORDESTINIDADE, NÍVEL DE SOTAQUE E NÍVEL DE “FALAR CANTADO”	104
6.2.1 <i>Avaliação do nível de nordestinidade</i>	105
6.2.2 <i>Avaliação do nível de sotaque</i>	115
6.2.3 <i>Avaliação do nível de “falar cantado”</i>	124
6.3 <i>Avaliação (meta)linguística e teste de atitudes sociais percebidas</i>	134
6.4 NUENS DE PALAVRAS E AVALIAÇÃO METALINGUÍSTICA: OS RELATOS DOS PARTICIPANTES	142
6.4.1 <i>Relatos acerca da variante oclusiva – a fala do Cariri</i>	142
6.4.1.1 <i>Critérios de avaliação: identificação geográfica da variante oclusiva e variedade do Cariri</i>	144
6.4.1.2 <i>Critérios de avaliação: estética da variante oclusiva e variedade do Cariri</i>	145
6.4.1.3 <i>Critérios de avaliação: noção de correção da variante oclusiva e variedade do Cariri</i>	147
6.4.1.4 <i>Critérios de avaliação: critérios estilísticos, prosódicos e de inteligibilidade da variante oclusiva e variedade do Cariri</i>	148

<i>6.4.1.5 Critérios de avaliação: dimensão de afeto à variante oclusiva e variedade do Cariri</i>	<i>149</i>
<i>6.4.2 Relatos acerca da variante palatal – a fala de Fortaleza</i>	<i>151</i>
<i>6.4.2.1 Critérios de avaliação: identificação geográfica da variante palatal e variedade de Fortaleza</i>	<i>153</i>
<i>6.4.2.2 Critérios de avaliação: estética da variante palatal e variedade de Fortaleza</i>	<i>154</i>
<i>6.4.2.3 Critérios de avaliação: noção de correção da variante palatal e variedade de Fortaleza</i>	<i>155</i>
<i>6.4.2.4 Critérios de avaliação: critérios estilísticos, prosódicos e de inteligibilidade da variante palatal e variedade de Fortaleza</i>	<i>156</i>
<i>6.4.2.4 Critérios de avaliação: dimensão de afeto à variante palatal e variedade de Fortaleza</i>	<i>158</i>
<i>6.4.3 Critérios de incentivo ao respeito à variação linguística</i>	<i>159</i>
<i>6.4.5 Relatos de resistência à acomodação linguística</i>	<i>161</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFC	175
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	178
ANEXO A – CARTA N. 39 (NOITE) DO ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DO CARIRI CEARENSE (SARAIVA, 2019)	188
ANEXO B – CARTA N.40 (DIA) DO ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DO CARIRI CEARENSE (SARAIVA, 2019)	189
ANEXO C – REGIÕES DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DO CEARÁ (IPECE, 2015)	190
ANEXO D – MAPA DAS REGIONAIS DE FORTALEZA-CE – 2021	191

1 INTRODUÇÃO

“Acho fofinho seu jeito de falar”, “Vocês falam o ‘ti’ e ‘di’ erra[dʒi]nho”, “você é de on[di] com esse sotaque?”, “minha avó é do interior e fala desse mesmo jeito”, “acho esse seu sotaque muito bonito”, “fala de novo: ‘bom [di]a!’”, “não enten[dʒi]... pode repet[tʃi]r?” ... e continua!

Uma maneira diferente de falar é suscetível a muitas crenças pré-existentes e compartilhadas e reações sociais, atitudes, em relação a ela. Esse primeiro parágrafo tem o objetivo de uma imersão na experiência de alguém que realiza as oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/, a exemplo de um migrante do Cariri ou de estados vizinhos, em uma comunidade que palataliza as mesmas formas, Fortaleza. Essas frases foram baseadas nos relatos de participantes desta pesquisa a partir de suas experiências.

Este trabalho se propõe a investigar as crenças e atitudes linguísticas acerca da palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] diante de /i/, resultando nas africadas [tʃ] e [dʒ] na comunidade de fala de Fortaleza-CE sob os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994; Labov, 2001). A Sociolinguística laboviana atém-se sobre os processos de Variação e Mudança linguística. É pressuposto, nessa teoria, que antes de qualquer processo de transformação na língua, há variação de duas ou mais formas co-ocorrentes de mesmo valor referencial. A variação pode ser estudada em detrimento de condicionadores linguísticos e sociais que traçam as características e tendências do fenômeno em questão. A corrente de investigação chamada de “terceira onda” da sociolinguística tem proporcionado um movimento em direção ao significado social da variação linguística, auxiliado por estudos de Crenças e Atitudes linguísticas (Eckert, 2012; Oushiro, 2015).

O significado social da variação, ainda que não seja característico de todos os fenômenos variáveis, tem um papel coercitivo em uma comunidade de fala e comportamentos avaliativos tendem a ser reconhecidos e compartilhados a partir de crenças comuns a um objeto linguístico (Labov, 2008 [1972]). Dessa forma, é um desafio ao pesquisador buscar métodos para flagrar significados sociais, seus padrões de funcionamento e seu possível papel no processo de Variação e Mudança linguística.

Considerando o fenômeno da palatalização diante das oclusivas alveolares /t, d/ diante de /i/, o foco deste trabalho, o estado do Ceará é um terreno fértil para o estudo do fenômeno, pois na macrorregião de Fortaleza predomina a palatalização, enquanto regiões do interior do estado, em destaque à região do Cariri (Cf. ANEXO C – REGIÕES DE

PLANEJAMENTO DO CEARÁ – IPECE, 2015), têm como forma predominante a realização das oclusivas alveolares. Apesar de ser um fenômeno predominantemente de variação diatópica, ou seja, característico de falares regionais, esse contato dialetal pode ocorrer com grande frequência, o que torna esse fenômeno conhecido a praticamente todos os falantes do estado, devido a fatores como: migração do interior para Capital, necessidade de obtenção de serviços/atendimento na capital, famílias que residem em diferentes regiões do estado, estudantes que migram para diferentes cidades/regiões para buscar oportunidades de emprego, turismo, cursar ensino superior *etc.* Cabe ressaltar que a Região do Cariri é a segunda macrorregião cearense de maior desenvolvimento econômico, após a Grande Fortaleza.

Pressuposto que esse fenômeno seja saliente em casos de contato dialetal, a distinção capital *vs.* interior se relaciona com a realização, ou não, da palatalização. Podendo haver identificação da origem do falante ao ouvir um simples *bom dia*, surge o seguinte problema de pesquisa: quais as crenças e atitudes imbricadas à realização variável da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza – CE e como isso pode afetar o processo de acomodação linguística? Outras perguntas que essa pesquisa busca responder são: (i) há um estigma associado ao uso da forma oclusiva e prestígio ao uso da forma palatalizada na capital cearense? (ii) pode ocorrer a associação da variante palatal a estratos sociais de mais prestígio e a forma oclusiva a estratos de menor poder social (menos escolarizados, moradores de bairros periféricos) e de baixo poder aquisitivo?; (iii) qual a influência dos fatores sociais (região de nascimento, faixa-etária, gênero e escolaridade) na avaliação dos informantes? e (iv) há indícios que as crenças e atitudes podem exercer um poder coercitivo para acomodação de migrantes a forma palatal?

Sob este olhar, o objetivo geral deste trabalho é investigar Crenças e atitudes Linguísticas acerca da palatalização, ou não palatalização, dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza – CE à luz da sociolinguística variacionista, com ênfase no significado social da variação linguística. Os objetivos específicos são: (i) identificar, por meio de testes de reação subjetiva, possíveis significados sociais atrelados ao fenômeno variante da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/, em vias de flagrar crenças e atitudes relacionadas ao uso das variantes; (ii) investigar as identidades sociais atreladas às variantes linguísticas, possíveis estereótipos linguísticos e sociais acerca do fenômeno variável e a subsequente construção de *personas* do interior e da capital; (iii) correlacionar as avaliações a partir da origem do falante, gênero, faixa-etária e escolaridade, buscando paralelos entre variáveis sociais e a percepção da variação linguística e (iv) flagrar como a avaliação pode afetar o processo de acomodação linguística de migrantes do Cariri cearense a variante palatal.

A hipótese geral desse trabalho é que a forma palatalizada é reconhecida como a variante adotada pela comunidade de fala Fortalezense e é avaliada como forma de prestígio. A variante oclusiva é avaliada como o uso de pessoas do interior, em especial falantes da região do Cariri. As hipóteses secundárias são que (i) a não palatalização das oclusivas alveolares seria um estereótipo linguístico para a comunidade Fortalezense, sendo alvo de comentário metalinguístico explícito e preconceito linguístico, enquanto a forma palatalizada seria a variante de prestígio da comunidade de fala e que permite o reconhecimento e aceitação de um falante como membro da comunidade de fala fortalezense; (ii) a *persona* Fortalezense é associada ao uso da forma palatalizante e características de *status* social. A *persona* do interior é associada ao uso da forma oclusiva e avaliada socialmente com baixo nível de escolarização, baixo poder aquisitivo, residência em centros urbanos menos desenvolvidos ou em bairros periféricos da cidade de Fortaleza (em caso dos migrantes do interior para capital) e características de solidariedade/dinamismo; (iii) os participantes residentes do interior e residentes de Fortaleza avaliam a forma palatalizada como forma de prestígio e uso das camadas sociais mais privilegiadas e de grandes centros urbanos. Os participantes do interior, por sua vez, avaliam a forma oclusiva de maneira mais neutra e/ou positiva que os participantes fortalezenses, ainda que possivelmente a variante oclusiva careça de prestígio e *status*, em relação ao gênero e faixa etária, as mulheres e os falantes mais jovens e os participantes mais escolarizados avaliam a forma palatalizada mais positivamente, por ser uma variante em expansão (com indicativos de mudança) e característica de grandes centros urbanos brasileiros e (iv) as atitudes linguísticas direcionadas à variante oclusiva e sua falta de prestígio atuam como forças coercitivas para falantes da variante oclusiva de /t/ e /d/ diante de /i/ acomodarem-se à variante palatalizada em vias de serem melhor avaliados socialmente na comunidade de fala de Fortaleza-CE.

O fenômeno variável da produção da palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ é estudado em diversas comunidades de fala por todo o Brasil. No Nordeste, destacamos os estudos descritivos de Hora (1993), Amorim, Hora, Nascimento e Henrique (2019^a, 2019b) e Souza (2016), nas comunidades de Alagoinhas, João Pessoa e Sergipe (Aracaju, Lagarto e Itabaiana), respectivamente. Nessas comunidades, existe o uso predominante da forma oclusiva dental. O estudo de Cristófaros Silva *et al.* (2012) nas comunidades de Afonso Bezerra- RN e Fortaleza-CE traz o contraste entre duas comunidades, de estados vizinhos, em que na primeira predomina a forma oclusiva dental e na segunda impera formas palatalizadas.

No estado do Ceará, existem estudos dialetológicos que contemplam em algum nível a variação da palatalização: o atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri

cearense (Alicace) – Saraiva (2019) e Atlas Linguístico do Ceará (ALECE) – Bessa (2010a, 2010b). Indica-se que nativos de Fortaleza apresentam altos índices de palatalização.

A região dos sertões cearenses apresenta progressivo aumento da realização das oclusivas proporcional à distância da capital, segundo hipótese Lima (2019, p. 302), no Atlas linguístico dos Sertões Cearenses. Bessa (2010a) aponta que é de conhecimento de todo cearense a predominância da forma [ti] e [di] no interior, em especial a região ao extremo sul do estado, em contraposição às formas [tʃ] e [dʒ] na região norte, onde está localizada a capital. Contudo, o autor afirma que, nas cartas fonéticas da região do Cariri, também foi constatada a presença da forma palatalizada, sugerindo um processo de variação na região. Não foram encontrados estudos seguindo os pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa sobre o fenômeno no falar cearense.

Isto posto, a percepção deste fenômeno variável já foi estudada na comunidade de fala de João Pessoa (Amorim, 2017; Hora; Henrique; Amorim, 2018), a nível municipal, no agreste alagoano (Vitório, 2020), a nível regional, e em Sergipe (Ribeiro; Corrêa, 2018; Freitag; Santos, 2016), a nível estadual. Esses trabalhos, cada um com diferentes objetivos, metodologias e resultados, atêm-se a averiguar a natureza desse fenômeno como acima do nível de consciência dos falantes, identificar as formas como pertencentes ou não à sua comunidade de fala, investigar identidades sociais e regionais atreladas ao uso e até mesmo flagrar estigma, prestígio e preconceito linguístico. Indica-se que os falantes têm consciência deste fenômeno variável e que a forma palatalizante é vista como bonita, formal e associada ao uso de grandes centros urbanos, enquanto a forma oclusiva dental carece de prestígio.

Lacerda (2005) aponta que a população migrante interna do Ceará em movimento do interior para capital, é, em geral, composta de pessoas de maior vulnerabilidade econômica e associadas ao processo de favelização. Com isso, levando em conta significados sociais que podem ser indexados a variantes da língua e são crenças pré-existentes ao ato linguístico (Campbell-Kibler, 2009), pressupomos que avaliações da marca característica não palatalizante podem ser estigmatizantes e relacionadas ao uso de populações vítimas de segregação social, considerando uma dinâmica em que o preconceito linguístico é também um preconceito social.

Este estudo pode contribuir para informar, reconhecer, e, possivelmente, também combater comportamentos avaliativos negativos acerca do uso da variante do Cariri em Fortaleza, podendo servir como base para métodos didáticos inclusivos que incentivem o respeito à inclusão da diversidade linguística em sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2004), evitando que o falante de uma variedade diferente, neste caso a palatalização, possa sofrer ações de *bullying* e preconceito por sua forma de falar, bem como proporcionar o entendimento desta

variação como um fenômeno normal e a não palatalização como marca linguística do sertão Cearense. Além do ambiente escolar, acreditamos também poder contribuir para conscientização e criação de políticas de gestão empresarial e institucional que evitem preconceito e estigmatização a funcionários por sua variedade linguística não-palatalizante, agindo como um recurso para conscientização e possível reconhecimento e combate das possíveis atitudes linguísticas negativas em relação à variante do Cariri e seus falantes.

Existem representações nacionais reducionistas do falar nordestino, baseadas em traços estereotipados e não-contundentes com a realidade linguística do Nordeste e que descaracterizam a variedade linguística da região (Bagno, 2015). Acreditamos poder contribuir com a desmistificação de um Português Brasileiro (PB) homogêneo, como também de um nordeste de um único “dialeto nordestino”, a partir da potencialidade das reações subjetivas, significados sociais e identificação da origem do falante a partir de testes de percepção, o que pressupõe variação e diversidade. Assumimos que desvelar a variedade de percepções, em uma mesma Unidade Federativa, o Estado do Ceará, tem o poder de contribuir a outros estudos sociolinguísticos, com ênfase aos de percepção, acerca do português falado no Ceará, bem como enriquecer o entendimento da variação e seus significados sociais de uma maneira geral.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua com os estudos que se propõe a desvelar os significados sociais da variação linguística, tendo em vista o mapeamento e estruturação feitos nesta dissertação entre diversas delimitações teóricas, métodos existentes na literatura da área e a ampla gama de possíveis resultados decorrentes desses.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção parte dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria de Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994; Labov, 2001) e dialoga com os estudos sociolinguísticos de terceira onda com enfoque significado social da variação linguística (Eckert, 2008; Eckert, 2012; Campbell-Kibler, 2009; Oushiro, 2015, 2021). Em seguida, apresenta-se a variação em tela, a palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t, d/ no Português Brasileiro (PB) e no português falado no estado do Ceará, notadamente em Fortaleza, sob um olhar da produção e da percepção. Por fim, apresentam-se estudos que contemplam o contato dialetal, aquisição de segundo dialeto e crenças e atitudes relacionadas a este fenômeno ainda pouco estudado (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garret, 2010; Sigel, 2010; Britain, 2010).

2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]; Labov, 2008 [1972], 1994, 2001) tem como objeto de estudo a língua em seu contexto social, investigando o processo de variação e mudança pela investigação de formas linguísticas co-ocorrendo em mesmo contexto linguístico e detendo o mesmo valor referencial. A variação linguística deve ser estudada não apenas em seus contextos estruturais do sistema linguístico, mas também em interfaces com o social, considerando os falantes de uma comunidade e seus usos da língua.

Em um viés estruturalista de base Saussuriana, com ênfase na variação fonético-fonológica, a variação linguística parece “[...] puramente arbitrária, e não se percebe bem a razão delas. Outrossim, por que o fenômeno logrou ocorrer desta vez e não de outras? [...] Eis o ponto difícil de esclarecer” (Saussure, 2012 [1916], p. 204). A variação era vista como não passível de investigação científica, extremamente complexa, e de difícil (talvez até mesmo impossível) sistematização, dessa maneira, apesar de serem temas tratados no Curso de Linguística Geral, fenômenos envolvendo a mudança ou a alternância de formas do sistema não eram o foco dos estudos estruturalistas.

O gerativismo chomskyano, em similaridade ao estruturalismo, descarta a variação como relevante ao estudo da língua, pois seriam apenas parâmetros variáveis dentro da organização de princípios, estes parte de um sistema cognitivo-computacional, invariáveis da competência linguística (Chomsky, 2006). Portanto, para essas teorias, ainda que a de linha

estruturalista enfoque o paradigma sistêmico da língua e a linha gerativista no componente cognitivo da linguagem, não é necessário a elas estudar a variação e mudanças, pois elas ocorrem na *parole*, fala, ou no desempenho, em uma comunidade falante, e, portanto, não são parte do objeto de estudo dessas teorias.

A linguística baseou-se, em sua origem, em um viés teórico que exclui o social e busca um paradigma sistêmico (Saussure, 2012 [1916]), nesse ponto de vista formal, segue-se um estruturalismo descritivista preocupado em registrar línguas enfoca fenômenos linguísticos sob um viés de hábito e imitação (Bloomfield, 1933). Posteriormente, há um foco na estrutura cognitiva e da língua e seus princípios e parâmetros, de um viés mentalista e biológico de organização linguística (Chomsky, 2006).

Porém, para sociolinguística, o componente social tem um papel central e indissociável do estudo da língua. Calvet (2002) afirma que Labov (2008 [1972]) leva ao extremo a definição de língua como fato social¹ e defendida por Meillet, ao assumir que a *sociolinguística* poderia ser somente *linguística*, devido a língua se desenvolver em comunidade.

Inicialmente, os estudos variacionistas se atinham a aspectos fonético-fonológicos, ou seja, à materialidade física dos sons da fala. A expansão para outros níveis da língua, tais como: lexical, sintático, morfológico, discursivo e morfossintático (interação da morfologia e sintaxe), a hipótese de estudos além do nível fonético-fonológico foi inclusive posta em cheque no caso Lavandera-Labov. O debate iniciou-se quando Beatriz Lavandera (1978) exerceu uma crítica sobre os limites da variação linguística, pois quando não se tratava mais do nível fonológico, as variantes não poderiam ser vistas como duas formas sistemicamente idênticas e co-ocorrentes, mas como detentoras de igualdade funcional. Labov (1978) replicou a crítica de Lavandera acerca da possibilidade de estudo de variação não-fonológica e desenvolveu a noção de valor referencial. Ainda que não óbvio a uma primeira vista, a partir de um olhar cuidadoso ao contexto de ocorrência, sistematicidade, função gramatical, significado referencial e alternância com outras formas presentes na língua, é possível delimitar formas variantes, co-ocorrentes, com bastante precisão e realizar estudos sociolinguísticos em diversos níveis, admitindo que sua delimitação exigirá um rigor metodológico de conhecimento da estrutura linguística e da comunidade de fala estudada.

¹ Noção proveniente de Durkheim em que o "Fato social é toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais" (DURKHEIM, 2002 [1895], p. 40).

Para delimitar um envelope de variação (Tarallo, 1990), devemos determinar a variável e as variantes linguísticas. A variável linguística é o *locus* da estrutura da língua em que existe variação (ex. pronomes de segunda pessoa do singular) e as variantes são as formas em alternância (ex. *tu* e *você*). A sociolinguística admite a heterogeneidade do sistema linguístico, mas uma heterogeneidade ordenada, ou seja, em que formas de mesmo significado referencial alternam-se na língua e uma pode vir a substituir outra(s). Apesar de ser dito que as formas possuem o mesmo significado referencial, isso não significa dizer que as formas sejam idênticas. Alguns matizes semânticos podem divergir (por exemplo, matizes de genericidade ou especificidade), como também fatores pragmáticos (ex. respeito e deferência) e estilísticos (ex. formalidade e informalidade).

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da TVM (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), foram postulados cinco problemas empíricos como base e guia para pesquisa sociolinguística: (1) a implementação, em que formas são consideradas implementadas no sistema linguístico, co-ocorrendo com outras previamente existentes; (2) a transição, que investiga o curso tomado por um processo de variação e mudança linguística; (3) a restrição, que analisa os fatores condicionadores da variação e mudança; (4) o encaixamento, em que as mudanças devem ser vistas como encaixadas na estrutura linguística e na estrutura social; (5) a avaliação, que busca correlatos subjetivos às formas em variação. Este quinto problema sociolinguístico é o que norteia a presente pesquisa.

Assim, os estudos variacionistas buscam compreender a variação e possíveis processos de mudança linguística, desde o surgimento de uma forma inovadora no sistema linguístico, co-ocorrência com a(s) forma(s) previamente existentes no sistema, fatores que favorecem ou desfavorecem as formas em variação, identificação de possíveis mudanças em progresso a partir de estudos em tempo real, considerando o intervalo de uma geração (por exemplo, com bancos de dados dos anos 1990 e dos anos 2020), ou tempo aparente, considerando o uso variável por faixa etária em uma mesma sincronia. Também, é possível até mesmo estudar uma mudança já consolidada, em caráter diacrônico, por um viés histórico.

Labov (2008 [1972]) aponta que o cerne do estudo sociolinguístico é a comunidade de fala, e esta não é definida somente pelo uso de determinados elementos linguísticos,

mas sim pela participação em um conjunto de normas compartilhadas; essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões gerais de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (Labov, 2008 [1972]), p.150).

Dessa maneira, para descrever e analisar a variação, a obtenção de dados linguísticos é necessária, mediante coleta de dados pelo próprio pesquisador ou bancos de dados. Os bancos de dados sociolinguísticos subsidiados por universidades, em geral, possuem rigor de coleta, tipos de registro e estratificação detalhada dos informantes para permitir a um pesquisador dados que se aproximem do vernáculo de membros de uma determinada comunidade de fala, viabilizando a investigação sociolinguística. A partir da seleção de um *corpus* sociolinguístico e coleta das ocorrências das variantes, iniciam-se as codificações para análise, considerando variáveis linguísticas, inerentes ao sistema da língua, e extralinguísticas, fatores sociais. Essas serão as variáveis independentes para permitir a quantificação e análise dos resultados.

Além disso, podemos nos valer de fatores estilísticos, desde o grau de atenção prestado à fala aos fatores contextuais que podem influenciar o uso de determinadas variantes linguísticas em detrimento de outras. O *corpus* também pode ser de um questionário de Percepção e/ou Avaliação linguística (Oushiro, 2015), em que se buscam crenças e atitudes em relação às variantes linguísticas a partir de um estímulo de áudio ou texto em que suscite reações sociais mensuráveis a um determinado objeto linguístico.

Desse modo, de posse dos dados, cabe ao pesquisador realizar a codificação, tratamento estatístico e analisar, à luz dos pressupostos teóricos da Teoria de Variação e Mudança, o fenômeno em tela.

2.2 Os estudos do significado social da variação linguística: nadando na terceira onda

Um movimento de ascensão de estudos com enfoque no significado social da variação tem emergido na chamada “Terceira Onda” de estudos variacionistas, existindo um maior enfoque no indivíduo, identidades sociais, estilo e o significado social da variação (Eckert, 2012). Os estudos de terceira onda muito lançaram luz ao problema sociolinguístico da avaliação, em busca de significados sociais atrelados às variantes linguísticas. Os testes de percepção têm rendido grandes frutos à sociolinguística desde que foram incorporados por Labov (2008 [1972]), baseado nos estudos de Lambert *et al.* (1960), ao estudo da avaliação linguística às formas linguísticas em variação, sendo clássico o estudo da comunidade de Martha’s Vineyard, em que a atitude positiva em relação ao local de origem favoreceu a realização de uma variante linguística fônica característica do local, a centralização de vogais.

Labov (2008[1972]) afirma que não são todos os casos de variações linguísticas que são portadoras de significado social, com isso, desenvolveu-se a noção de indicadores,

marcadores e estereótipos. Os indicadores são variantes que tendem a ocorrer abaixo do nível de consciência do falante, não sendo passíveis de percepção e avaliação pela comunidade de fala. Os marcadores são variantes acima do nível de consciência dos falantes e passíveis à estratificação de uso por grupo social e diferenciação estilística. Os estereótipos são formas altamente salientes, facilmente percebidas pelos ouvintes, que recebem avaliação explícita pela comunidade de fala e podem ser estigmatizadas. Desse modo, não são todas as variações suscetíveis à percepção da comunidade de fala, mas, quando o são, essa percepção exerce um papel no processo de variação e mudança.

Eckert (2008) sugere que os significados sociais das formas linguísticas se organizam a partir de uma “ordem indexical” de significados ideologicamente relacionados evocados a partir da percepção ao estímulo linguístico. Pressupõe-se que os julgamentos de ouvintes à fala de outrem se relacionem profundamente a crenças, até a preconceitos, arraigados socialmente (Campbell-Kibler, 2009), assim como formas podem indexar diversos significados sociais e inclusive serem reconhecidas como traços de identidade do falante (Oushiro, 2015). Também existem outras formas de avaliação, segundo Freitag e Santos (2016): critérios estéticos, relacionados a julgamentos estéticos da variante (ex. bonito-feio), estilísticos, relacionados a inteligibilidade da fala (ex. claro-confuso), geográficos, relacionados à identificação da origem do falante (ex. interior-capital) e dialetais, relacionados a características atribuídas a determinadas variedades da língua (ex. cantado-não cantado).

É nesse cenário que a teoria da acomodação ganha atenção nos estudos de significados sociais e aponta que traços linguísticos podem ser implementados e/ou ter seu uso expandido na fala de alguém que se acomodou a uma nova variedade linguística. A teoria da acomodação foi elaborada por Giles, Coupland N. e Coupland J. (1991) para o bilinguismo e mais recentemente descrita em suas implicaturas aos estudos variacionistas de atitudes por Garrett (2010). O pressuposto é que, para existir acomodação, o falante reorienta o uso de formas linguísticas para se aproximar do falar do seu interlocutor e/ou da comunidade ao qual esteja em situação de comunicação. A acomodação da fala tem sido identificada como recurso para facilitar a comunicação, obter aprovação social e manter identidades sociais positivas. As formas que têm se mostrado mais passíveis a atitudes linguísticas são as variantes fonético-fonológicas. Em um cenário em que existam atitudes, avaliações e crenças explícitas na comunidade sobre determinados usos linguísticos, o falante de outra variedade pode se sentir pressionado a acomodar sua fala à variedade do grupo ou reforçar sua marca linguística original como forma de resistência e manutenção de identidade (Garrett, 2010).

O estudo da acomodação se relaciona com atitudes linguísticas na medida em que envolve crenças, significados sociais, identidades e até mesmo comportamentos avaliativos explícitos acerca das formas linguísticas, podendo inclusive ocasionar maior aceitação ou rejeição do falante na comunidade em relação a sua acomodação ou não acomodação à fala do grupo social (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garrett, 2010). É possível observar casos de acomodação dialetal, em que o falante se acomoda à variedade local, ou não acomodação, em que o falante mantém ou até reforça sua variedade linguística de origem. A teoria da acomodação se relaciona profundamente a fatores psicológicos, emocionais, sociais e linguísticos em uma inter-relação de falantes e comunidade de fala.

2.2.1 Crenças e atitudes: desenrolando as tramas e arrematando os nós

É fato que quem inicia os estudos de crenças e atitudes linguística costuma sentir um enorme desconforto quando se trata de entender as terminologias e as interrelações entre os componentes dessa área do conhecimento. Estudos ora parecem ter definições escorregadias ou utilizar constructos teóricos sem apresentar sua delimitação e relação com os outros elementos a serem discutidos. Dessa maneira, tomando como guia a gênese da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]), o trabalho de Botassini (2015) sobre a importância de estudos de crenças e atitudes, o apanhado de Garrett (2010) sobre atitudes linguísticas, os estudos de Oushiro (2015, 2021) sobre avaliação e percepção linguística, tece-se aqui um diálogo entre teóricos base desta pesquisa, para obter um melhor entendimento dos estudos do significado social da variação linguística.

2.2.1.1 Crenças e atitudes

Botassini (2015) aponta que o par “crenças e atitudes” aparece sempre assim, dois termos em conjunto. Buscando inicialmente isolar os termos, a autora busca definições de crenças em dicionários, textos da área de linguística aplicada, etnografia e educação. Em geral, crenças são vistas como constructos sociais que moldam a maneira de perceber o mundo, como também pode acarretar emoções, julgamentos e avaliações. A noção de crença em Barcelos (2007), trazida por Botassini (2015), traz as crenças como sendo sempre passíveis a (re)significação, são individuais, mas ao mesmo tempo compartilhadas socialmente.

Garret (2010) discorre que as atitudes são parte de nossa competência linguística, de maneira a ajudar na expressão, como também a compreensão linguística. Ainda segundo o

autor, as atitudes são aprendidas e sofrem grande influência do ambiente social (mídia, escola, ambiente doméstico *etc*). Em termos de estrutura, tradicionalmente as atitudes organizam-se a partir de três componentes principais: cognição, afetos e comportamento. Com isso, as atitudes (1) se relacionam à cognição por possuírem conjuntos de crenças e significados sociais; (2) são afetivas pois envolvem sentimentos acerca de algum objeto, que pode ser aprovado ou desaprovado em algum nível; (3) apresentam um componente comportamental a partir da predisposição a agir de determinadas maneiras que estejam de acordo com os componentes cognitivo e afetivo (Garret, 2010).

Existem algumas noções relacionadas às atitudes discutidas por Garret (2010), das quais se destacam os estereótipos sociais e a ideologia. Iniciando-se pelos estereótipos sociais, o autor afirma que uma base para a estereotipação está no exagero no destaque das similaridades de um grupo social, ocasionando uma planificação da realidade, e na diferenciação acentuada entre distintos grupos sociais. De acordo com Garret (2010, p. 33, tradução nossa):

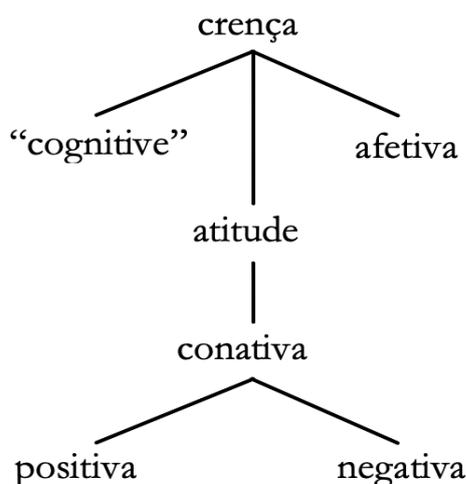
[...] estereótipos cumprem um propósito de diferenciação social, motivando-nos a preservar e marcar distinções favoráveis dentro de nosso próprio grupo e a grupos externos relevantes. Relacionando-se ao conceito de ideologia, os estereótipos servem a uma função explanatória social, o que significa que eles criam e mantêm ideologias que justificam e defendem as relações entre grupos e como os membros de grupos externos devem ser avaliados e tratados [...] os estereótipos, então, realizam um papel de manutenção de desigualdades que favorecem alguns e desfavorece outros (Smith e Mackie, 2000).²

Garret (2010) aponta que a ideologia tem chamado muita atenção às ciências sociais a partir do resgate do interesse em cenários políticos e possibilidades de como a vida social é conduzida. Para o autor, linguisticamente, existe a ideologia da linguagem padrão, baseada nos princípios de correção, autoridade, legitimação e prestígio (*status*), dessa maneira, a variedade padrão da língua é legitimada em detrimento da estigmatização das variedades não-padrão. Portanto, Garret (2010) encerra que a pesquisa em atitudes linguísticas pode ser vista como uma opção metodológica para o estudo de ideologias linguísticas.

Em vias explicativas, Botassini (2015) elabora, baseado em López Morales (2004), um diagrama (Figura 1) em que podem se visualizar as correlações, hierarquizações e níveis da organização teórica de crenças e atitudes linguísticas e seus elementos constituintes.

² [...] stereotypes serve a social differentiation function, enabling us to preserve and enhance favourable distinctions between our own group (ingroup) and relevant outgroups. And linking to the concept of ideology, they also serve a social explanatory function, meaning that they create and maintain group ideologies that justify and defend relations between the groups, and how members of outgroups should be evaluated and treated [...] Stereotypes, then, play a role in maintaining inequalities which advantage some and disadvantage others (Smith and Mackie 2000).

Figura 1 – Organização relacional das crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Botassini (2015, p. 117).

Nesta hierarquia, a crença contém os componentes associados às atitudes: o componente cognitivo, afetivo e o comportamento (destacado no infográfico como a peça conativa), delimitando comportamentos negativos ou positivos.

2.2.1.2 Avaliação linguística, autoavaliação, avaliação social, reação subjetiva e percepção: o que é tudo isso?

O problema da avaliação é definido, na gênese da TVM, como a busca de correlatos subjetivos a formas variantes (Labov; Herzog; Weinreich, 1968). Ou seja, a avaliação busca “como membros da comunidade reagem à mudança em andamento e que informação expressiva as variantes vinculam” (Labov, 2008 [1972], p. 326).

O estudo da avaliação linguística, apesar de ser de interesse dos linguistas, ênfase nos sociolinguistas, surgiu na psicologia social. O estudo das reações subjetivas e atitudes acerca dos francófonos e anglófonos em Quebec, no Canadá, desvela que as reações subjetivas e atitudes às línguas faladas podem ser interpretadas como um reflexo da influência de estereótipos da comunidade (Lambert *et al.*, 1960). Labov (2008 [1972]) incorporou a avaliação como não apenas a línguas faladas, mas a fenômenos de variação e traços linguísticos particulares. O autor postula que o princípio proporcionado pelo trabalho de Lambert *et al.* é a compreensão da existência de atitudes linguísticas e da uniformidade delas em uma comunidade, bem como postular uma metodologia para flagrar essas atitudes.

Dessa maneira, o autor afirma que na pesquisa sociolinguística “[...] examinamos um aspecto complementar à estratificação social: a avaliação social. Desenvolvemos um teste

de reação subjetiva para isolar as reações sociais inconscientes aos valores de variáveis fonológicas individuais” (Labov, 2008 [1972], p. 145). Assim, o significado social é parte da estratificação social. Podemos categorizar um falante como escolarizado, jovem, morador de grandes centros urbanos a partir de dados empíricos e documentais sobre isso, assim como significar esses atributos como, por exemplo, de prestígio social e até mesmo intuir informações como essas ao ouvir variantes linguísticas de um falante.

Labov, sobre o estudo na ilha de Martha’s Vineyard, afirma que os primeiros estágios de uma mudança linguística carecem de significado linguístico ou social: “Somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua.” (Labov, 2008 [1972], p. 43). O autor também afirma que o significado social é o “parasita da língua”, que se esgueira quando existem maneiras distintas de se dizer a mesma coisa. É pressuposto da sociolinguística que nem todas as formas são acima do nível de consciência dos falantes; os *indicadores* passam despercebidos, os *marcadores* são passíveis a estratificação social e variação estilística e os *estereótipos* são de alta saliência social e algo de comentário sociolinguístico. Seguindo o fio do pensamento Laboviano, formas acima do nível de consciência podem exercer um papel social, pois, apesar de responderem a um mesmo local na gramática e de um mesmo valor referencial ao ponto que podem ser intercambiáveis em um mesmo contexto, a nível social podem existir significações diferenciadas às formas e a estratificação e valoração dentro da comunidade.

As reações subjetivas, atitudes e a significação social podem ser mensuradas por meio de testes de reação subjetiva e estímulos pareados (*matched guise*) e distratores que buscam impedir a identificação do objetivo/objeto do estudo pelo participante. A autoavaliação, para Labov, tem uma metodologia de uma abordagem direta e transparente: indagar o falante quais formas são características da sua própria fala. O objetivo não é mensurar e prever os padrões reais de fala, mas buscar nas respostas “[...] a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser a “correta [...]” (Labov, 2008 [1972], p. 249), pois é inferível que o falante, caso estigmatize e repudie o uso de uma determinada forma, ele não se afirmará como um falante dessa variante.

Oushiro (2015, 2021) realiza uma distinção entre percepção e avaliação linguística. A autora afirma que seu estudo considera a percepção como as inferências que surgem ao ouvir um falante, sendo parte do nosso conhecimento linguístico, automáticas e inconscientes. A avaliação linguística faz referência ao discurso metalinguístico sobre as variantes linguísticas, com consciência do fenômeno em questão. Uma observação importante é que nenhum dos

termos é cunhado/delimitado por Labov (2008 [1972]). A autora realiza um teste de reação subjetiva com falsos pares e nisso discorre sobre a percepção no cunho social unicamente.

Campbell-Kibler (2009) utiliza o termo percepção para se referir ao *processo* imbricado à exposição a um estímulo externo, no caso linguístico, e o que podemos adquirir de informação a partir desse fato. Assim, como resultado desse processo de percepção, podemos reconhecer fatores como a avaliação social da fala, o reconhecimento de informações sociais a partir da fala e a compreensão linguística. A autora afirma que a percepção não é apenas o processo de significação social a partir da fala, mas que os falantes “[...] também usam a informação social disponível para eles para compreender melhor o material linguístico ao redor deles.” (Campbell-Kibler, 2009, p. 382, tradução nossa).³ Eckert (2008) traz a ideia de bricolagem de fatores ideologicamente relacionados, que parte de elementos linguísticos e não linguísticos, e podem ser importantes para o estudo da percepção linguística. Por exemplo, um falante usa um determinado estilo de roupas, visita locais específicos, tem determinadas práticas sociais e terá um padrão de usos linguísticos que podem se correlacionar com esses outros fatores extralinguísticos na comunidade.

Significados sociais são investigadas pelo conceito de campo indexical de Eckert (2008), em que significados sociais ideologicamente relacionados tendem a serem potencialmente evocados a partir do processo de percepção linguística, esses significados não são estáveis, e sim são construídos na comunidade, passíveis de influência do contexto de comunicação, os falantes envolvidos *etc.* Dessa maneira, este estudo escolhe ver os significados sociais interligados com as crenças e ideologias pertencentes a uma comunidade e/ou grupo social. Eckert (2008) afirma que os significados não são categorias fixas e imutáveis, como a estratificação social taxativa (ex. homem, branco, classe média baixa, nível de escolaridade médio), mas como categorias sociais fluidas. Adentrando as comunidades de práticas, vemos como as crenças se transformam, algo visto como inadequado e feio por um grupo, pode ser visto como marca de *status* por outro.

Pode-se, então, traçar um paralelo entre a reação subjetiva e a percepção que alguém tem ao ouvir outro falante. Isso pode acarretar uma *avaliação social* de algum uso e/ou uma atitude social perante a língua (ex. preconceito linguístico). Essa informação não linguística atrelada às variantes se chama significado social. A avaliação linguística seria uma avaliação metalinguística, podendo se relacionar com a autoavaliação de Labov (2008 [1972]) no sentido

³ [...] they also use the social information available to them to better understand the linguistic material around them.

da consciência do que está sendo avaliado, mas também para perguntas mais diretas acerca do sistema linguístico, por exemplo: “qual sua opinião sobre o uso de [t,d]?”.

Aponta-se que os estudos de percepção têm sido produtivos e passíveis a resultados que desvelam complexidades na significação social da variação, alguns fatores têm sido recorrentes como categorias de avaliação social às formas linguísticas, tais como: identidade geográfica (paulista, nordestino, gringo); grupos sociais (gays, jogadores de futebol, nerds, patricinha); características pessoais aos falantes (ser pedante, culto, honesto, sofisticado), critérios estéticos (feio, bonito, *chic*) e de inteligibilidade (fala truncada, fala bem articulada) (Oushiro, 2015, 2021; Freitag; Santos, 2016).

2.2.1.3 Identidade linguística

Botassini (2015) traz o texto de Moreno Fernández (1998) que descreve a identidade como algo que permite a diferenciação de etnias, povos e grupos. A autora afirma que existem maneiras objetivas e subjetivas de se entender a identidade. De maneira objetiva, seriam instituições unificadoras, assim como traços culturais. De maneira subjetiva, a identidade seria reconhecida pelos sentimentos partilhados, o senso de comunidade e a maneira como se posicionam e se diferenciam de outros grupos.

Em termos mais complexos, Eckert (2008) postula que diferentes maneiras de dizer sinalizam diferentes maneiras de se ser. Dessa maneira, a variação de estilos linguísticos nasce no significado social da variação. A autora afirma que atos linguísticos são também atos de identidade, relacionando-se a categorias macrosociais e envolvendo-se na prática social que produz e reproduz significados sociais. Em um *continuum* de variação estilística e percepção na identidade linguística atesta-se que nenhum falante possui um estilo único, ou seja, ninguém exhibe comportamento linguístico em que sempre se reporta às mesmas variantes em todos os contextos de comunicação, assim como em uma comunidade, existirão grupos que irão diferir uns dos outros, e é a partir dessa variação que existe a construção de *personas* e identidades sociais. A construção de *personas* não é estática, assim como o estilo linguístico, pode-se transmutar a partir do contexto social e de comunicação em que as pessoas estão inseridas. Um exemplo apontado por Eckert (2008) é do campo indexical de /t/ no inglês americano a partir de Podesva (2004, 2007), em que a construção de *personas* transita de “*diva gay*”, “*britânico*”, “*professor*” a “*menina nerd*”.

Oushiro (2015) disserta sobre a variação proporcionar identidade na pluralidade. Em consonância com postulados teórico-metodológicos de Eckert, aponta que mesmo em

centros urbanos cosmopolitas, como a capital São Paulo, sendo a cidade uma comunidade de fala é possível que todos os membros identifiquem *personas* da comunidade a partir de traços linguísticos compartilhados por determinado grupo em bricolagem com outros signos (roupas, grupo social, maneirismos *etc*).

2.2.1.4 Lealdade e deslealdade linguística

O contexto de lealdade e deslealdade se relaciona intimamente com a noção de identidade. Ao passo que ao afastar-se da identidade do grupo de origem em detrimento de outro, traços linguísticos podem se transformar, a lealdade representaria uma atitude positiva em relação ao grupo, enquanto a deslealdade representaria uma atitude negativa e um movimento de distanciamento (Botassini, 2015).

Os conceitos de lealdade e deslealdade parecem ser outros termos para a acomodação e as noções de divergência e de convergência linguísticas (Giles; Coupland, N. Coupland, J., 1991; Garrett, 2010). Se existe simpatia a um grupo, desejo de integrar-se a suas práticas, compartilhar costumes e/ou ser visto como membro, é mais provável que a fala do indivíduo convirja as variedades linguísticas do grupo-meta, o que caracteriza a acomodação. Caso o falante seja fiel a sua identidade de origem, não simpatize com o outro grupo e/ou não deseje inserir-se em suas práticas e cultura, é provável que, ainda que o falante viva cercado pelo grupo, seu comportamento linguístico seja divergente.

Garret (2010) discorre sobre um caso de um jovem que, por um período, residiu fora de sua comunidade de origem, e, ao retornar ao seu bairro e dialogar com antigos colegas, o jovem foi física e verbalmente agredido pelos antigos pares, sob a alegação que o repertório linguístico da vítima havia se alterado e ele não era mais parte do grupo, o que foi visto como desleal e extremamente negativo. Essa breve narrativa pode ilustrar como identidades, crenças, e atitudes linguísticas podem mesclar-se a contextos sócio-históricos e culturais e a importância de se compreender a complexidade dos fatos linguísticos.

2.2.2 Decisões teórico-metodológicas para estudos de terceira onda sociolinguística: pondo os pés no chão

Para este estudo, adotamos as seguintes definições, esclarecendo as hierarquias e definições a partir do percurso aqui discutido:

1. Crenças geram atitudes;
2. Atitudes são reações sociais (que são, em geral, avaliativas, em questão de aceitação ou não aceitação ao objeto ao qual se reage) e podem abarcar/gerar comportamentos em relação ao uso da língua;
3. Crenças e atitudes geram percepções (em um processo de reação subjetiva a estímulos linguísticos);
4. Percepções geram avaliações sociais;
5. Crenças e atitudes geram avaliações (meta)linguísticas.

2.3 Estudos de contato linguístico e um olhar para a percepção e aquisição de um segundo dialeto da mesma língua

Um dos objetivos do AliB é demarcar isoglossas e obter distinções dialetais em mapas linguísticos (Cardoso *et al.*, 2014^a). Contudo, sabemos que essas fronteiras não são taxativas, ou seja, não é cruzando um determinado limite que se transforma completamente o dialeto, mas sim, podemos ter abstrações de zonas dialetais a partir de padrões linguísticos que marcam identidades e diferenças de uma comunidade em detrimento de outra. Além disso, existem cenários de bilinguismo (zona de fronteiras e comunidades indígenas, por exemplo) e diglossia, onde podem coexistir distintas variedades em um mesmo território, contudo, exercendo diferentes papéis dentro da comunidade.

Tratando-se de dialetos, existem duas classificações majoritárias: o dialeto regional e o nacional. O dialeto regional opõe-se ao dialeto nacional, considerando a variação linguística de viés geográfico. Sobre a aquisição de um segundo dialeto regional de uma mesma língua, pouco ainda foi estudado, e o que foi estudado tem sido pouco difundido (Sigel, 2010). Um fator que tem chamado a atenção nos estudos de aquisição de segundo dialeto é o *deslocamento*,

Até recentemente, a dialetologia não havia abraçado completamente o fato de que, com a rotina, trabalhadores se *deslocam* e assim o fazem, frequentemente, por propósitos de interação, o que necessariamente os leva a falar (com certa frequência) diferentes variedades linguísticas (Britain, 2010, p. 208, tradução nossa).

Existem estudos de contato dialetal focados no bilinguismo, mas aqui nos atemos a um contato do cotidiano de comunidades e pessoas que são expostos a outras variedades regionais. Consideremos as grandes cidades e capitais como um chamariz de variedades, pela convivência com migrantes e o deslocamento cotidiano que pode transmutar municípios e até

estados; consultas médicas, trabalho, turismo, estudos e visitar familiares são apenas alguns entre inúmeros motivos que levam pessoas a deslocar-se todos os dias.

Bisinoto (2000) conduziu um estudo de em Cáceres-MT sob os efeitos do processo migratório nas atitudes e variações linguísticas. A autora afirma que a variedade linguística da cidade é estigmatizada e é um estereótipo, sofrendo sanções sociais ao ponto que pressiona, segundo a autora, um possível abandono da variedade local. Bisinoto (2000) aponta que não apenas os migrantes (brasileiros nativos de outras regiões que estabeleceram residência em Cáceres) apresentam atitudes negativas em relação ao falar regional, mas também existe uma auto-avaliação negativa dos falantes locais, sendo

[...] as pessoas que lidam mais intensamente com a linguagem em suas atividades profissionais – professores, advogados, jornalistas, radialistas – também mais intensamente percebem os fenômenos linguísticos, e, por outro lado, interferem de forma mais decisiva no processo de mudança (Bisinoto, 2000, p. 52).

Ao passo que a rotina das pessoas as leva a lugares mais distantes e a deslocar-se mais amplamente, a ocorrência de formas dialetais que elas utilizam também expande. Conseqüentemente, formas fortemente marcadas como de um dialeto local começam a se desgastar, ofuscadas por formas que satisfaçam a necessidade de uma maior abrangência geográfica; “Esse processo vem sendo chamado de ‘supra-localização’ (Milroy; Milroy; Hartley, 1994), ‘nivelamento dialetal regional’ (Kerswill, 2003), ou ‘suprar-regionalização’ (Hickey, 2003)” (Britain, 2010, p. 213, tradução nossa), ou seja, variantes menos salientes, entre o linguístico, social e o regional, têm mais chances de serem parte do repertório dos falantes.

Tagliamonte e Molfenter (2007) apontam que uma aquisição completa de um segundo dialeto se relaciona profundamente com a integração e adaptação à comunidade de fala local. As autoras discorrem, em consonância com outros estudos, que as crianças são as mais passíveis a adquirir um segundo dialeto de maneira completa, inclusive realizando variantes fonéticas abaixo do nível de consciência. Porém, nos seus dados, Tagliamonte e Molfenter (2007) desvelam que crianças abaixo dos 5 anos ainda apresentam interferência do seu primeiro dialeto na fala, bem como crianças de pais de outras localidades tendem também a “repertórios misturados”. Um fator de relevância é a influência da comunidade para o falante, seja pelos pais, seja pela convivência e acesso às práticas e instituições locais.

Segundo Freitag, Martins e Tavares (2012), os corpora sociolinguísticos brasileiros tradicionalmente selecionam falantes que sejam nativos do local, filhos de nativos do local e que não tenham se ausentado da cidade de nascimento por períodos longos. Contudo, considerando a ascensão de estudos com enfoque no significado social, demanda-se também

coletas de dados linguísticos que contemplem a complexidade das comunidades de fala e grupos sociais expressivos, como os migrantes (Mendes; Oushiro, 2012).

A teoria da acomodação (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garrett, 2010) tem demonstrado que falantes podem adaptar sua fala ao uso de uma comunidade de fala e/ou um interlocutor e usar determinadas variantes linguísticas outrora não presentes em sua fala. O pressuposto é que, para existir acomodação, o falante reorienta o uso de formas linguísticas para se aproximar do falar do seu interlocutor e/ou da comunidade ao qual esteja em situação de comunicação. A acomodação da fala tem sido identificada como recurso para facilitar a comunicação, obter aprovação social e manter identidades sociais positivas. As formas que têm se mostrado mais passíveis a atitudes linguísticas são as variantes fonético-fonológicas. Em um cenário que existem atitudes, avaliações e crenças explícitas na comunidade sobre determinados usos linguísticos, o falante de outra variedade pode se sentir pressionado a acomodar sua fala à variedade do grupo ou reforçar sua marca linguística original como forma de resistência e manutenção de identidade (Garrett, 2010). Britain (2010) afirma que estudos baseados na teoria da audiência de Bell apontam que a acomodação não tende a ser categórica ou completa, mas sim, ela varia de acordo com a natureza da audiência e não ser ampla na comunidade como um todo (Britain, 2010).

O estudo da acomodação se relaciona com atitudes linguísticas na medida em que envolve crenças, significados sociais, identidades e até mesmo comportamentos avaliativos explícitos acerca das formas linguísticas, podendo inclusive ocasionar maior aceitação ou rejeição do falante na comunidade em relação a sua acomodação ou não acomodação à fala do grupo social (Giles; Coupland, N.; Coupland, J., 1991; Garret, 2010). É possível observar casos de acomodação dialetal, em que o falante se acomoda à variedade local, ou não acomodação, em que o falante mantém ou até reforça sua variedade linguística de origem. A teoria da acomodação se relaciona profundamente a fatores psicológicos, emocionais, sociais e linguísticos em uma inter-relação de falantes e comunidade de fala. Britain (2010) aponta que há casos em que a *avaliação social* da inovação sofre alterações no processo de difusão, pois pode existir um diferente contexto sociolinguístico em uma outra comunidade que recebe a variação do que na comunidade de origem.

3 EXPLICANDO O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t, d/ DIANTE DE /i/

Os fonemas consonantais são tipificados pela corrente de ar egressiva, vozeamento/desvozeamento, oralidade/nasalidade e ponto e modo de articulação. Os critérios são múltiplos e são amplamente estudados na fonética e fonologia do Português Brasileiro por linguistas como Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) e Cristófaros Silva (2021; 2022). Os segmentos consonantais são produzidos com alguma modalidade de obstrução, parcial ou total, do fluxo de ar. Devido à extensão e complexidade das classificações fonológicas, este capítulo detém-se aos fatores que contribuem para compreensão do processo de palatalização das consoantes. Dessa maneira, contempla-se nesta seção os pontos de articulação: alveolar, alveopalatal e palatais, quanto ao modo de articulação, contempla-se os modos: oclusivo, fricativo e africado.

No processo de vocalização consonantal, um articulador ativo se movimenta em direção a um articulador passivo, estático, do sistema fonador, dessa maneira, configura-se o ponto de articulação, categoria relevante para classificação consonantal. Para as formas /t, d/, considera-se relevante a língua como articulador ativo como articuladores passivos estão os alvéolos, em caso de oclusiva, ou o palato duro, em caso de africada (Cristófaros Silva, 2022).

Quadro 1 – Classificação de fonemas consonantais quanto à articulação alveolar ou alveopalatal

Classificação	Ponto de articulação	Exemplos
Alveolares	Ápice ou lâmina da língua (articulador ativo) toca ou vai na direção dos alvéolos (articulador passivo)	<i>tato e dados</i>
Alveopalatais	Parte anterior da língua (articulador ativo) toca ou se dirige para a região medial do palato duro (articulador passivo)	<i>chata, tchau, já e xarope</i>

Fonte: adaptado de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011).

A maneira como o ar passa pelas cavidades supra glóticas, superiores, é o que categoriza os modos de articulação. Os modos de obstrução desse fluxo de ar são definidos pelo “grau e natureza da estritura” (Cristófaros Silva, 2022, p. 33). Abaixo descrevem-se o modo oclusivo, caracterizado pela obstrução do fluxo de ar, o modo fricativo, caracterizado pela oclusão parcial do fluxo de ar e o modo africado, caracterizado por fatores comuns aos dois

modos anteriores, sendo um momento de oclusão total seguido por uma oclusão parcial com fricção.

Quadro 2 – Classificação de fonemas consonantais quanto ao modo de articulação oclusivo, fricativo e africado

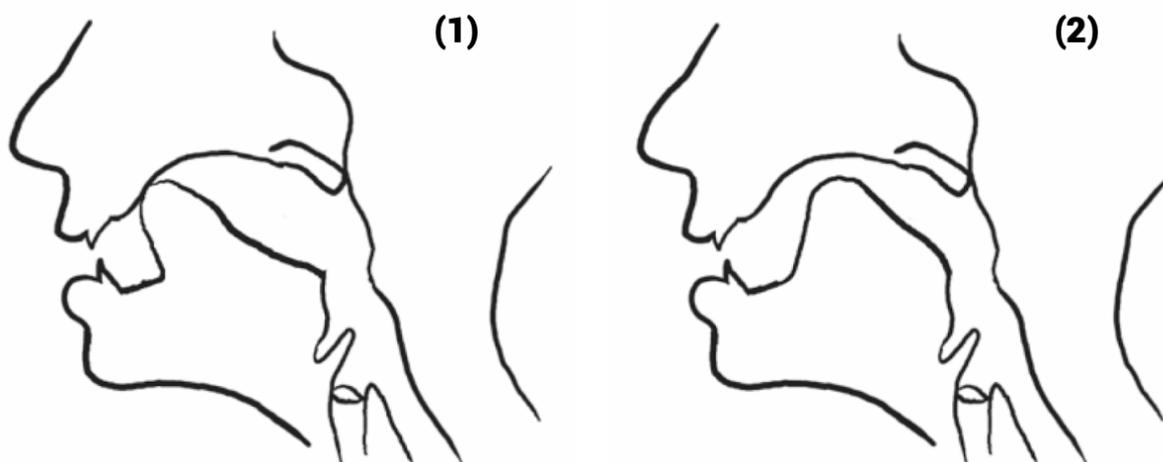
Classificação	Modo de Articulação	Exemplos
Oclusiva/ plosiva	Produzida com uma obstrução total e momentânea do fluxo de ar nas cavidades supraglóticas, realizada pelos articuladores (ativo e passivo), daí chamada de oclusiva. Quando a explosão acústica gerada na liberação da oclusão é percebida, esse segmento pode ser também chamado de plosivo	<i>tarô e dodô</i>
Fricativa	Produzida com um estreitamento do canal bucal, ou seja, uma oclusão parcial, realizada pelos articuladores, fazendo com que a passagem do fluxo de ar nas cavidades supraglóticas gere um ruído de fricção. O véu do palato encontra-se levantado e o som sai apenas pela cavidade oral	<i>fava, saca, chato e jato</i>
Africada	Produzida com uma oclusão total e momentânea do fluxo de ar, seguida de um estreitamento do canal bucal, gerando um ruído de fricção, logo após o relaxamento da oclusão. Aqui também o véu do palato se encontra levantado, e o fluxo de ar passa apenas pela cavidade oral. Essas consonantes são todas produzidas com a parte anterior da língua tocando na região pós-alveolar e depois se afastando, gerando fricção	<i>tchau, tia e dia⁴</i>

Fonte: adaptado de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011).

Desse modo, o fonema africado é realizado por um fenômeno chamado palatalização, em que um segmento adquire o traço [+palatal], o alçamento da língua em direção ao palato, a partir do fenômeno de articulação secundária chamado palatização (Cristófaró Silva, 2022). A figura 2 representa a articulação do fonema africado [tʃ]:

⁴ Essas últimas, [tʃia] e [dʒia], consideradas, por exemplo, no dialeto carioca.

Figura 2 – Configuração articulatória do fonema africado: (1) movimento de oclusão total e (2) movimento de bloqueio parcial com fricção



Fonte: adaptado de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 54).

Com isso, os fones /t, d/ tem como alofones, formas variantes, quatro formas: (1) a consoante oclusiva dental-alveolar surda; (2) a consoante oclusiva dental-alveolar sonora; (3) a consoante africada alveopalatal surda e (4) a consoante africada alveopalatal sonora. Essas consoantes orais distinguem-se também pelo traço [+vozeado] e [-vozeado], sendo as sonoras as que apresentam vibração nas cordas vocais e as surdas as que não apresentam vibração.

Quadro 3 – Classificação das consoantes alofônicas de /t, d/

Consoante	Classificação	Exemplos
[t]	Consoante oclusiva dental-alveolar surda	Tiara: [ti'arɐ]
[d]	Consoante oclusiva dental-alveolar sonora	Diário: [di'ariu]
[tʃ]	Consoante africada alveopalatal surda	Tiara: [tʃi'arɐ]
[dʒ]	Consoante africada alveopalatal sonora	Diamante: [dʒi'ariu]

Fonte: adaptado de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011).

Um gatilho apontado para a palatalização, também chamado de africacão, das oclusivas dentais /t/ e /d/, fenômeno fonético contínuo característico de variedades do Português Brasileiro, é o contexto fonológico subsequente /i/ ([i, I, Ĩ]) ou glide palatal [j] (Cristófarro Silva, 2021). De acordo com Hora (1993, p. 190), “Contatou-se que a palatalização deve ser vista

como o espriamento do traço [+ coronal] da vogal e conseqüente mudança do traço [+ anterior] da consoante para [- anterior]”. Com isso, a palatalização regressiva é altamente associada ao traço [+ coronal].

É interessante acrescentar que Battisti e Hermans (2016) apontam a vogal alta [i], vogal anterior, alta e não arredondada, como o único gatilho para palatalização no Português Brasileiro, mas também atestam que esse movimento é comum em outras línguas do mundo, tornando central o papel da vogal e da coronalização para o fenômeno da palatalização em geral, evidenciando a natureza articulatória que facilita o fenômeno.

3.1 A palatalização das oclusivas alveolares [t,d] diante de /i/ no Português Brasileiro

A palatalização regressiva, que ocorre diante de /i/, é um processo em expansão no Português Brasileiro e é estudado em diversas comunidades de fala por todo o Brasil. Para descrição do fenômeno, Abaurre e Pagotto (2002) realizaram um levantamento com 30 inquiridos das capitais Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, controlando a variável dependente ternária da oclusiva dental [t] e [d], a africada [ts] e [ds] e a africada palato-alveolar [tʃ] e [dʒ]. As variáveis independentes foram a sonoridade, contexto precedente, contexto seguinte, natureza do contexto seguinte a vogal [i], posição na sílaba na palavra, posição da sílaba em relação à tônica, sílaba portadora de acento na frase, posição morfológica da variável, classe de palavra onde se encontra a variável, sexo do informante, faixa etária, tipo de registro do inquirido, região e informante. Por região encontramos o seguinte resultado:

Tabela 1 – Distribuição da variante [tʃ] por Região (cidades brasileiras)

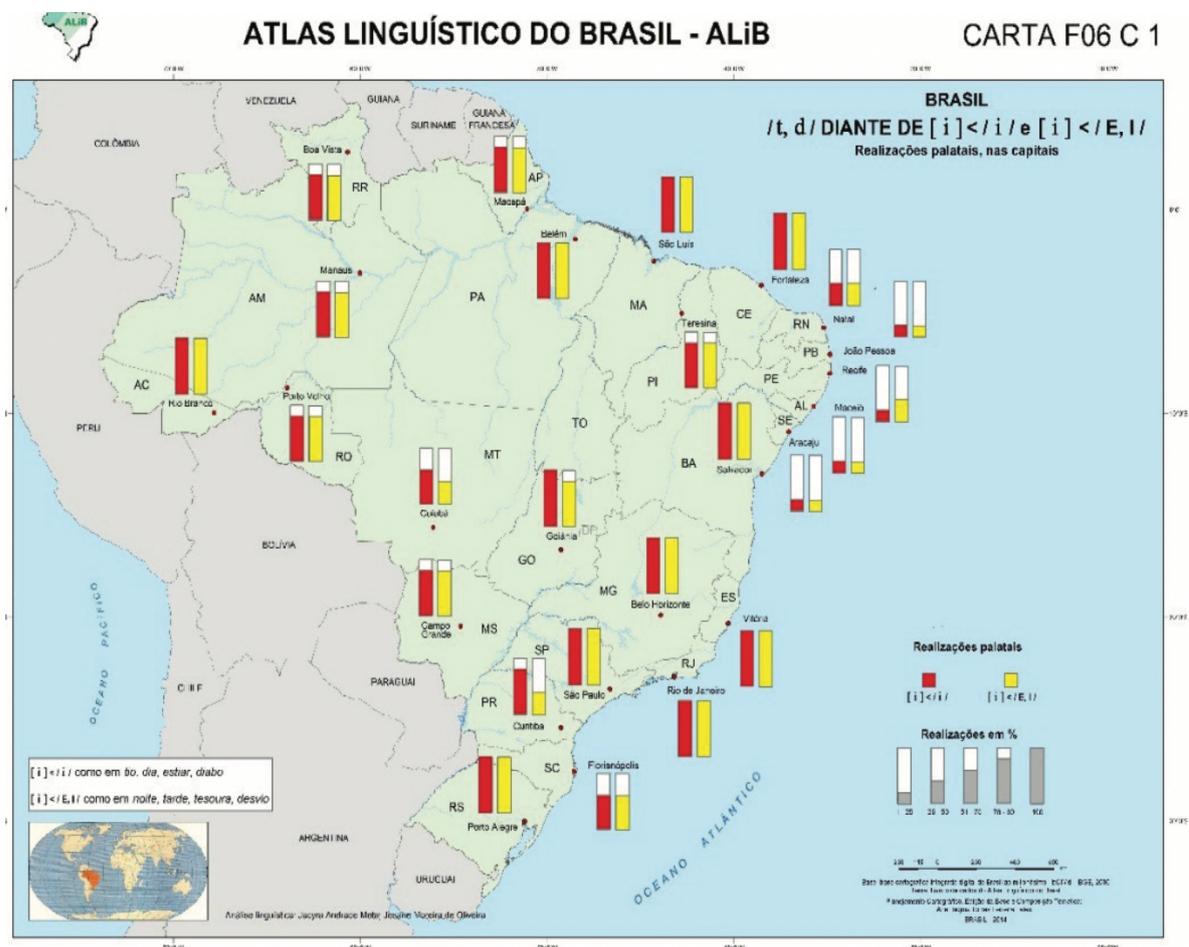
Região geográfica	Frequência [tʃ]	%	PR
Recife	66/949	7	.02
Salvador	642/755	85	.73
Rio de Janeiro	841/844	100	.99
São Paulo	523/747	73	.48
Porto Alegre	304/759	40	.18
Total	2.396/4.054	59	
Input. 76			

Fonte: Abaurre e Pagotto (2002, p. 566).

Pode-se observar que a variável Região é um fator forte para realização da forma palatalizada, em um extremo de favorecimento no Rio de Janeiro e de desfavorecimento em Recife. Outros fatores relevantes para a palatalização foram a faixa etária, com ênfase nos mais jovens e nos adultos (faixa etária economicamente ativa), sonoridade desvozeada ([t]), contexto anterior [ʃ] e [y], contexto subsequente de /i/, monossílabos, posição morfológica de raiz e classe de palavras (adjetivo, verbo e advérbio).

Em dados do AliB, podemos perceber a predominância da forma palatalizada na maioria das capitais brasileiras, nas capitais do Nordeste, sendo as capitais mais a oeste (Teresina, São Luís e Fortaleza) e sul (Salvador) favorecedoras da palatalização. A predominância das formas oclusivas atém-se ao litoral leste (Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju), ainda que o AliB registre capitais com 100% de formas palatalizadas, como a cearense. Apesar das oclusivas serem um aspecto fônico marcante do falar nordestino (Mota, 2016), não existe nenhuma capital com totalidade de oclusivas, fato que pode contribuir para a argumentação das motivações estruturais à palatalização.

Figura 3 – Ocorrências de /t, d/ palatal diante de /i/ nas capitais brasileiras (AliB)



Fonte: Cardoso *et al.* (2014b, p. 123).

Fatores linguísticos como contexto fonológico anterior, contexto fonológico seguinte, tonicidade, sonoridade, tamanho da palavra, entre outros fatores, têm se mostrado influentes para realização variável da palatalização. E, entre os fatores extralinguísticos, a maior influência é a zona dialetal do falante, ainda que o sexo e faixas etária indiquem, em comunidades com indícios de mudança, o uso predominante das palatais pelo sexo feminino, pois na hipótese clássica laboviana as mulheres tendem a liderar o uso das variantes de prestígio e o uso expressivo da variante palatalizada nas faixas etárias mais jovens, o que poderia ser um indício de mudança em tempo aparente (Hora, 1993; Cristófaros Silva *et al.*, 2012; Henrique; Hora, 2012; Hora; Henrique; Amorim, 2018).

Hora, Henrique e Amorim (2018) apontam o maior condicionamento a palatalização por contexto precedente de consoantes coronais palatais, posição tônica, sonoridade desvozeada e palavras curtas, com ênfase nos monotongos.

Quadro 4 – Variáveis linguísticas influentes na produção e percepção da palatalização /t, d/

Contexto Precedente	[ϕ], [ʃ], [ʒ], [h], [j], [i], [e], [a], [u], [o], [ɔ], [ɛ], [n]
Vozeamento	Vozeado, Desvozeado
Tonicidade	Tônica, Pretônica, Postônica
Número de Sílabas	Dissílabo, Trissílabo, Polissílabo
Categoria Gramatical	Adjetivo, Substantivo, Verbo
Par de Palavra	Dicção, Hereditário, Odiar, Jurisdição, Perdi, Fadiga, Podia, Decidido, Bípede, Cuide, Rude, Apêndice, Tiver, Esticado, Petição, Mutilação, Curti, Demiti, Rotina, Adotivo, Mete, Açoite, Simpático, Quente

Fonte: Hora, Henrique e Amorim (2018, p. 289).

Em pesquisa posterior, Cristófaros Silva *et al.* (2012) enfatiza o contexto fonológico coronal anterior e posterior na sua pesquisa. O estudo realizado com base em 8 falantes, atém-se a duas variedades do português brasileiro: a de Fortaleza, capital do estado do Ceará, variedade palatalizante, e as de Afonso Bezerra e Guamaré, localizadas no interior do Rio Grande do Norte, estado de variedade não palatalizante. A análise partiu da análise de padrões em 4 conjunto de itens lexicais organizados pelo contexto precedente e subsequente à ocorrência de /t, d/ diante de /i/.

Quadro 5 – Palatalização analisada a partir de itens lexicais e seus contextos precedentes e subsequentes à realização da oclusiva alveolar em itens lexicais

LÉXICOS	Padrões analisados	Exemplos
<i>Léxico-1</i>	ti, t ^h i, tʃi	<i>tio</i>
Vogal [i]	di, dʒi	<i>cardinal</i>
<i>Léxico-2</i>	tis, tʃis, ts	<i>antes</i>
Seguida de S	dis, dʒis, ds	<i>condições</i>
<i>Léxico-3</i>	ʃtʃi, ʃʃi, ʃi	<i>plástico</i>
Precedida de S		
<i>Léxico-4</i>	tiu, t ^h iu, tʃu	<i>pátio</i>
Postônica + iu	diu, dju, dʒu	<i>rádio</i>

Fonte: Cristóvão Silva *et al.* (2012, p. 71).

Os autores apontam que existe 100% de realização de africadas na fala de Fortaleza, sendo [tʃ] e [dʒ] predominantes no Léxico 1 e Léxico 4, e uma variação de [ts] e [ds] (ênfase no Léxico 3), ou até mesmo a completa palatalização para [ʃ] no Léxico 4. Na variedade Norte Rio Grandense, percebe-se a variação de formas oclusivas com formas palatalizadas diante de [i], com ênfase no Léxico 2 e Léxico 3. Constata-se que a comunidade de fala de Fortaleza-CE parece ter uma regra categórica de palatalização, enquanto na comunidade do Rio Grande do Norte parece haver um caminho a regra variável entre formas oclusivas e africadas. Porém, a pesquisa de Cristóvão Silva *et al.* (2012) aponta para um aumento progressivo da palatalização, a despeito da variedade da comunidade de fala, quando o contexto fônico precedente e/ou subsequente é a fricativa coronal /S/, em consonância com a hipótese de Bisol e Hora (1993) da coronalização.

Os estudos de Amorim, Hora, Nascimento e Henrique (2019^a, 2019b), em João Pessoa, versam sobre o processo de mudança em direção à forma palatalizada na comunidade de fala da capital pernambucana. É constatado em Amorim, Hora, Nascimento e Henrique (2019^a) a influência do estilo sob a produção da palatalização, indicando um aumento progressivo de africadas de acordo com o nível de monitoramento e formalidade do método de coleta, sendo a entrevista sociolinguística o menos monitorado, a leitura de texto de monitoramento médio e leitura do inquérito fonético o nível mais monitorado. Amorim, Hora, Nascimento e Henrique (2019b) apontam, em um estudo painel, de recontado com informantes do *corpus* VALPB (Variedades Linguísticas da Paraíba) um aumento discreto, porém significativo, de palatalização na fala dos informantes. Desse modo, os autores versam sobre

fatores sociais e estilísticos como condicionadores ao favorecimento da palatal em um possível processo de mudança em andamento.

Souza (2016) trabalhou em nível estadual em Sergipe, contemplando as comunidades de fala de Lagarto, Aracaju e Itabaiana. O estudo atestou o favorecimento da forma palatal em Sergipe e Itabaiana, demarcando o caráter geográfico, diatópico, da variação. Em consonância aos estudos anteriores, a posição de sílaba tônica, sonoridade desvozeada e contexto precedente fricativo/coronal foram favorecedores da palatalização. Um resultado interessante é a predominância da palatalização entre as mulheres, indicando um possível valor de prestígio a essa variante, seguindo a hipótese clássica sociolinguística.

Tratando-se de aquisição de segundo dialeto e considerando o contexto de migração, sobre a fala de Nordestinos residentes em São Paulo, Oushiro (2020) realizou uma análise da acomodação dialetal de parte dessa população. O *corpus* foi composto por 21 migrantes alagoanos e 11 paraibanos. Consideraram-se as variáveis sociais: sexo/gênero, faixa-etária, escolaridade, motivo da migração, origem (rural ou urbana), idade da migração, tempo de residência em SP e proporção da vida em SP. Destacando aqui os resultados da palatalização das oclusivas dentais /t, d/, Oushiro (2020) destaca a predominância das oclusivas dentais (55,8%) contra as africadas palato-alveolares (32,1%) e africadas alveolares (10,1%), que ainda somam um percentual relevante da amostra. O estudo revela uma correlação, em consonância com teorias da acomodação, que quanto mais jovem migrou o indivíduo, maior sua adoção a variáveis do falar urbano paulistano, com ênfase nas categorias fonético-fonológicas. A autora destaca também que, ao emigrar jovem, o falante também proporcionalmente terá vivido a maior parte do tempo não em sua cidade de origem, mas na cidade ao qual se estabeleceu pós-imigração, ou seja, existem fatores correlacionados que podem impulsionar a acomodação, que é a proposta desta pesquisa.

3.2 O fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares no Ceará

No estado do Ceará, existem estudos dialetológicos que contemplam a variedade de fala do Ceará, a exemplo: (1) Atlas Linguístico do Brasil (AliB) – Cardoso *et al.* (2014a, 2014b); (2) Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE) – Lima (2019); (3) Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense (Alicace) – Saraiva (2019) e (4) Atlas Linguístico do Ceará (ALECE) – Bessa (2010a, 2010b). Dentre esses estudos, os que se atêm à questão da palatalização são o AliB e o Alicace, ainda que os outros pontuem sobre aspectos fônicos do estado de maneira mais tímida.

Indica-se que nativos de Fortaleza apresentam altos índices de palatalização, apresentando 100% de palatalização em dados do Atlas linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014b). As regiões do interior, os sertões cearenses, apresentam progressivo aumento da realização das oclusivas proporcional à distância da capital, segundo hipótese de Lima (2019). A região do Cariri é a região mais geograficamente distante de Fortaleza, dessa maneira, também se indica que é a região de maior predominância de oclusivas.

A partir de Saraiva (2019), podemos observar, nas cartas fonéticas “noite” e “dia”, carta n. 39 e carta n. 40 respectivamente, índices em torno de 80% da realização das oclusivas dentais em dados da região do Cariri. O estudo foi realizado nas cidades de Araripe, Crato, Várzea Alegre, Aurora, Tarrafas e Porteiras, em cada qual se entrevistaram quatro (4) falantes, sendo dois (2) homens e duas (2) mulheres com escolaridade de 0 a 9 anos, pressupondo uma menor influência dos aparelhos formais de educação sob o uso linguístico dos informantes. Os falantes foram estratificados em duas (2) faixas etárias, sendo a faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (48 a 70 anos). A leitura da carta é realizada da seguinte maneira: em cada ponto, representando o município de coleta, há uma cruz com quatro espaços que representam a dimensão diageracional, faixa-etária dos informantes, e diagenérica, representando o gênero dos informantes. Na parte superior, está a faixa etária 1 (18-30 anos) e no canto inferior está a faixa etária 2 (48-70 anos). No lado esquerdo localizam-se os participantes homens e à direita as mulheres da amostra. No canto inferior, abaixo do mapa do Cariri, está a legenda das variantes linguísticas em questão, representadas por vermelho para forma oclusiva e azul para forma palatalizada, ao lado está o gráfico de proporção da realização das variantes.

Na carta Carta n.39 (NOITE), conferir Anexo – A, pode-se imaginar uma linha em que as cidades mais ao Norte variam entre oclusivas e palatais e as do Sul realizam somente oclusivas. Na Cidade de Várzea Alegre destaca-se a influência da faixa etária mais jovem no uso da forma palatalizada, como também essa variação só ocorre na faixa 1 na cidade de Tarrafas. No município de Aurora o fenômeno aparece de maneira mais pulverizada. Entre as respostas válidas, as cidades de Araripe, Crato e Porteiras apresentam 100% de oclusivas em dados do Alicace (Saraiva, 2019).

Na Carta n.40 (DIA), conferir Anexo – B) percebemos novamente o movimento das cidades mais ao norte realizarem a forma palatalizada em variação com a oclusiva, o que corrobora com a hipótese de Lima (2019) da relação proporcional entre distância da capital e realização das oclusivas. Novamente, a faixa etária mais jovem parece realizar um papel de influência na realização da palatalização, contudo, destaco a influência do sexo feminino na cidade de Várzea alegre em que ambas as informantes (100%) realizam a forma palatalizada.

Com isso, no Ceará, destaca-se nesta seção a influência de fatores sociais, em detrimentos de motivações linguísticas já previamente discutidas. É notável o condicionamento da zona dialetal na variação, marcando a diferença entre o norte, com a capital litorânea Fortaleza, e o Sul, região do Cariri, além da distância geográficas e diferenças socioculturais e econômicas que atravessam o estado do Ceará, é fato que a região do Cariri é uma zona de fronteira com os estados do Piauí, Pernambuco, Paraíba, o que potencializa diferentes contatos linguísticos.

3.3 Estudos de Crenças e Atitudes acerca da palatalização das oclusivas alveolares no Nordeste

Tratando-se de estudos de percepção, relacionando-se a crenças e atitudes acerca do fenômeno variável, existem alguns estudos na região nordeste que serão enfatizados nesta pesquisa. No agreste alagoano (Vitório, 2020), a percepção foi estudada a nível regional. A autora se propõe a estudar se a variação é acima do nível de consciência da comunidade, a crença ao próprio uso linguístico (autoavaliação) e a percepção acerca da variação diatópica, escolarização e o preconceito linguístico. Para isso, foi realizado um questionário de atitudes linguísticas a 102 estudantes (20-35 anos) do ensino superior da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca. Os informantes apontam que a palatalização regressiva não é um uso comum na comunidade nem do seu próprio repertório linguístico, a forma também é associada a um uso escolarizado, bonito, correto e prestigioso e de comunidades de alta valoração social, como o Sudeste.

Em Sergipe (Ribeiro; Corrêa, 2018; Freitag; Santos, 2016), foi realizado um teste por meio da metodologia de *matched guise*, aplicado presencialmente a 58 falantes do interior, com maioria das cidades de São Cristóvão e Lagarto, e da capital do estado, Sergipe. Os resultados foram coletados por meio da escala *Likert*, de 1 a 5, em que maior o nível de aceitação é diretamente proporcional a progressão das escalas. Os estímulos para o teste foram coletados a partir da fala de dois voluntários jovens e alunos do ensino superior. A percepção das variantes a nível estadual e apontam que a variante palatalizada é vista como o uso de pessoas mais escolarizadas, que falam bem, falam bonito, relativamente mais formais e uma variedade da capital. As autoras apontam que a variante é prestigiada na comunidade analisada. Para as oclusivas, não há uma relação de estigmatização, mas sim de neutralidade das avaliações.

Em João Pessoa (Amorim, 2017; Hora; Henrique; Amorim, 2018), a nível municipal, além de buscar se a variante oclusiva é saliente socialmente e relaciona-se a

identidade do falante pessoense, a também percepção tem um enfoque acústico, no sentido de investigar se a palatalização é capturada pelos informantes, principalmente em casos de contexto precedente [ʃ], que pode dificultar a diferenciação da forma palatalizada e oclusiva. As gravações foram realizadas no *software* Praat e estratificadas em relação ao contexto fonológico precedente, tonicidade, número de sílabas, categoria gramatical e vozeamento. Aponta-se que os ouvintes pessoenses percebem a forma oclusiva dental como parte do seu dialeto e se identificam com os estímulos de [t] e [d]. Um fator interessante é que, quanto maior a idade do ouvinte, mais a sua capacidade de distinção do par oclusiva/africada; as mulheres, em geral, também foram mais sensíveis a distinção.

Esses trabalhos, cada um com diferentes objetivos, metodologias e resultados, atêm-se a averiguar a natureza desse fenômeno como acima do nível de consciência dos falantes, identificar as formas como pertencentes ou não a sua comunidade de fala, investigar identidades sociais e regionais atreladas ao uso e até mesmo flagrar estigma, prestígio e preconceito linguístico. Indica-se que os falantes têm consciência deste fenômeno variável e que a forma palatalizante é vista como bonita, formal e associada ao uso de grandes centros urbanos, enquanto a forma oclusiva dental carece de prestígio.

Como já dito, é fato que o fenômeno da variação da palatalização é acima da consciência da comunidade cearense (Bessa, 2010a). Contudo, não existem pesquisas sobre o viés da avaliação e percepção linguísticas, buscando crenças e atitudes perante o fenômeno, bem como também o fenômeno não foi amplamente descrito nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista.

dados de 2020 (IPECE, 2021^a), é em média de 74,9 anos, sendo 78,8 anos para as mulheres e 71 anos para os homens, a expectativa de vida inferior do sexo masculino segue a tendência nacional. Ademais, é fato que a expectativa de vida do cearense é cerca de dois anos inferior à média brasileira (IPECE, 2021b).

O informe do IPECE (2021c) sobre a densidade demográfica e estimativa de população dos municípios cearenses aponta que os municípios mais populosos do Ceará se localizam no litoral norte do estado, em especial a macrorregião de Fortaleza, sendo o mais populoso Fortaleza com 2.703.391 habitantes, e ao extremo sul do estado, na região do Cariri, com destaque aos municípios do Crato e Juazeiro do Norte, entre 100.001 e 500.000 habitantes. As regiões mais ao centro do estado e de suas fronteiras leste e oeste possuem, em geral, densidade demográfica baixa, entre 7,21 e 50 hab./km², ou seja, são menos populosas e povoadas.

Considerando a raça/cor/etnia, em 2019 o Brasil possuía 56,3% da população que se autodeclara preta ou parda, contra 42,3% de brancos. No Ceará, 72,5% da população se declara preta ou parda, contra 27,4% de brancos, mais próximo aos índices apresentados pela população nordestina (IPECE, 2021b). Apesar de existirem aproximadamente 36 mil pessoas indígenas no Ceará, pertencentes a 15 povos⁵, infelizmente a amostra coletada não apresenta dados desse grupo.

Em relação à escolaridade dos cearenses, os indicadores sociais do Ceará (IPECE, 2021b) apontam uma taxa de analfabetismo de 13,6%, próximo a média do nordeste (13,9%). O índice é maior que o dobro da média nacional (6,6%), o que pressiona as políticas públicas do Ceará para o aumento dos esforços para universalização do ensino. A escolaridade média do Cearense com 25 anos ou mais é de 8,1 anos, idêntica à média nordestina, em contraponto aos 9,4 anos da média nacional. Com isso, em termos totais, a maior parte dos Cearenses frequentou apenas o ciclo básico de educação e constata-se que apenas 40,3% concluíram o ciclo obrigatório, o ensino médio. O número de pessoas com ensino superior completo chegou a 12,1%, em 2019, rivalizando com 12,6% de pessoas sem escolarização.

Dito os dados gerais do Ceará, vamos nos aprofundar em características sociais, econômicas, históricas e linguísticas das macrorregiões de Fortaleza, ao norte, e do Cariri, ao sul. Para melhor visualização, o mapa do Estado do Ceará e suas macrorregiões está disponível no Anexo C – Regiões de planejamento do Estado do Ceará (IPECE, 2015).

⁵ Anacé, Gavião, Kanindé, Kariri, Tremembé, Tapeba, Jenipapo-Kanindé, Pitaguary, Kalabaça, Karão, Tapuia-Kariri, Tubiba-Tapuia, Potyguara, Tabajara e Tupinambá (FEPOINCE, 2022).

4.1 As macrorregiões de Fortaleza e do Cariri: visitando dois polos socioeconômicos e culturais no estado do Ceará

O estado do Ceará é dividido em 14 regiões de planejamento. Essas macrorregiões têm como principal objetivo otimizar as políticas públicas para as características de cada região (IPECE, 2015) – (ANEXO C). Ainda de acordo com Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), a regionalização não é um trabalho simples, pois envolve tanto aspectos institucionais: fatores ambientais, geográficos, socioeconômicos e políticos, quanto de solidariedade social: abarcando fatores históricos, étnicos e culturais, abarcando até mesmo o sentimento de pertencimento da população ao seu local de origem. Destacamos nesta pesquisa as macrorregiões da Grande Fortaleza e do Cariri, relacionadas, de acordo com Gurgel (2019) a um processo de metropolização no estado.⁶

4.1.1 Cariri e Crajubar

A região do Cariri faz fronteira ao oeste com o Estado do Piauí, ao leste com o Estado da Paraíba e, ao sul, com o Estado de Pernambuco. A região é composta por 29 municípios, sendo eles: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

De acordo com o IPECE (2015), as características geoambientais predominantes na região do Cariri são sertões, serras secas e clima tropical úmido na chapada do Araripe. A extensão territorial é de 17.298,35 quilômetros quadrados. A população da região, com dados de 2014, é de 999.169 pessoas, com uma densidade demográfica de 57,76 habitantes por quilômetro quadrado. A taxa de urbanização é de 69,46%, abaixo da linha nacional média de urbanização de 84,40% (IBGE, 2022). O PIB *per capita* é de R\$ 6.463,42 e 59,02% dos domicílios possuem renda *per capita* inferior a meio salário-mínimo, em dados de 2010, o que indica uma maioria da população passível à vulnerabilidade financeira.

Historicamente, a região começou com a comunidade do Crato que se estabeleceu em intercâmbio com o estado de Pernambuco contribuindo para formação de engenhos e plantação de cana de açúcar a partir de 1750 (Crato, 2022). A cidade do Crato, assim

⁶ Para Gurgel (2019), as cidades de Fortaleza, Sobral e a cornurbação do Crajubar (Crato, Juazeiro e Barbalha) se relacionam ao processo de metropolização por sua distinção dos centros urbanos ao seu redor e relevância socioeconômica em nível regional.

denominada desde 1842, é importante na história cearense, tanto por sua outrora primazia econômica na agropecuária, quanto por ser berço da história de Padre Cícero. As cidades de Juazeiro do Norte e Crato possuem uma história em comum: é importante destacar que a cidade de Juazeiro do Norte é um município emancipado do Crato, ocupando o mesmo território até 1911. O padre exercia tamanha influência política que, no processo de separação das duas cidades, se tornou o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte, cidade que se destaca no turismo religioso devido a este beato.

Saraiva (2019) aponta que a região do Cariri, ao longo de sua história, almejou a sua emancipação, existindo no Crato, em 1957, o “Comitê Central Pró-Estado do Cariri”, que, em parceria com o Instituto Cultural do Cariri, publicava a revista Itaytera. Esta, em apoio ao movimento, divulgava textos históricos que reforçavam a narrativa de independência sociopolítica e cultural da região. Em 1987, a partir do Anteprojeto da Subcomissão dos Estados, o Constituinte Furtado Leite propôs, em emenda constitucional, a criação do Estado do Cariri. Os argumentos para separação involucram os argumentos de autossuficiência do Cariri e o abandono político do litoral (referindo-se a capital Fortaleza) em relação à região. Contudo, essa pressão separatista nunca resultou em nenhuma redesignação geopolítica e serve aqui para ilustrar fatos históricos de relevância social.

Figura 5 – Macrorregião do Cariri cearense com destaque a conurbação Crajubar formado pelo triângulo dos municípios Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha



Fonte: adaptado de IPECE (2015).

A macrorregião de Fortaleza não é a única a possuir uma região metropolitana do estado do Ceará. De acordo com Ceará (2023), a Região Metropolitana do Cariri (RMC) é formada pelos municípios de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. Esse conjunto urbano está equidistante em cerca de 600km das capitais: Fortaleza (CE) e Recife (PE), duas metrópoles nordestinas. O governo aponta que a RMC foi criada com dois objetivos principais: proporcionar o desenvolvimento regional e reduzir as desigualdades entre a conurbação Crajubar (constituída pelos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha) e cidades próximas. A Região Metropolitana é a segunda de maior contingente populacional do estado, atrás apenas da Região Metropolitana de Fortaleza, a partir de dados do IPECE (2021c). De acordo com Gurgel (2012), a conurbação do Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) apresenta tamanha simbiose urbanística e integração por rodovias e VLTs (Veículo Leve sobre Trilhos) que apresenta um centro a nível regional que oferece suporte as três cidades.

As principais atividades econômicas da região são agrícolas, usufruindo dos solos férteis e oferta de água, principalmente por causa da vegetação e irrigação da chapada do Araripe, contrastando com a aridez de outras regiões do estado. Destaca-se a pela Exposição Centro-Nordestina de Animais e Produtos Derivados do Crato – EXPOCRATO, que além de ser um expoente que demonstra a potência da produção agropecuária local, reúne milhares de pessoas em concertos musicais e eventos.

A região também é notadamente turística, com ênfase na Cidade de Juazeiro do Norte pelo turismo religioso e romarias, o artesanato também é uma marca da região, marcadamente artística. O artesanato em madeira religioso, com a figura dos ex-votos, esculturas de madeira utilizadas para selar promessas e pedidos religiosos, são marcantes na relação turismo-religião local. Cabe dizer que, mais recentemente, a região também recebe incentivos para o desenvolvimento industrial, em que o governo forneceu maiores incentivos fiscais para empresas que fossem localizadas a 500km ou mais da Região Metropolitana de Fortaleza, dessa maneira, considerando fatores os geográficos, a região mais beneficiada foi a do Cariri (Pontes; Vianna; Holanda, 2006).

Em termos de educação técnica e superior, o Crajubar sedia a Universidade Regional do Cariri (URCA), a Universidade Federal do Cariri (UFCA), a Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) e o Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE), isto considerando-se apenas as instituições públicas de ensino, sendo um polo educacional complexo que abarca as mais diversas áreas do conhecimento.

4.1.2 Grande Fortaleza

A macrorregião de Fortaleza encontra-se em fronteira com o oceano atlântico ao norte e não é fronteira com nenhuma outra unidade federativa. A região é composta por 19 municípios, sendo eles: Aquiraz, Caucaia, Cascavel, Chorozinho, Eusébio, Fortaleza, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba, Paracuru, Paraipaba, Pindoretama, São Luís do Curu, São Gonçalo do Amarante e Trairi. Cabe ressaltar que a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) foi instituída desde anos 1970 (Gurgel, 2019).

De acordo com o IPECE (2015), as características geoambientais predominantes na região na grande Fortaleza são sertões, serras úmidas, tabuleiros costeiros e planícies litorâneas. A extensão territorial é de 7.434,91 quilômetros quadrados. A população da região, com dados de 2014, é de 3.949.974 pessoas, com uma densidade demográfica de 531,27 habitantes por quilômetro quadrado. A taxa de urbanização é de 94,43%, cerca de 10 pontos acima da média nacional de urbanização. O PIB *per capita* da grande Fortaleza é de R\$ 15.824,66 e 42,15% dos domicílios possuem renda *per capita* inferior a meio salário-mínimo, em dados de 2010. As principais atividades econômicas da região são indústria e serviços, com um complexo logístico em expansão, fábricas e tráfego portuário internacional (Portos do Mucuripe e Pecém).

De acordo com o Ceará Cultural (2022), a região de Fortaleza inicialmente não possuía relevância no cenário estadual. No século XVII iniciou-se a invasão dos colonizadores, marcada pela construção do forte holandês Schoonenborch, porém, em 1654, o forte foi tomado pelos Portugueses e foi rebatizado como Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. As cidades de Aracati, Sobral e Crato eram as cidades mais relevantes no final do século XVIII, em uma economia predominante pecuária e açucareira na Zona Mata. A região de Fortaleza iniciou, em 1799, sua ascensão a partir da atividade pecuária e comércio direto com Lisboa, concomitante ao declínio pecuarista das outras regiões, também influenciada pela Seca Grande (1790-1793). Com a abertura dos portos em 1808, a exportação de algodão para Europa, considerando a localização privilegiada da região no extremo leste do país e sua saída ao Atlântico, facilitaram o comércio exterior, cabe dizer que, apesar da decisão pela capital Fortaleza em 1726, a cidade de Aquiraz possui enorme relevância política e disputou o título de capital cearense.

A região de Fortaleza também tem um marco na história abolicionista brasileira, encerrando o tráfico escravista nos portos fortalezenses. Devido ao mar revolto e a consequente dificuldade de atracar navios nos portos, o transporte da população escrava era feito a partir de jangadas, pequenas embarcações, conduzidas pelos *jangadeiros*. Francisco José do Nascimento, jangadeiro apodado de “Dragão do Mar”, sob o lema sob o lema “no Ceará não se

embarcam mais escravos”, os jangadeiros cessaram o transporte dos navios negreiros ao solo cearense, contribuindo para o êxito da campanha abolicionista. Desde 1999, existe em Fortaleza o centro de arte e cultura Dragão do Mar, em homenagem à figura do jangadeiro

Atualmente, a região destaca-se por complexos industriais, portuários e tecnológicos. Destacamos o porto do Pecém, localizado entre os municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante, este possui um parque industrial integrado, com destaque a companhias siderúrgicas, elétricas e de matéria-base para construção civil. A cidade de Maracanaú também se destaca por seu complexo industrial, logístico e seu hub tecnológico para o desenvolvimento de empresas (SEADE, 2022). Tratando-se da capital, Fortaleza também tem como setor mais poderoso o de serviços (IPECE, 2015), dessa maneira, além do advento de suprir as necessidades locais, é comum a ocorrência de transportes coletivos do interior (públicos ou fretados) para prática de compras, inclusive para abastecimento de estabelecimentos comerciais do interior, e para realização de consultas e procedimentos médicos, considerando a maior infraestrutura e oferta de tratamentos.

Figura 6 – Macrorregião da Grande Fortaleza com destaque ao município de Fortaleza



Fonte: Adaptado de IPECE (2015).

Partindo para dados sociodemográficos de Fortaleza, excluindo-se a zona metropolitana, de acordo com o mapa de Cidades e Estados do IBGE (2023), a capital possui uma área total de 312,353 km², e, em dados de 2021, uma população estimada de 2.703.391 pessoas, resultando em uma densidade demográfica de 7.786,44 hab/km². A cidade localiza-se no norte do estado e é banhada pelo oceano atlântico, o IDH municipal é de 0,754, o maior do estado do Ceará, contudo ainda se considera um desenvolvimento mediano. A cidade é a mais povoada do estado e possui uma região metropolitana amplamente conectada com a capital por meio de tráfego rodoviário, caracterizando a Grande Fortaleza, que movimenta milhares de pessoas diariamente entre os municípios da rede.

Em termos de educação técnica e superior, a região possui, como destaque, a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Instituto Federal de Educação (IFCE), Instituições de Ensino Superior públicas, além de diversos polos de ensino privado. Fortaleza também figura como polo turístico nacional de destaque, sendo o destino mais procurado no ano de 2023 (CEARÁ, 2023), com destaque às praias da cidade, estrutura para recepção de turistas e realização de esportes aquáticos, como canoagem, *kitesurf*, voos de parapente *etc.* Assim, nesta seção caracterizou-se a cidade *locus* da pesquisa em termos socioeconômicos, demográficos, educacionais, econômicos e culturais.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter de levantamento de dados por via de questionário de pesquisa (*survey*) e abordagem quali-quantitativa (Lakatos; Marconi, 2017). Em primeiro lugar, devido à natureza da pesquisa com seres humanos e à coleta de dados pessoais, esta pesquisa foi submetida, via Plataforma Brasil⁷, ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Ceará (CEP-UFC) e está aprovada sob o registro CAEE: 68403223.0.0000.505, atendo-se aos preceitos da ética em pesquisa como apontam as Resoluções de número 466/2012 e 510/2016 de ética para ciências humanas e sociais. Neste capítulo discutiremos o pré-teste, a seleção dos participantes da pesquisa, a seleção dos estímulos de áudio para o teste de Crenças e Atitudes, a elaboração do referido teste e os métodos para análise dos dados obtidos.

5.1 Pré-teste de avaliação linguística e social de falantes fortalezenses e falantes do Cariri cearense

Um pré-teste foi desenhado para flagrar possíveis significados indexados ao fenômeno da palatalização ou não palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/. O pré-teste consistiu em um questionário de avaliação linguística e social e foi aplicado por meio da plataforma *Google Forms*. Elaboraram-se 5 questões dissertativas em vias de flagrar crenças e atitudes em relação aos falantes e variedades linguísticas de Fortaleza e da região do Cariri. As questões do questionário pré-teste são as seguintes:

1. Quais as opiniões que você já ouviu/ tem sobre pessoas do interior do Ceará, em especial da região do Cariri (Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha *etc.*)?
2. Quais as opiniões que você já ouviu/ tem sobre pessoas da capital Fortaleza–CE?
3. Você tem opiniões ou acredita que existem opiniões recorrentes sobre a fala das pessoas do interior, ênfase na região do Cariri? (Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha *etc.*) Poderia dizer quais?
4. Você tem ou acredita que existem na sociedade cearense opiniões recorrentes sobre a fala das pessoas da capital (Fortaleza–CE)? Poderia dizer quais?
5. (Opcional) Você acha que algumas pessoas são rotuladas por seu falar no Ceará,

⁷ A Plataforma Brasil pode ser acessada pelo endereço: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Acesso em: 18 set. 2023.

se sim, pessoas nativas de qual localidade e de que maneira?

O pré-teste foi distribuído entre falantes residentes nas cidades de Crato e Fortaleza a partir de contatos pessoais da própria pesquisadora. Pediu-se a falantes residentes no Crato que replicassem o pré-teste entre seus colegas locais e, para os falantes fortalezenses, o pré-teste foi enviado pela própria pesquisadora, totalizando 21 respostas. O questionário foi realizado de forma totalmente anônima, sem a coleta de qualquer dado pessoal dos participantes. Baseado em Oushiro (2015), o objetivo do questionário foi permitir a dissertação livre dos participantes sobre as perguntas em via de flagrar avaliações linguísticas e sociais para elaboração do teste de Crenças e Atitudes linguísticas desta pesquisa.

5.2 O questionário de crenças e atitudes

A seguir, justificam-se os processos de seleção e estratificação dos informantes da pesquisa, bem como a elaboração, veiculação e análise do teste de crenças e atitudes linguísticas.

5.2.1 A seleção e estratificação dos participantes da pesquisa

O questionário de crenças e atitudes tem como objetivo flagrar significados sociais atrelados à variação linguística, para isso, deve-se elaborar um teste a ser aplicado ao público-alvo pesquisa. Os estudos de crenças e atitudes costumam ser realizados em comunidade de prática específicas, como estudantes universitários (Freitag; Santos, 2016; Vitória, 2020), ou a partir de contatos pessoais do pesquisador na replicação, sem número previamente estabelecido de informantes, via *amigos de amigos* na comunidade estudada (Oushiro, 2015; Freitas; Favacho; Carvalho, 2022). Essas maneiras de investigação são válidas e rendem um bom retrato das crenças e atitudes de um grupo, contudo, o efeito colateral desse tipo de seleção de informantes é que, em geral, a amostra tende a ser uniformizada em relação a fatores sociais, sendo normalmente de jovens adultos e com ensino superior, refletindo a bolha social do próprio pesquisador, fator que pode ser amenizado com o uso de métodos estatísticos que lidem satisfatoriamente com amostras relativamente desbalanceadas, como modelos de regressão logística. Considerando a circulação do questionário desta pesquisa, a heterogeneidade de perfis é esperada.

5.2.1.1 O desenho do perfil social dos participantes da pesquisa

Os critérios para o desenho do perfil social foram: (1) gênero – feminino, masculino e outros; (2) faixa etária – também consideramos idade como variável contínua; (3) escolaridade – até Ensino Médio e Curso Técnico, e Curso Superior e Pós-Graduação e (4) naturalidade – Fortaleza, Cariri, Cearenses (de outras localidades) e outros estados. Exclusivamente para população migrante, considerou-se (5) tempo de migração em anos; (6) proporção da vida como migrante – menos de 1/3 da vida, entre 1/3 e 2/3 da vida e mais de 2/3 da vida e (7) motivo de migração – estudos, trabalho, família e outros (motivos mistos, razões pessoais, tratamentos médicos *etc.*).

Discorrendo sobre a delimitação das variáveis sociais, justifica-se a escolha do termo *gênero* em detrimento de *sexo* por este estudo não se ater ao sexo biológico, e sim à diferenciação social entre indivíduos de gênero masculino e feminino, assim como respeitar a participação de pessoas que não se identifiquem em um espectro binário de gênero. A questão do estudo do gênero é amplamente discutida na sociolinguística devido à pressuposição que desigualdades sociais podem levar a mulheres ao uso de variantes de prestígio como maneira de adquirir poder simbólico (Calvet, 2002). Para sociolinguística (Labov, 2008 [1792]) há evidências empíricas de que as mulheres sejam líderes de mudanças linguísticas de variantes prestigiosas ou não estigmatizadas. Ressalta-se, porém, o recorte de papéis de gênero do norte global hegemônico, podendo estes variarem em distintas comunidades.

A faixa etária seguiu os moldes do Cabral (2022), Agência IBGE Notícias, em dados do PNAD contínua (Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios) para quantificação da população, sendo a primeira faixa pessoas com menos de 30 anos de idade, a segunda de 30 anos de idade até 59 anos, e a terceira faixa as pessoas com 60 anos de idade ou mais. Em 2021, o órgão aponta que essas faixas representam, respectivamente, 43,9%, 41,4% e 14,7% da população brasileira. Contudo, as tendências analisadas pelo instituto apontam que a proporção de população adulta e idosa tem crescido, em frente a um decréscimo da população abaixo de 30 anos, lançando a prerrogativa que o Brasil não é mais um país de jovens.

Tratando-se de escolaridade no Ceará, de acordo com relatório IPECE (2021b), o maior contingente populacional possuía a escolaridade Ensino Fundamental incompleto (34,5%), seguida por: Ensino Médio completo (24,9%), sem instrução (12,6%), Ensino Superior completo (12,1%), Ensino Fundamental completo (7,9%) e Ensino Superior incompleto (3,3%), desse modo a maior parte da população cearense não concluiu o ciclo básico

de ensino. A forma de equilibrar a escolaridade da amostra foi definir os níveis até o Ensino Médio e a partir do Ensino Superior, o que também reflete a tradição de estudos variacionistas.

A naturalidade explica-se devido à comunidade de fala sobre que se debruça o estudo que é a de Fortaleza-CE, contudo não se busca apenas a avaliação dos sujeitos nativos da região, mas também dos migrantes do interior (neste caso, do Cariri) devido a sua presença expressiva na capital e o fenômeno variável sob investigação. Tomou-se como enfoque a região da conurbação do Crajubar (Crato, Juazeiro e Barbalha) e municípios da região do Cariri até 100km de distância da conurbação, pressupondo ainda uma certa convergência socioeconômica, linguística e cultural no raio delimitado. Controlou-se também outras naturalidades, estas divididas entre nativos de outros municípios cearenses ou de outros estados brasileiros.

O tempo de migração em anos e proporção da vida como migrante são importantes para investigar a influência do contato linguístico e possíveis influências desse contato para acomodação, ainda que contatos breves já indiquem interferência no falar de pessoas com alta mobilidade (Britain, 2010). Sabe-se que um contato prolongado e a inserção em uma nova comunidade de fala deve exercer uma maior influência sobre o repertório de um falante. Trata-se do tempo de migração em anos como variável contínua e de proporção da vida como migrante, baseado em Oushiro (2020), sendo postas três faixas: até 1/3, entre 1/3 e 2/3 e mais de 2/3 da vida. Essa variável discreta evita a colinearidade entre idade e anos de migração e permite uma gradação mais acertada à experiência de cada migrante.

O motivo de migração também é observado em Oushiro (2020). Neste trabalho, optou-se por permitir que os participantes escrevessem em uma caixa de texto a resposta à pergunta “Qual o motivo da sua mudança para Fortaleza?”. Após a leitura das respostas, foram observados padrões, resultando nos seguintes motivos de migração: estudos, família, trabalho e outros (incluindo-se motivos mistos, razões pessoais, tratamentos médicos *etc.*). Consideraram-se os motivos de estudos mudanças para frequentar instituições de ensino de Fortaleza, principalmente para cursar Ensino Superior, Pós-Graduação e Residência Médica. Para os motivos familiares, consideraram-se migrantes que se mudaram junto com seus pais, para casar-se com uma pessoa residente da capital ou reunir-se com familiares que já haviam migrado ou estavam em vias de migrar. O motivo de trabalho caracterizou-se principalmente por transferências de emprego, busca por vagas de trabalho na capital e tomar posse de cargos via concurso público. Os motivos que não se encaixavam estritamente nos moldes concebidos, foram alocados sob as categorias “outros”.

5.3 Os estímulos linguísticos para o teste de Crenças e Atitudes

O teste de crenças e atitudes pressupõe que o participante da pesquisa seja exposto a estímulos linguísticos que possam suscitar suas reações subjetivas perante a língua. Tratando-se de um fenômeno fonético-fonológico, é necessário que esse estímulo seja em forma de áudio. Os protocolos metodológicos deste trabalharam basearam-se em Oushiro (2015, 2019) e na ampla fonte de recursos do livro *Research methods in language attitudes* (Kicher, Zipp, 2022), *Métodos de pesquisa em atitudes linguísticas*, em tradução livre. Levaram-se em conta principalmente os capítulos dedicados à técnica de *Matched Guise* (Loureiro-Rodríguez; Acar, 2022) e *Verbal Guise* (Dragojevic; Goatley-Soan, 2022). Os estímulos possuem complexidade e temática similares e foram considerados como adequados para pesquisa, bem como aprovado por pares linguistas e foram editados para convergirem em números de ocorrência de /t, d/ diante de /i/, estrutura sintática e progressão temática.

Desse modo, utilizou-se uma metodologia próxima ao teste de *matched guise*, ou estímulos pareados, em que os mesmos falantes emulam duas variedades linguísticas diferentes, com o intuito de serem avaliados em teste como dois falantes distintos. Contudo, devido aos trechos não serem exatamente idênticos, pressuposto do *matched guise*, obtêm-se similaridades com a técnica de *verbal guise*, em que diferentes falantes produzem trechos com suas respectivas variedades linguísticas com trechos de fala diferentes, esta última sendo o único empréstimo proveniente desta técnica. Devido a essas ressalvas, sugere-se que essa metodologia se chame *pseudo-matched guise*.

Para trazer uma maior naturalidade a uma fala natural e que realmente poderia ser proferida por um falante cearense, esses estímulos foram adaptados dos bancos de dados linguísticos reais do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR)⁸ e projeto Estudos da Língua Oral do Cariri (ELOC)⁹. O primeiro *corpus* encontra-se sediado na Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob a coordenação da Profa. Dra. Aluíza Alves de Araújo, o segundo é sediado na Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Elias Soares. Os estímulos coletados situam-se entre o final dos anos 90 e o começo dos anos 2000. As entrevistas sociolinguísticas também proporcionam dados de fala

⁸ Os dados do projeto podem ser visualizados no seguinte documento:

http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

⁹ Os dados do projeto podem ser visualizados no site do ProFala: <http://www.profala.ufc.br>. Acesso em: 14 out. 2022.

mais próximos ao coloquial, como também são dados autênticos de fala, o que permite que os falantes sejam humanizados e dotados de sua história e cultura (Oushiro, 2015).

Desse modo, para criação do texto basilar aos estímulos do teste, selecionaram-se (2) homens e (2) mulheres, adultos em idade economicamente ativa, nascidos (2) no Crato (região do Cariri) e (2) em Fortaleza e mesmo grau de escolaridade (ensino médio completo). O tipo de registro dos inquiridos é o Diálogo entre Informante e Documentador (DID). Seguem os perfis: (1) Mulher, 38 anos, secretária escolar, nativa e residente da cidade de Fortaleza.; (2) Mulher, 39 anos, professora¹⁰, nativa e residente da cidade do Crato; (3) Homem, 34 anos, segurança, nativo e residente da cidade de Fortaleza e (4) Homem, 35 anos, policial militar, nativo e residente da cidade do Crato. Entenda-se que os estímulos não partem diretamente dos *corpora* e sim foram adaptados de trechos desses bancos de dados e tratados para gerar estímulos de *pseudo matched guise*.

Quadro 6 – Esquema de distribuição dos estímulos do teste de *pseudo-matched guise* por falante e variantes linguísticas

Falante	Variantes	Estímulo/ Duração
Homem/ NORPOFOR 105	[t] e [d]	Eu acho que no Brasil tem gente cada vez mais pobre cada vez mais decadente, mais preocupada porque não tem saúde, não tem condições de estudar... alguém sem saúde e sem se alimentar direito não vai ter a capacidade de estudar e melhorar de vida, então:: os governantes tem que melhorar essa condição da população [19 segundos].
Mulher/ ELOC 116	[t] e [d]	Eu acho que a condição do Brasil tem que melhorar. Eu espero que os governantes sejam dispostos, conscientes... cumpram as promessas que fizeram pra que não tenha tanta violência e o desemprego que gera essa violência nas nossas cidades. Eu pediria saúde, paz e tranquilidade, isso de um modo geral para que o Brasil ande melhor [21 segundos].

¹⁰ Considerando a época de gravação dos *corpora* ELOC e NORPOFOR, final da década de 90 e começo dos anos 2000, respectivamente, era comum a prática de cargos de docência ou administrativos na área de educação por mulheres com escolaridade Ensino Médio Completo, principalmente quando se cursava o Curso Normal.

Homem/ NORPOFOR 81	[tʃ] e [dʒ]	Eu acho que no Brasil o desemprego é grande e tem muita gente pobre... passando dificuldade , sem ter como estudar. A questão da saúde também tá difícil , muita gente chega no hospital e não consegue atendimento médico . Então:: a condição do Brasil tem que melhorar, os governantes têm que investir na população [19 segundos].
Mulher/ ELOC 34	[tʃ] e [dʒ]	Eu acho que o Brasil todo tá precisando de muita paz e que os governantes trabalhem pra gerar empregos e diminuir a violência nas nossas idades ... todo mundo deveria se conscientizar disso ... eu acredito que estabilidade e saúde de um modo geral são a base pras pessoas viverem melhor [18 segundos].

Fonte: elaborado pela autora.

Para a gravação dos estímulos do teste, foram selecionados dois voluntários, um homem e uma mulher, estudantes de Letras da Universidade Federal do Ceará, residentes em Fortaleza e com histórico de residência de mais de uma década nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte, respectivamente. A voluntária é nativa da cidade de Fortaleza e residiu na cidade de Juazeiro do Norte durante parte da sua infância e adolescência antes de retornar a capital, já o voluntário residiu na cidade do Crato até o final de sua adolescência, quando migrou para Fortaleza. Esses falantes foram convidados para gravação dos trechos de estímulos pareados e receberam com duas semanas de antecedência uma cópia dos trechos para gravação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para familiarização com os excertos antes que esses pudessem ser performados no momento da gravação.

As gravações foram feitas no Laboratório de Fonética e Multilinguismo da Universidade Federal do Ceará (LabFom-UFC) com o auxílio do mestre e doutorando Leonardo Antonio Silva Teixeira. Os voluntários gravaram em cabine acústica com microfone dinâmico unidirecional Shure SM48, o áudio foi capturado em mono, com taxa de mostragem de 44.1 kHz e salvo posteriormente em formato .wav. Para garantir que todos os estímulos possuíam apenas estímulos palatais ou oclusivos, uma análise acústica foi realizada no *software* Praat (Boersma; Weenink, 2023) e a função copiar e colar foi utilizada nos casos que se encontrou a variante indesejada para o estímulo. A edição final excertos de fala, retirando espaços vazios anteriores ou posteriores a fala dos participantes, e sua conversão mapa .mp3 para sua

importação para a plataforma do questionário foi realizada por meio do *software* de edição de áudio Audacity (2023).

A unificação da coleta dos estímulos de áudio deve proporcionar condições equiparáveis de gravação para ambos os estímulos, o que deve ocasionar em graus similares de monitoramento de fala por todos os informantes. Esta organização de estímulos almeja evitar interferências de fatores extralinguísticos sob a avaliação dos falantes, porém com um alto controle das variantes linguísticas em foco e condições de gravação sem ruídos distratores.

A escolha de constar nos estímulos ambos os gêneros, um homem e uma mulher, justifica-se por possíveis interferências da variável gênero sob a avaliação dos falantes, ou seja, crenças pré-concebidas sobre homens e mulheres, o que poderia enviesar os resultados. A escolha de adultos em idade economicamente ativa e escolarizados até o ensino superior tem como objetivo evocar um perfil social unívoco, coerente e comum.

É fato que, ainda assim, fatores como conteúdo da mensagem, crenças prévias do falante, palpite de terceiros sobre o teste, ambiente em que se responde ou outros fenômenos podem interferir na avaliação. Desse modo, a neutralização de todas os possíveis fatores de intervenção beira o impossível, ainda que o esforço de fornecer excertos de fala que simulem um contexto factível de diálogo no cotidiano, emulando situações reais de comunicação busque reduzir ao máximo problemas relativos à validação interna (controle metodológico das condições experimentais) e externa dos estímulos (aceitabilidade e naturalidade dos estímulos por ouvintes). Destaca-se que tais desafios metodológicos não invalidam a aplicabilidade do teste de avaliação das falas da capital e interior do Ceará, bem como a ênfase nas formas palatalizadas ou não-palatalizadas que se buscou no teste, mas pensa-se em discutir os limites e vantagens das escolhas das técnicas implementadas.

5.4 Elaboração, veiculação e análise do teste de Crenças e Atitudes

A plataforma escolhida para elaboração e veiculação do teste é a *Qualtrics*, especializada na elaboração, distribuição e tratamento de dados de questionários para os mais diversos fins, inclusive acadêmicos. A plataforma *Qualtrics* é adequada, pois permite o anexo do TCLE, adição de estímulos de áudio, compartilhamento de questionário via link, entre todos os recursos necessários para veiculação da pesquisa, além de permitir exportação de dados. Devido a problemas técnicos de reprodução do áudio na plataforma *Qualtrics* com 157 respostas, o questionário foi migrado para plataforma *Jotform*, que mais se assemelhou à primeira em estrutura do teste e manejo dos dados e nessa obtiveram-se mais 98 inquéritos.

Para análise dos dados, usa-se a soma dos participantes de ambas as plataformas, com as devidas ressalvas mais bem explicitadas na seção de análises dos dados.

Sabe-se que o maior desafio da elaboração de testes de crenças e atitudes é escolher que perguntas fazer e como fazê-las. Com isso, discute-se a seguir a proposta de elaboração de cada parte do questionário e os objetivos almejados por cada abordagem. Assim, discute-se nessa sessão a escolha dos métodos qualitativos e quantitativos de análise para parte do teste, considerando também a natureza das variáveis proporcionada por cada método utilizado pelo questionário. Quando adequado, este estudo busca uma abordagem computacional para o estudo do problema da avaliação linguística (Oushiro, 2019).

5.4.1 Estrutura do teste de Crenças e Atitudes linguísticas

Na primeira parte do questionário, o participante visualizava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, caso concordasse em continuar com a pesquisa, poderia inserir sua assinatura do termo de maneira digital. A primeira pergunta do questionário era se o participante residia em Fortaleza-CE, caso negativo, o questionário era encerrado e o participante direcionado à página de agradecimentos.

Para a primeira seção do questionário, a avaliação dos estímulos de *pseudo-matched guise*, houve uma breve contextualização dos estímulos e recomendações de como proceder com a pesquisa, como demonstrado a seguir:

Nesta primeira parte do questionário, você irá ouvir quatro (4) pessoas diferentes que foram entrevistadas sobre o que elas achavam que era necessário para melhorar a vida da população brasileira. Após escutar os áudios, imagine como cada pessoa seria e responda quais suas impressões sobre elas. Recomendamos uso de fones de ouvido e/ou ouvir em um ambiente silencioso.

A escolha por dizer aos informantes que seriam quatro pessoas diferentes, ainda que não o seja, serve para aumentar a chance de enganar os participantes e evitar que a percepção de que se tratavam do mesmo falante enviesasse as respostas do questionário artificialmente, como apontado por Loureiro-Rodríguez e Acar (2022), a contextualização como uma entrevista teve a intenção de justificar a unicidade dos conteúdos das mensagens, como também justificar a natureza ponderada dos estímulos de áudios.

Para a primeira seção, partindo do *pseudo-matched guise*, os participantes deparavam-se com um estímulo de áudio seguinte pela seguinte pergunta: Ouça a PESSOA X¹¹ e opine, quais suas impressões sobre essa pessoa? [selecione quantas opções quiser], após isso poder-se-ia marcar características sociais em lista de múltipla escolha ou a opção de “Prefiro não responder”. Para as variáveis dialetais, geográfica e estilística, após a lista de característica havia a chamada “Opine de acordo com as afirmações sobre a pessoa X” considerando as afirmações: (1) "essa pessoa tem sotaque", (2) “Essa pessoa é nordestina” e (3) "essa pessoa fala de modo cantado". A avaliação foi feita em escala *likert* de 5 níveis, de discordo totalmente a concordo totalmente. Com isso, segue-se uma estrutura fixa de questionário por quatro páginas, baseada em escutar os quatro estímulos de fala disponibilizados e responder às questões de percepção disponíveis para cada um deles, devendo o participante selecionar as caixas de resposta de acordo com sua percepção da fala, conforme deve ser instruído na estrutura do questionário.

As alternativas dessa seção devem mensurar as diversas variáveis selecionadas por meio da literatura de base e coleta prévia de informações feita pela pesquisadora, como as características de dinamismo e *status* (Oushiro, 2015) e critérios estéticos, estilísticos, geográficos e dialetais (Freitag; Santos, 2016). O participante pôde escutar o estímulo quantas vezes considerar necessário e ter liberdade para o manejo de tempo de resposta, uma vez submetido o questionário ele não é mais passível de alteração.

Após isso, seguiu-se para as sessões metalinguísticas, sendo uma seção de avaliação linguística considerando critérios estéticos e de correção e questões de relato opcional sobre cada uma das variáveis. A segunda parte escolheu-se por nomear de “questionário de atitudes linguísticas percebidas”, em que o falante opina se acredita que existam preconceitos, aponta atitudes linguísticas que realizou ou viu serem realizadas, como também fatores que identificam os falantes (seja por sua fala, traços de vestuário, contextos *etc.*). Ao fim dessa seção, permitiu-se os falantes opcionalmente relatarem suas vivências sobre “as maneiras de falar do Ceará” e/ou *feedbacks* sobre a pesquisa.

Tendo em vista técnicas de elaboração de questionário (Bastos Junior, 2005) o questionário linguístico seguiu a estrutura funil, uma progressão baseada nos intuitos do estudo, iniciando-se das questões mais gerais às específicas. Para evitar o efeito contágio sobre a avaliação social, o questionário metalinguístico foi alocado após o teste de *pseudo-matched guise*.

¹¹ Os quatro estímulos foram nomeados como: Pessoa 1, Pessoa 2, Pessoa 3 e Pessoa 4.

Por fim, houve o questionário para estratificação social considerando: gênero (feminino, masculino e outro – com opção de caixa de texto para declarar seu gênero), naturalidade (Fortaleza, Crato, Juazeiro, Barbalha e outro lugar outro – com opção de caixa de texto para declarar sua naturalidade), escolaridade (até Ensino Fundamental/ Ensino Médio incompleto/, Ensino Médio completo, curso técnico, Ensino Superior incompleto, Ensino Superior completo e Pós-Graduação) e idade. Para os falantes residentes em Fortaleza, perguntou-se se rediriam na capital a maior parte de suas vidas (mais de 2/3) e para os migrantes, já marcada sua naturalidade, redirecionava-se para perguntas sobre o motivo de sua migração e tempo de migração em anos.

O teste aplicado aos participantes dessa pesquisa pode ser visualizado na íntegra na seção de apêndices desse trabalho (APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS).

Nas seções a seguir, detalha-se os três momentos do questionário de Crenças e Atitudes Linguísticas, sendo o (1) teste de percepção linguística via *pseudo-matched guise*, com enfoque nas variáveis discretas (lista de características de *status* e dinamismo) e nas variáveis ordinais (níveis de sotaque, *nordestinidade* e “falar cantado”), (2) teste de avaliação (meta)linguística e (3) teste de atitudes sociais percebidas.

5.4.2 *Pseudo-matched guise: variáveis discretas*

As características do teste de percepção foram escolhidas a partir do pré-teste e estudos de percepção considerados para esta pesquisa (Oushiro, 2015; Vitória, 2020; Ribeiro; Corrêa, 2018; Freitag; Santos, 2016), considerando as dimensões de *status* e dinamismo como tradicionais e centrais nos estudos de atitudes linguísticas (Garret, 2010; Oushiro, 2015; Kircher; Zipp, 2022). A dimensão de *status* pode ser vista como um motor de ascensão social e poder econômico, enquanto a de solidariedade remete ao desejo de aceitação na sociedade e um menor poder econômico, também uma menor mobilidade social, como apontam Kircher e Zipp (2022), baseando-se em Woolard (1980). Kircher e Zipp (2022) concluem que a dimensão de solidariedade reflete a noção de pertencimento e lealdade dentro de um grupo social, enquanto a dimensão de *status* se afasta dessa ideia, desse modo, pode ser vista como uma ferramenta de distinção social.

Assim, pode-se separar da seguinte maneira a lista de características desta pesquisa:

Quadro 7 – Características de *status* social ou solidariedade para caixas de seleção do teste de percepção

<i>Status</i>	Solidariedade
Prática, Bonita, Orgulhosa, Alta, Branca, Inteligente, Independente, Educada, Irritante.	Hospitaleira, Gentil, Negra, Tagarela, Matuta, Feia, Simpática, Humilde, Divertida, Sincera, Trabalhadora, Confiável, Ligada à família, Amigável, Solidária, Extrovertida, Adorável, Leiga.

Fonte: elaborado pela autora.

Consideraram-se característica de *status* as relacionadas a valorações sociais da comunidade, afinal, os significados indexados a uma variante dependem de constructos avaliativos pré-existentes que podem ser evocados ao ouvir uma determinada variante linguística (Campbell-Kilber, 2009; Eckert, 2008). As qualidades de ser prático, orgulhoso, independente, inteligente e educado são notadamente positivas e atreladas a um poder simbólico, já a característica *irritante* figura entre as de *status* por ser uma característica menos dinâmica/solidária.

As características de aparência física: bonita, alta e branca foram escolhidas a partir do critério estético para beleza, e social para alta e branca. A estatura é um critério de *status* em diversas culturas. De acordo com Prado *et al.* (2004), a altura elevada é associada à boa nutrição, ao bem-estar e ao *status* social de alguém, concomitantemente, pessoas baixas tem mais chance de sofrer exclusão e *bullying*, principalmente no ambiente escolar.

O *status* da branquitude é uma característica mais forte em países com histórico de colonização europeia e tráfico humano de pessoas nativas do continente africano para trabalho escravo, em que a dinâmica de poder foi pautada da desumanização do sujeito negro e exaltação do sujeito branco, Almeida (2018) aponta, em reflexões sobre o racismo estrutural, que

[...] uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (Almeida, 2018, p. 53).

Desse modo, é evidente que a língua e os processos de percepção não podem se desvincular da estrutura racista que organiza a sociedade. O racismo é uma ideologia ancorada em práticas sociais concretas que a perpetuam e a reproduzem (Almeida, 2018), tal modo como

a avaliação social linguística parte de ideologias já pré-existentes (Eckert, 2008), desse modo já se justifica a escolha da característica “Negra” como associada à solidariedade.

As características: *hospitaleira, tagarela, simpática, humilde, divertida, sincera, confiável, ligada à família, solidária, amigável, extrovertida e amigável* partem do pressuposto que essas qualidades se relacionam intimamente com uma maior solidariedade das pessoas que as possuem. As características *feia, baixa e negra* podem ser explicadas a partir do contraponto a explicação anterior as características *bonita, alta e branca*, para as duas primeiras, *feia e baixa*, critérios estéticos de valor definido na sociedade, e, para última, *negra*, justifica-se pelo racismo estrutural como uma rede de sentidos e símbolos arraigada na sociedade que retira o poder do sujeito negro.

À característica *trabalhadora* impõe-se, nesta pesquisa, a solidariedade, por essa representar uma camada da sociedade que tem no trabalho seu sustento e principal fonte de renda, ou seja, não tem patrimônio familiar ou heranças que permitam a desvinculação do trabalho sem graves prejuízos, e o foco no trabalho é uma constante necessária ao seu sustento.

A definição de pessoa *matuta* pelo dicionário Michaelis on-line (2023) pode resumir-se às seguintes: (1) pessoa residente em zona rural, pouco escolarizada e de modos rústicos, (2) alguém reservado e tímido que apresenta desconfiança generalizada e (3) pessoa sagaz e que tem o hábito de refletir profundamente. Desse modo, têm-se critérios geográficos, sociais, psicológicos e atitudinais para essa classificação. Para essa pesquisa, pensa-se nessa definição como um residente de regiões interioranas visto de maneira estereotipada em relação a seus comportamentos. Vê-se, também, uma sobreposição a característica *leiga*, quando se pensa em pessoa pouco escolarizada e/ou com pouco acesso à informação.

Desse modo, justifica-se a classificação da lista de características a partir de critérios de *status* e solidariedade e constructos sociais pré-existentes na sociedade brasileira que refletem na comunidade em que se realizou esta pesquisa.

A análise da lista de característica passou por dois momentos, o primeiro foi a elaboração de um gráfico de dispersão a partir da contagem das características a cada uma das variáveis com a adição do *method = “lm”*, em outras palavras, uma linha ajustada usando o método de regressão linear. Desse modo, o gráfico de dispersão levou em conta a frequência de atribuição das características, sua associação com a variante oclusiva ou palatal, sendo as características a direita da linha associada ao uso da variante oclusiva e à direita a palatal e tem-se em conta, também, a distância das características da linha de regressão linear, sendo quanto mais distante, mais significativa foi a característica.

O segundo momento foi a elaboração de campos indexicais (Eckert, 2008) em forma de árvore de distâncias mínimas (Oushiro, 2015). Inicialmente, converteu-se o dataframe em binário, invés da contagem das características, o dataframe considerava a assinalação da opção (1) e não assinalação da opção (0) para os estímulos de variedade oclusiva ou palatal de /t, d/ diante de /i/. Essa análise foi realizada na plataforma RStudio a partir do *script_MSTs.R*¹², utilizando-se dos pacotes foram *vegan* e *amap*. O método é produtivo pois, além de gerar um campo indexical replicável a partir de medidas estatísticas geradas a partir de uma matriz de dissimilaridades, as distâncias mínimas, pode-se observar as relações tanto entre as variáveis linguísticas quanto às variáveis sociais em si, características altamente relacionadas tendem a se agrupar nos chamados *clusters*. Elaboraram-se árvores considerando tanto os dados totais, quanto *subsets* para os grupos sociais da amostra (homens, mulheres, faixa 1 – até 29 anos, faixa 2 – 30 anos ou mais, escolaridade até o Ensino Médio, escolaridade Ensino Superior ou Pós-Graduação, naturalidade Fortaleza e naturalidade Cariri).

5.4.3 *Pseudo-matched guise: as variáveis ordinais*

Ao ouvir estímulos de *matched guise*, depois da lista de característica, os participantes opinaram sobre critérios estilísticos em avaliar as afirmações (1) "essa pessoa tem sotaque", (2) "Essa pessoa é nordestina" e (3) "essa pessoa fala de modo cantado", sendo esses critérios: dialetais, geográficos e estilísticos, respectivamente.

As avaliações seguiam a escala *likert* de 5 níveis, indicando um menor a um maior nível de concordância com as proposições, sendo (1 – Discordo totalmente | 2 – Discordo, 3 – Neutro | 4 – Concordo | 5 – Concordo totalmente). Os níveis foram dispostos da esquerda para direita, do menor ao maior, com a indicação textual do nível. Para a análise quantitativa em *boxplots* (gráficos de caixa), as medidas foram convertidas em variáveis numéricas de 1-5. Utilizou-se a função do R-base *boxplot()* para elaboração desses gráficos.

Para elaboração dos modelos de regressão, a variável resposta foi mantida como fator e caracterizada em escala ordinal (*ordered factor*). Escolheu-se um modelo de regressão ordinal com efeitos mistos a partir da função *clmm()* do pacote *ordinal*.

Devido à natureza de duas variantes sobre análise e a natureza da regressão ordinal

¹² A professora Lívia Oushiro (IEL-Unicamp) disponibilizou seu *script* para elaboração de árvores de distâncias mínimas no *link*: <https://zenodo.org/record/2548037#.XEkCi817IPY.%20Figure%208%20is%20the%20visual%20representation%20of%20the>

que é apresentar as chances em relação aos níveis mais altos da escala, evitaram-se regressões considerando apenas uma das variantes, perdendo o importante contraste entre os estímulos para atribuição de avaliação entre eles, ou regressões com uma das variantes como preditora, em que obter-se-ia mais as tendências de avaliação por perfil social (como, por exemplo, que as mulheres tem mais tendência a concordar totalmente com as afirmações que os homens). Para obter-se a análise desejada, realizaram-se regressões considerando a avaliação dos estímulos em interação com cada uma das variáveis sociais também tendo em vista a variável aleatória informante.

Por fim, com as regressões devidamente realizadas, obtêm-se os valores de referência da variável respostas disponíveis à regressão ordinal, chamados de Coeficientes *Threshold*, que representam o total de probabilidades cumulativas, sendo a escala de 5 níveis convertida em uma escala de 4 níveis de disposição ordinal (1 – Discordo totalmente | Discordo, 2 – Discordo | Neutro, 3 – Neutro | Concordo e 4 – Concordo | Concordo totalmente) e a significância é calculada considerando a chance de, neste caso, a avaliação localizar-se nos níveis mais altos da escala (Concordo | Concordo totalmente). Considerou-se o nível de referência para as variáveis categóricas: gênero feminino, naturalidade Fortaleza e escolaridade Ensino superior, baseando-se na literatura sociolinguística e hipóteses de pesquisa. Para rejeitar a hipótese nula, ou seja, aceitar que há influência na avaliação dos informantes a causa das variantes da pesquisa, adotamos o valor de significância de $p < 0,05$.

5.4.4 O teste avaliação(meta) linguística

O teste de avaliação linguística atém-se a reflexão metalinguística do falante acerca do uso da língua em específico (Oushiro, 2015). Para o teste de avaliação linguística escolheu-se por inserir dois áudios, gravados pela própria pesquisadora, emulando a saudação “Bom dia, tia!” com variante palatalizada e variante oclusiva. A chamada para as questões foi “Sobre a forma de pronunciar palavras como "Bom dia" e "tia" no Ceará, você:”, desse modo os participantes marcariam a opção com a afirmação que mais os convinha, evitando que o enunciado se direcione a uma resposta específica. Para a avaliação do critério estético, havia as opções: (1) Acho a forma de Fortaleza mais bonita; (2) Acho a forma do Cariri mais bonita; (3) Não acho nenhuma mais bonita e (4) Não sei/prefiro não responder. Em relação ao critério de correção gramatical, as opções foram: (1) Acho a forma de Fortaleza mais correta; (2) Acho a forma do Cariri mais correta; (3) Não acho nenhuma mais correta e (4) Não sei/prefiro não responder.

As questões discursivas foram opcionais e possuíam as chamadas: “[Opcional] Você tem alguma opinião sobre o jeito de falar "tia" e "dia" em Fortaleza?” e “[Opcional] Você tem alguma opinião sobre o jeito de falar "tia" e "dia" no Cariri?”. Assim, espera-se o participante pode emitir suas opiniões diretamente sobre as formas linguística, e, não, ao menos de maneira direta, aos falantes dessas formas.

5.4.5 O teste de atitudes sociais percebidas

Propõe-se também, em caráter de metodologia experimental, um teste de *atitudes sociais perante a língua*, em que o falante poderia assinalar ter presenciado, ou performado, atitudes linguísticas a este fenômeno.

Esta seção iniciou-se com o questionamento “Você acha que as pessoas do Cariri sofrem preconceito por sua maneira de falar quando estão em Fortaleza?”, em que os participantes poderiam responder “sim”, “não” ou “não sei/prefiro não responder”. Dessa maneira, busca-se flagrar se existe preconceito linguístico reconhecido na comunidade.

Em seguida, perguntou-se “Você já presenciou alguma dessas atitudes em relação a fala do Cariri em Fortaleza?”, as opções foram: imitação, piadas, interrupção, risadas, comentários elogiosos, comentários maldosos, outra coisa (com caixa de texto para responder a opção) e não sei/prefiro não responder. As opções foram selecionadas do pré-teste da pesquisa, relatos e experiência da pesquisadora.

A formação de estilos sociolinguísticos mescla-se com características de vestuário, redes de contatos, hábitos e outras características extralinguísticas (Eckert, 2008). Buscando entender como os falantes reconhecem pessoas do interior, solicitou-se ao participante da pesquisa marcar opções que normalmente identificam uma pessoa do interior (região do Cariri) em Fortaleza, sendo essas: roupas, profissão, modo de falar (sotaque), contexto (compras, consultas médicas *etc.*), trejeitos, outra coisa (com caixa de texto para responder a opção) e não sei/prefiro não responder.

Por fim, permitiu-se ao participante, opcionalmente, comentar algo sobre suas vivências com as maneiras de falar no Ceará e/ou fornecer seu *feedback* sobre a pesquisa. Nesta pergunta é que os relatos de atitudes sociais perante as variedades vistas ou experienciadas pelos participantes foram esperados, buscando flagrar o possível impacto das atitudes linguísticas sobre a vida do falante, principalmente falantes da variedade do Cariri residentes em Fortaleza.

5.4.6 As variáveis qualitativas – análise do livre relato dos participantes

O livre relato dos participantes foi obtido em dois momentos da pesquisa, primeiramente durante o teste de percepção utilizando-se de *pseudo-matched guise*, em que se disponibilizou uma caixa de texto ao final de cada estímulo com a chamada “[Opcional] Gostaria de falar algo mais sobre a PESSOA X?”. Nesta parte, esperou-se receber mais respostas de avaliação social, pois perguntou-se diretamente sobre a pessoa ouvida. Em um segundo momento, no questionário de avaliação metalinguística, perguntou-se aos participantes o que esses pensavam da pronúncia oclusiva e palatal de /t, d/ diante de /i/, nesta parte esperou-se receber respostas de avaliação linguística. Todos os relatos foram lidos e separados para análise dos critérios estéticos, estilísticos, geográficos e dialetais (Freitag; Santos, 2016) e critérios de respeito à variação linguística, adicionado nesta pesquisa devido a quantidade de posicionamento dos participantes a este ponto. Para indicação do participante se utilizará o padrão P+número desse informante na base de dados, somada a uma breve descrição de sua estratificação social entre parênteses indicada após seu relato.

Uma maneira utilizada para quantificar esses relatos foi a elaboração de nuvens de palavras. A partir do agrupamento dos relatos, são selecionados itens lexicais mais frequentes em uma matriz de texto, e esses são expostos em um infográfico em forma de nuvem em que, quanto mais frequentes as palavras, maiores elas estão representadas na nuvem, permitindo a visualização de avaliações mais comuns e proeminentes no discurso dos informantes. As nuvens foram elaboradas por meio dos pacotes *wordcloud* e *worldcloud2*, o pacote *tm* foi utilizado para remover da matriz a pontuação (vírgulas, pontos finais, aspas *etc*) e verbos que indicam atividade mental, como “acho”, “penso” e “acredito”. Dessa maneira, é possível sistematizar a resposta das questões abertas do questionário de percepção e flagrar os itens lexicais mais relacionados a cada uma das variantes, sejam de natureza de avaliação (meta)linguística ou de avaliação social.

5.7 Dificuldades

As maiores dificuldades sentidas na realização do teste foram a naturalidade dos estímulos e a possibilidade de que se reconhecesse que os pares de estímulos como produzidos pela mesma pessoa, o que poderia comprometer a avaliação (Loureiro-Rodríguez; Acar, 2022). Houve poucos relatos indicando percepção de similaridades de voz “*Senti uma leve semelhança com o timbre de voz da pessoa 1*” (P161, Homem, 24 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente

em Fortaleza -CE há 6 anos) e “*Parece ser a mesma voz da pergunta 1*” (P9, Mulher, 34 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE). Além disso, houve um relato detalhado sobre as percepções de artificialidade fala:

- Também parecia que estava lendo, mas é só uma observação. Não sei se tem a ver, mas parecia falar de forma mais natural, os outros em alguns momentos pareciam não estar falando de forma espontânea, daí eu achar que estavam lendo. Essa embora também pudesse estar lendo, parecia ser dona das palavras e por isso lembrava do que tinha escrito ou então apenas se sentia à vontade com o que lia (P35, Mulher, 43 anos, Ensino Superior completo, Maranguape-CE, residente em Fortaleza há 6 anos).

Considera-se que esses *feedbacks* indicam possíveis riscos previstos e desafios metodológicos a serem enfrentados em testes de estímulos pareados. Não foram frequentes os relatos da descoberta dos pares por parte dos participantes do teste e do pré-teste e um fato interessante é que o apontamento de similaridade de voz (modalizado pelos participantes) ocorreu apenas para os pares com o falante homem. Outro apontamento foi que o falante homem “Tem a voz do Gil do vigor” (P14, Mulher, 33 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE), um ex-participante nordestino e assumidamente *gay* do reality show Big Brother Brasil. As diferenças entre os estímulos produzidos pela falante mulher e pelo falante homem serão posteriormente discutidas na seção de resultados.

6 RESULTADOS

Esta seção dedica-se à análise e discussão dos resultados da pesquisa. Inicia-se com a apresentação do perfil social dos participantes da pesquisa. Em seguida, trazem-se os resultados de (1) as variáveis discretas (lista de características de *status* e solidariedade), (2) as variáveis ordinais (nível de *nordestinidade*, nível de sotaque e nível de “falar cantado”), (3) teste de avaliação (meta)linguística e teste de atitudes sociais percebidas e (4) análise das variáveis qualitativas - relatos dos participantes da pesquisa. Sendo os itens (1) e (2) partes do teste de *pseudo-matched guise*, o item (3) com questões objetivas e o item trata (4) das questões dissertativas.

6.1 Perfil social dos participantes

Apresenta-se abaixo a Tabela 2, contemplando a estratificação social de todos os respondentes da pesquisa por: naturalidade, gênero, escolaridade e faixa etária, considerando a frequência (n) e proporção (%) de participantes por cada uma dessas variáveis sociais.

Tabela 2 – Estratificação social dos participantes da pesquisa (N = 255)

Naturalidade	n	(%)
Fortaleza-CE	159	62,35
Cariri-CE ¹³	42	16,86
Ceará (outros municípios) ¹⁴	33	12,16
Outros estados ¹⁵	21	8,63
Gênero	n	(%)
Feminino	163	63,92
Masculino	86	33,73

¹³ Juazeiro do Norte (14), Crato (13), Barbalha (8), Mauriti (2), Barro (1), Assaré (1), Milagres (1), Brejo Santo (1), Lavras de Mangabeira (1).

¹⁴ Crateús (3), Caridade (2), Pacoti (2), Aracati (2), Canindé (2), Baturité (2), Iguatu (2), Acaraú (1), Cedro (10), Sobral (1), Redenção (1), Maranguape (1), Acopiara (1), Caucaia (1), Chorozinho (1), Croatá (1), Quixadá (1), Limoeiro do Norte (1), Mulungu (1), Pedra Branca (1), Jaguaribano (1), Russas (1), Umirim (1) e Uruburetama (1).

¹⁵ São Paulo-SP (3), Mossoró-RN (2), Recife-PE (2), Campina Grande-PB (1), Salvador-BA (2), Brasília-DF (2), Rio de Janeiro-RJ (2), Osasco-SP (2), Uruçuí-PI (1), Santarém-PA (1), Vila Velha-ES (1), Nilópolis-RJ (1) e Curitiba (1).

Não-binário	6	2,35
Escolaridade	n	(%)
até Ensino Médio/ Grau Técnico ¹⁶	44	17,25
Curso Superior e Pós-Graduação ¹⁷	211	82,75
Faixa etária	n	(%)
Até 29 anos	130	50,98
Entre 30 e 60 anos	115	45,10
61 anos ou mais	10	3,92

Fonte: elaborada pela autora.

Nesta pesquisa, obtivemos um maior número de participantes nativos de Fortaleza-CE, seguidos por falantes do Crajubar (Região do Cariri) e Cearenses de outras regiões do estado, por fim, constam falantes nativos de outros estados brasileiros. A predominância de fortalezenses é fato de o questionário haver sido aplicado para residentes de Fortaleza; o perfil do Cariri sobrepõe o do restante dos cearenses possivelmente devido à busca ativa por este perfil. Os falantes de outros estados são poucos na amostra, e também podem refletir os maiores padrões de migração interna no Ceará, em detrimento do recebimento de migrantes de outras regiões do país ou do mundo.

Em relação ao gênero, predominam falantes do gênero feminino, e subsequentemente do gênero masculino. Em menor número, houve a expressão de gênero não-binário. Assim, ainda que discretamente, percebe-se que em pesquisas amplas e principalmente nas que existe livre-circulação do teste, deve-se incluir outras opções de gênero além do tradicional masculino e feminino, ou não se contemplará parte da comunidade respondente.

Em relação à escolaridade, houve uma predominância maciça de falantes com Ensino Superior, considerando Curso Superior incompleto, Curso superior completo e Pós-Graduação. Os falantes de escolaridade até o Ensino médio, concentrando falantes com Ensino Médio Completo, Grau Técnico e, em menor número, Ensino Médio incompleto e Ensino Fundamental completo.

Partindo para as variáveis específicas dos migrantes, considera-se o motivo de migração, tempo de migração em anos e proporção da vida em Fortaleza-CE.

¹⁶ Médio incompleto/ Ensino Fundamental (8), Ensino Médio completo (29) e Grau Técnico (7).

¹⁷ Curso Superior incompleto (66), Curso Superior completo (59) e Pós-Graduação (86).

Tabela 3 – Motivo da migração dos participantes não nativos de Fortaleza-CE (N = 96)

Motivo de migração	n	(%)
Estudo	37	38,54
Trabalho	16	16,67
Família	22	22,92
Outros (motivos mistos, razão pessoal, saúde <i>etc</i>)	21	21,88

Fonte: elaborada pela autora.

Nesta amostra, o principal motivo de migração foi para estudos na capital, seguido por motivos relacionados ao trabalho (transferência, concurso público, vagas em Fortaleza *etc*). Os motivos familiares figuram em terceiro lugar; nesse caso a predominância foi de pessoas que migraram junto com os pais, seguidos de pessoas que foram reunir-se com parentes ou casar na capital. Por fim, há outros motivos e motivos mistos.

Tabela 4 – Tempo de migração (em anos) dos participantes não nativos de Fortaleza-CE (N = 96)

Tempo desde a migração	n	(%)
até 10 anos	45	46,88
entre 11 e 30 anos	32	33,33
mais de 30 anos	19	19,79

Fonte: elaborada pela autora.

Considerando o tempo de migração em anos, a maioria dos migrantes está em Fortaleza até 10 anos, contudo, há um expressivo montante de migrantes entre 11 e 30 anos. A faixa de mais 30 anos de migração é a menos preponderante. Considerando que o tempo de migração em anos se sobrepõe com a variável idade, ou seja, é apenas possível haver migrado mais há mais de 30 anos se essas pessoas têm uma idade superior a este período. Assim, calculou-se a proporção da vida como migrantes desse grupo, sendo 39,58% (n = 38) desses participantes migrantes mais da metade de suas vidas.

Considerando a relevância do grupo de migrantes do Cariri, separaram-se os participantes desse perfil em vias de analisar sua proporção de vida como migrantes minuciosamente, baseado nas proporções de vida como migrante de Oushiro (2021).

Tabela 5 – Proporção da vida como migrantes dos participantes nativos do Cariri (N = 42)

Proporção da vida como migrantes		
Menos de 1/3 da vida	19	45,24
Entre 1/3 e 2/3 da vida	14	32,56
Mais de 2/3 da vida	9	20,93

Fonte: elaborada pela autora.

O padrão da maior proporção de migrantes recentes repete-se. Contudo, percebe-se um relativo balanceamento da amostra, com uma proporção razoável de participantes por faixa de migração. Desse modo, pode-se mensurar a influência dos migrantes recentes, migrantes de médio prazo e de longo prazo sobre as variáveis desta pesquisa.

6.5 As variáveis discretas da lista de características: crenças realizando-se em percepção

A lista de características do questionário de crenças e atitudes foi quantificada em relação a frequência e proporção de assinalação de características para os estímulos com variedade oclusiva e com variedade palatal (Tabela – 6). Nessa análise, consideraram-se os dados totais de ambos os questionários.

Tabela 6 – Frequência e proporção de características atribuídas a estímulos de variante palatal e estímulos com variante oclusiva em teste de *pseudo-matched guise* (N= 255)

Variedade	Oclusiva		Palatal		Sum
	N	Proporção (%)	N	Proporção (%)	
Sincera	303	55,49	243	44,51	546
Educada	237	51,63	222	48,37	459
Inteligente	224	51,14	214	48,86	438
Trabalhadora	193	56,76	147	43,24	340
Solidária	179	52,96	159	47,04	338
Prática	192	45,07	234	54,93	426
Humilde	131	63,29	76	36,71	207
Gentil	117	58,5	83	41,5	200
Amigável	107	54,31	90	45,69	197

Confiável	93	48,44	99	51,56	192
Ligada à família	73	57,03	55	42,97	128
Simpática	70	62,5	42	37,5	112
Independente	68	45,95	80	54,05	148
Hospitaleira	47	55,29	38	44,71	85
Negra	30	57,69	22	42,31	52
Bonita	27	55,1	22	44,9	49
Alta	23	58,97	16	41,03	39
Branca	23	45,1	28	54,9	51
Extrovertida	22	47,83	24	52,17	46
Matuta	21	80,77	5	19,23	26
Adorável	19	55,88	15	44,12	34
Leiga	17	50	17	50	34
Orgulhosa	17	37,78	28	62,22	45
Baixa	15	55,56	12	44,44	27
Divertida	10	45,45	12	54,55	22
Engraçada	9	56,25	7	43,75	16
Irritante	9	34,62	17	65,38	26
Tagarela	9	60	6	40	15
Feia	3	37,5	5	62,5	8
Prefiro não responder	4	23,53	13	76,47	17
Sum	2292	-	2031	-	

Total = 4323

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se que as três características mais atribuídas a ambas as variantes (*sincera*, *educada* e *inteligente*) coincidem, o que pode ser influenciado pelo conteúdo das mensagens, porém tenha-se como ressalva as diferentes frequências e que essa é uma análise puramente descritiva, não inferencial dos dados.

Ressalta-se que a quarta característica mais selecionada, *prática*, é a segunda mais frequente para variável palatal, enquanto é a sexta para forma oclusiva. A característica *matuta*, apesar de haver sido selecionada apenas 21 vezes para a forma oclusiva, foi mais de quatro vezes mais frequente a atribuição dessa característica a essa variante que para palatal. Algo

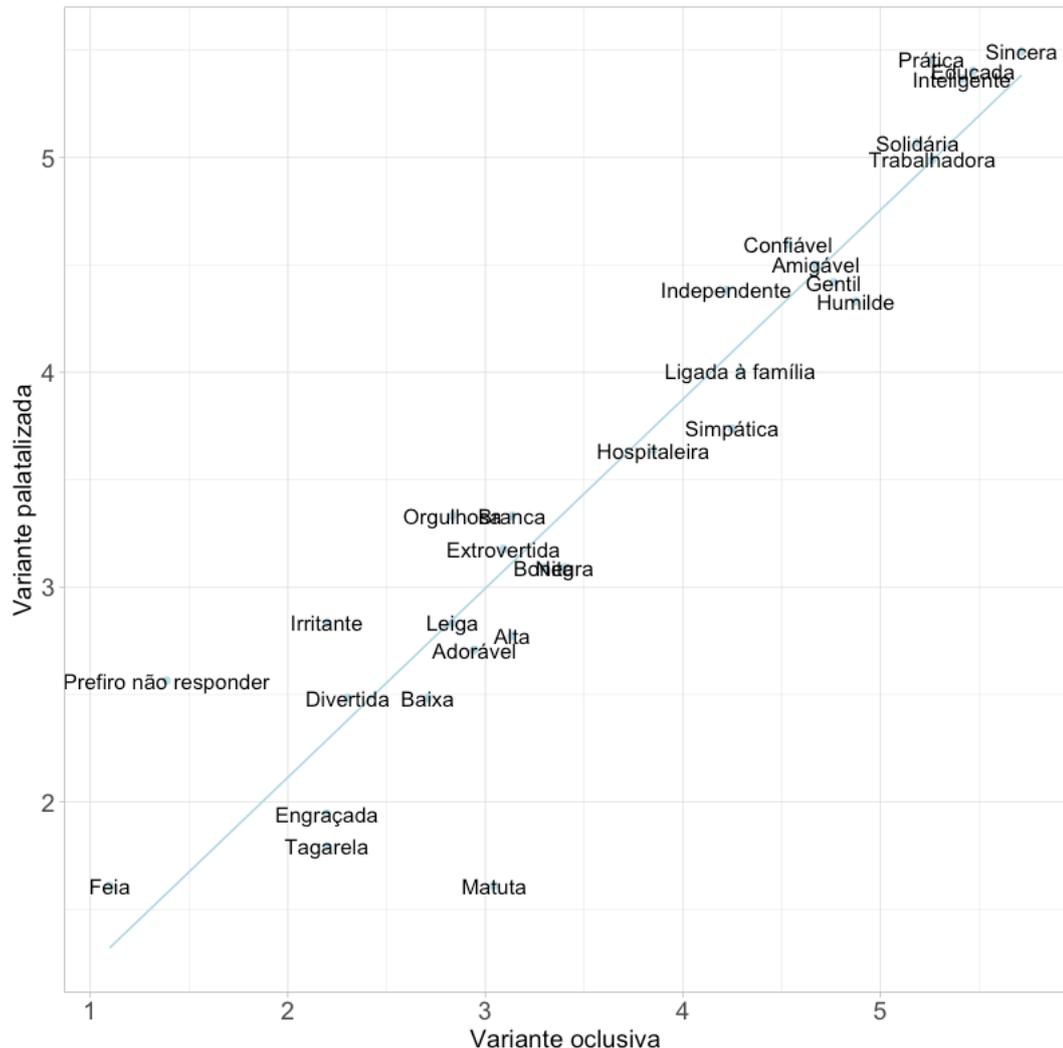
interessante é a atribuição da característica *irritante* quase o dobro de vezes para variante palatal, em detrimento da variedade oclusiva, sendo essa característica assinalada 7 vezes por participantes fortalezenses e apenas 4 vezes por pessoas do Cariri. Em contrapartida, todas as assinalações da forma do Cariri como irritante foram por falantes fortalezenses ou nativos de outras regiões do Ceará. Isso poderia ser um indício de lealdade linguística dos falantes do Cariri em relação à sua própria variedade linguística, evitando atribuir a característica negativa a falantes com sua variedade, enquanto os falantes fortalezenses não parecem apresentar tal protecionismo, sendo os que mais avaliaram estímulos da sua própria variedade como *irritante*.

A opção *prefiro não responder* também chama atenção sendo quase três vezes mais frequente para estímulos com a variedade palatal, e pela predominância dessa opção ao escolher não avaliar Pessoa 3 (N= 8), um estímulo palatal produzido por um falante homem. Dentre esses oito, apenas 2 escolheram não julgar também o estímulo palatal produzido pela falante mulher. Apesar de resultados de frequência pouco representativos da amostra, questiona-se para estudos futuros a investigação da diferente avaliação de estímulos falados por vozes masculinas e vozes femininas.

Para tratar dessas características de uma maneira que permita melhor visualização da sua assimilação com cada uma das variantes, realizou-se um gráfico de dispersão com a adição de uma linha de regressão linear. Quanto mais afastadas da linha de regressão, mais significativa é a característica. Em relação aos estímulos, as características à esquerda do eixo y relacionam-se à variante palatal, conseqüentemente, estão as características que se relacionam à variante oclusiva.

Devido à dispersão dos dados, em que existe poucas palavras com alta frequência de atribuição e muitas palavras com baixa frequência, os dados de frequência foram convertidos para escala logarítmica pela função $\log()$ pelo *software* RStudio para redução da diferença na visualização dos dados, evitando uma sobreposição de dados concentrados próximo ao zero. A partir da base do logaritmo natural e , as frequências de 3 a 303 geraram uma escala contínua de 1–6. Para melhorar o entendimento, a expressão lexical que corresponde a característica está centralizada sobreposta ao ponto do gráfico que representa sua frequência em escala logarítmica no gráfico de dispersão.

Gráfico 1 – Dispersão de características pelo logaritmo da frequência e com linha de regressão linear indicando relação dessas com a variante palatal (à esquerda) ou a variante oclusiva (à direita)



Fonte: elaborado pela autora.

Percebe-se que a maioria das características estão próximas à linha de regressão linear, sendo o resultado mais saliente a atribuição da característica *matuta* para variante oclusiva. Apesar de essa haver sido pouco frequente na amostra (N= 21), entende-se que a pouca atribuição da característica *matuta* deve estar relacionada a carga semântica depreciativa desse item lexical e a dificuldade de atribuição dessa avaliação a avaliação dos estímulos ouvidos. Contudo, essa ainda se mostrou significativa para o entendimento da significação social da variante oclusiva. Entende-se que também chama atenção o resultado do “prefiro não responder” para a variante palatal, o que é entendido como uma naturalização e maior neutralidade em relação a estímulos com a variante palatal nesses dados.

Para analisar o constructo ideológico por trás das avaliações, visitou-se Iorio (2013) quanto à noção de interior e sertão no Brasil a partir da Revista Interior, publicada pelo Ministério do Interior, sendo tanto a revista quanto o ministério não mais existentes. O autor aponta que “[...] o pensamento social brasileiro que recorre ao sertão para interpretar o Brasil: a autenticidade por um lado e a ‘incivilidade’ por outro (Iorio, 2013, p. 179).

O mais absurdo que já vivi morando em Fortaleza foi o comentário: "seu sotaque é engraçado, sei lá, parece que não é civilizado". Me dói até hoje (foi por volta de 2013, quando comecei a morar aqui em Fortaleza). (P203, Mulher, 30 anos, Pós-Graduação, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 10 anos).

Considerando as crenças linguísticas pré-existentes à percepção linguística (Campbell-Kibler, 2009; Eckert, 2008), pode-se inferir dessa análise que apenas a alteração de um estímulo linguístico pode transformar como um falante é percebido e, conseqüentemente, como o conteúdo da sua mensagem é recebido. O relato da P203 ilustra a afirmação da interrelação entre uma variante linguística e a atribuição de credibilidade ao falante. Sendo a P203 falante da variedade do Cariri cearense, ela narra como o contato linguístico após migrar pela capital a fez ser avaliada em uma ocasião como “não civilizada”, ou seja, não parecendo se adequar aos padrões ideológicos e institucionais que validam as organizações humanas hegemônicas. Iorio (2013) também aponta que a ideia da imaginação espacial no país foi construída em um projeto de Estado, em que o interior era exaltado por suas pessoas, folclore, tradições e seus espaços. A cultura das massas, por sua vez, seria a marca das capitais, pobres em cultura. Um pensamento similar é apresentado por uma participante da pesquisa, que apontou a profissão como identificadora de pessoas do Cariri residentes na capital Fortaleza, pois: “O Cariri é o berço artístico do Ceará” (P7, Mulher, 37 anos, Ensino Superior completo, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE a 23 anos).

Correlacionado estes dados à variação linguística e aos resultados desta pesquisa, a associação dos estímulos de variante palatalizada, predominante na capital, com características de *status*, e os estímulos de variedade oclusiva, marca do Cariri, associados a características de solidariedade, podem refletir crenças e atitudes linguísticas decorrentes de um projeto de imaginário nacional, em que as pessoas do interior seriam mais solidárias e arraigadas à cultura popular, até menos vistas como menos civilizadas, por contrastarem com a cultura hegemônica da capital. Sobre a correlação de significados sociais a variantes do interior e capital, um participante da pesquisa discorreu que:

Gosto da diversidade de sotaques, são características naturais que dão mais personalidade às pessoas, conforme suas origens. Talvez os preconceitos não estejam ligados diretamente ao sotaque, mas sim à imagem de pobreza, ingenuidade, costumes entre outras estereotipagens referentes à região do interior do estado. Então, se há preconceito ou desconhecimento para entender até que ponto um estereótipo é validade ou quando é lenda, isso se deve ao entendimento e conhecimento do nosso estado como um todo, além da cidade grande. ter mais contato com as pessoas e com a região do interior pode ajudar a quebrar pensamentos equivocados. Não sei como é no sentido contrário eles ouvirem como é o jeito do pessoal de Fortaleza falar, ou como são os costumes da cidade grande, e como são os "preconceitos" com os cidadãos das metrópoles, mas, como a mídia e os conteúdos são originais, em sua maioria, pelos centros urbanos, talvez eles estejam mais acostumados a nos ouvir do que nós a eles (P54, Homem, 33 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).

Surpreende como o isolamento de apenas um traço linguístico, a palatalização ou não de /t, d/ diante de /i/, no teste de Crenças e Atitudes, também presente em capitais brasileiras, principalmente das regiões Nordeste e Sul, indexe essa ampla gama de significados sociais tão contrastantes e regionalmente marcados para falantes residentes na capital cearense.

6.5.1 Árvore de distâncias mínimas

Para elaboração das árvores de distâncias mínimas consideraram-se os dados das 157 respostas do formulário elaborado na plataforma *Qualtrics*, o motivo dessa seleção foi que na realização de análises com apenas dados dos questionários de cada uma das plataformas, percebeu-se que, quando se tratava dos dados obtidos via plataforma *Jotform*, apesar de as principais características atribuídas ainda serem as mesmas do dados advindos do *Qualtrics*, as correlações entre variáveis foram fracas e obtiveram-se árvores de ramos longos e desconexos de ambas as variantes, como também uma proximidade anormal da variante oclusiva com a variante palatal na árvore. Aponta-se que isso pode haver ocorrido devido à diferença entre plataformas e suas interfaces, de acordo com Bastos Junior (2005), a partir de conclusões de Selltiz e Cook (1987), diferenças devidas a variações de aplicação são problemas comuns na aplicação de testes e potencialmente contribuem com variações nos resultados. Outro motivo possível é a maior presença de participantes do Cariri na segunda amostra, sendo, então, parte dos resultados aqui apresentados mais coerentes com a comunidade de Fala de Fortaleza-CE.

Aponta-se que desses dados, a estratificação social dos 157 participantes segue proporções similares à obtida na amostra completa. Em relação a naturalidade, têm-se escolaridade Ensino Superior (79,6%), Ensino Médio (20,4%), em relação a naturalidade, têm-se nativos de: Fortaleza (66,9%), outros locais do Ceará (13,4%), outros estados (10,4%) e Cariri cearense (8,9%), os gêneros da amostra são: feminino (63,7%), masculino (34,4%) e não-

binário (1,9%), por fim, considerando à faixa etária há: faixa 1 – até 29 anos (54,1%), faixa 2 – 30 a 59 anos (42,7%) e faixa 3 – 60 anos ou mais (3,2%).

A árvore de distâncias mínimas foi proposta por Oushiro (2015, 2019) como uma maneira de visualizar as relações entre características do teste de percepção, principalmente tratando-se da análise de *clusters*, conjunto de características que se agrupam, pressupondo uma maior correlação delas a uma determinada variante linguística. Uma outra vantagem dessa análise é a visualização de diferentes *subsets* dos dados, podendo analisar o comportamento desses *clusters* em diferentes subgrupos. Não se deve ler esses dados como um mapa mental representando um fluxo de pensamento comum e padrão de reação a uma variante, mas como significados sociais potenciais a uma variante que foram evocados no momento e condições do teste (Eckert, 2008). Significados sociais não são estáveis e podem sofrer influência de múltiplas variáveis em distintos contextos (Campbell-Kilber, 2009), assim, não se deve sempre interpretar nessas análises, por exemplo: *a variável oclusiva é um uso sempre visto como de pessoas humildes*, mas sim: *a variável oclusiva foi, neste teste, avaliada como um uso de pessoas humildes*.

Para elaboração das árvores, excluíram-se as características alta, baixa, feia e bonita por, como indicado no Gráfico 1, essas foram pouco frequentes, e, ainda que opostas, relacionaram-se unicamente à forma oclusiva, ou seja, não apresentam um poder explicativo na diferenciação da avaliação social da forma oclusiva e palatal.

Figura 7 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por participantes residentes em Fortaleza-CE (N= 157)



Fonte: elaborada pela autora.

A árvore de distâncias mínimas com os dados de todos os perfis sociais (Figura 7) apresentou uma forte associação das características *humilde*, *negra* e *leiga* com os estímulos da variante oclusiva. Ressalta-se que além de associadas à variante oclusiva, essas características são relacionadas entre si, devido à natureza de sua aproximação no gráfico, bem como estão todas conectadas pelo “nó” partindo da característica *humilde*. Seguindo a análise de *clusters*, percebe a associação de pessoas *família* (ligadas à família) com a característica trabalhadora. Assim, vê-se uma *persona* pertencente aos estratos mais vulneráveis da sociedade brasileira; negra, pouco escolarizada e trabalhadora de baixa renda. Sabe-se que a pessoa *trabalhadora* é associada a camadas da base da pirâmide social brasileira. Alves (2008, p. 173) aponta que na contemporaneidade do milênio 2000, o trabalhador “[...] é obrigado não apenas a ‘vestir a camisa’ da empresa, mas ‘dar a alma’ (corpo e mente) ao capital”, em uma visão de trabalho adocedora que explora o trabalhador em vias da produção. Essa solidariedade é posta em uma associação do trabalhador ao seu emprego e atinge uma camada da população parte de famílias mais pobres, menos escolarizadas e predominantemente negras, principais vítimas do trabalho informal ou do trabalho precarizado, principalmente marcado pela terceirização de serviços (Andreta; Campos, 2015).

A escolha das características de raça/cor/etnia *branca* e *negra* foram escolhidas por critérios de avaliação racial observados em Oushiro (2015), em que os falantes da variante tepe de (-r) em coda silábica eram vistos como mais brancos, assim, houve a crença de possibilidade de racialização da variação das oclusivas alveolares /t, d/ em Fortaleza-CE. No pré-teste desta pesquisa, não foram encontrados relatos voltados exatamente à raça/cor/etnia dos falantes, e sim, aos participantes indicaram fortemente estereótipos de caráter da dicotomia interior/capital. Na análise dos relatos dos participantes do teste final, apenas uma participante, que se autodeclara branca, apontou experiências que vinculam o Cariri com a negritude, mais precisamente a uma visão da predominância de pessoas negras na região por fortalezenses, sob a justificativa do Cariri ser um “sertão” e “quente”. Apresenta-se abaixo o relato:

Eu contei [em um trabalho que realizava em Fortaleza] que havia ganhado um concurso [como modelo representante do Cariri] e uma mulher olhou para mim e disse "mas você não é negra!" e eu olhei para o meu braço e disse "é, parece que eu não sou negra não", e ela disse "ah, desculpa, mas todas as meninas do cariri que ganharam [antes] eram negras" e eu disse que eu não era uma exceção, tinham muitas pessoas brancas [na região], que não é porque você é do Cariri que você é negro. [Existem] comentários como "Como no seu sertão você consegue ser branca desse jeito?" e eu me perguntava: "como assim meu SERTÃO?". Essa [primeira] situação foi nos anos 2003, mas recentemente [circa 2023] ouvi sobre minha filha, de uma atendente muito simpática, aqui em fortaleza; “como ela consegue ser branquinha assim sendo do Cariri?” mas acredito que ela [a atendente] percebeu que não fiquei confortável e justificou que é "por que no cariri é muito quente", mas fortaleza [também] é muito

quente! mesmo quando chove é muito mormaço. [Quando me mudei para São Paulo] esse [preconceito] era meu medo: eu pensei se eu vivo isso no meu próprio estado, imagina em São Paulo? um amigo me acolheu em São Paulo, ele que me deu um suporte, como também um cariense em São Paulo, ele já quase não tinha sotaque do cariri, ele disse que ele teve que se readaptar, deixar o sotaque "o mais neutro possível", para conseguir trabalhar, porque ele perdia clientes por causa do seu sotaque, por puro preconceito (P225, Mulher, 37 anos, Ensino Superior incompleto, Juazeiro do Norte, residente em Fortaleza a 3 anos, adaptado pela autora).

A população do Ceará é, em geral, predominantemente negra, em dados da “PNAD Contínua” atualizados em 2022 (IBGE, 2023), soma-se 71,7% de pessoas negras (sendo destas, autodeclaram-se 64,9% pardas e 6,8% pretas). Os 27,1% são de pessoas brancas, não aparecendo nessas estatísticas do portal Cidades e Estados do IBGE (2023), autodeclaração de pessoas amarelas e indígenas. Desse modo, conclui-se que o Ceará é um estado de grande maioria de pessoas negras, sendo essa uma característica a nível estadual, não a uma região ou cidade específica do estado. Euclides da Cunha, em sua obra altamente influente sobre a noção dos interiores do nordeste brasileiro: *Os Sertões* (Cunha, 2014 [1902]), se refere à pele marcada do sol dos sertanejos e se refere a esta população como *caboclos* e *mestiços*, talvez, novamente, à atribuição dessa característica à variedade oclusiva relaciona-se a ideologias sobre municípios do interior.

Em seguida, avalia-se o *cluster: amigável, gentil e hospitaleira*, estando *solidária* também partindo do “nó” advindo de *hospitaleira*. A cultura do sertão, como anteriormente discutido, foca nas pessoas da região. A ideia de interior se relaciona com a *persona* de alguém altamente receptivo, diferentemente de pessoas de grandes centros urbanos, avaliadas como mais frias e distantes, como reforçado em canções populares: “Vai diminuindo a cidade, vai aumentando a simpatia. Quanto menor a casinha, mais sincero o bom dia¹⁸”. Dessa maneira, essas características, em conjunto, estão em coerência com o imaginário nacional de interior.

Kircher e Zipp (2022) discutem que variantes que são fora do *standard*, formas padrão da língua, mas são imbuídos de *vitality* – vitalidade linguística, em tradução livre, referindo-se a um uso frequente –, tendem a ser avaliadas como de pouco *status*, mas de alta solidariedade. Loureiro-Rodríguez e Acar (2022) apontam que solidariedade também tende a ser associada à lealdade linguística dentro de um grupo social. Assim, a variante oclusiva parece ser associada a um grupo de pouco *status* na comunidade de fala, mas bem avaliados em relação a características de solidariedade. Tratando-se dos materiais de ensino de Português como língua estrangeira, para o Português Brasileiro *standard* é apresentada a variante palatal e a

¹⁸ Canção “Simplicidade”, de autoria de Joao Daniel Ulhoa e interpretada pela banda Pato Fu. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pato-fu/185865/>. Acesso em: 16 set. 2023.

possibilidade da variante oclusiva não tende a ser apresentada. Desse modo, essa pesquisa parece estar em consonância com outras sobre o mesmo fenômeno, indicando o *status* da palatal sobre a oclusiva.

Huback (2022, p. 2) analisou, entre outras variantes, o ensino de Português Brasileiro como língua estrangeira em 6 materiais didáticos e questiona: “devemos ensinar a pronúncia de *t* e *d* palatalizados, como em [tʃ]ia e [dʒ]ia, ou não (PERINI, 2004)?”. A autora aponta a importância de explicar aspectos de pronúncia da língua e aponta que o caderno de atividades da série *Ponto de Encontro* ensina que o som de [tʃ] equivale ao de *chesse* e o material *Bom dia, Brasil* aponta a palatalização de /t/ diante de [i], mas não informa de casos de palatalização de “e” em final de palavra, como em “noite”. Em vista do escasso tratamento da variação, e a aparente norma do foco no ensino da forma palatalizada, parece corroborar com a hipótese de a forma oclusiva ser de pouco padrão, como discutiu-se a partir de Kircher e Zipp (2022).

Lacerda (2005) afirma, em uma pesquisa realizada ao Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), que, em geral, a população migrante do interior do Ceará para capital é negativamente selecionada, ou seja, possui rendimentos inferiores à população nativa de Fortaleza, como também apresenta vulnerabilidade socioeconômica e menos anos de escolarização, o que se relaciona ao processo de favelização. De acordo com Sabino (2021), há também uma segregação em relação aos tradicionais bairros da elite fortalezense, se destacando as regionais 2 e 4 (com destaque aos bairros Meireles, Aldeota e Fátima) e bairros periféricos com alta taxa de migrantes do interior, com destaque a regional 5 (Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Siqueira e Bonsucesso) e a regional 10, com ênfase no bairro de Canindezinho (Cf. ANEXO D – MAPA DAS REGIONAIS DE FORTALEZA-CE – 2021). Assim, pode-se imaginar que a avaliação possa ter como base constructos de uma segregação já existente na cidade de Fortaleza.

Traz-se a reflexão, então, que a avaliação de pessoas do interior por sua fala, mesmo que não reflita a realidade socioeconômica daquele falante, pode levar alguém a ser visto como alguém de menos *status*. Lambert *et al.* (1960) apontou em seu estudo basilar sobre reações subjetivas a línguas, que falantes de francês em Quebec eram vistos como menos: ambiciosos, inteligentes e confiantes. Kircher e Zipp (2022) apontam que, em testes de percepção linguística, a questão se alguém é mais ou menos adequado para uma vaga de emprego tende a favorecer falantes de variantes de *status*. Desse modo, infere-se que a avaliação da variante oclusiva pode influenciar negativamente ao falante dessa em uma situação comunicativa, como, por exemplo, em uma entrevista de emprego, pois as crenças pré-existentes sobre falantes dessa

variedade podem projetar significados sociais, características a este falante, que reforcem e induzam esta pessoa a um lugar de subalternidade ao grupo de *status* da comunidade.

Em relação à variante palatal, a característica mais correlacionada foi *prática*, esta, por sua vez, ligada a *sincera*. É importante afirmar que, tratando-se das características isoladas no gráfico de dispersão, *sincera* foi mais associada à variante oclusiva, desse modo, a sua alocação com a oclusiva pode ser relacionada pela sua ligação com a característica *prática*. Segue-se o *cluster* das características: *orgulhosa*, *independente* e *irritante*. A última, por sua vez, relaciona-se a *branca*. Desse modo, vê-se que características de *status* se relacionaram também à branquitude, porém, a característica *irritante* revela a potencialidade dessa *persona* não ser vista de modo agradável. Características dinâmicas também foram associadas à forma palatal, ainda que em menor grau, têm-se o *cluster*: *tagarela*, *engraçada* e *divertida*, estando essa última em um ponto central da árvore, entre a variante oclusiva e a palatal. A característica *tagarela* relacionou-se a extroversão, e *engraçada* à beleza.

Desse modo, a variante palatal parece estar relacionada a uma *persona* comunicativa, independente, orgulhosa e branca. Percebe-se que a *persona* falante da variedade palatal não é necessariamente vista como mais inteligente, mas agrega características de *status* que a assimila com os estratos de maior prestígio da sociedade, o que de acordo com Kircher e Zipp (2022) e Lambert *et al.* (1960) pode reforçar, em situações comunicativas, a confiabilidade e adequabilidade do falante para exercer posições de maior poder.

A variante palatal de /t, d/ diante de /i/. também, como anteriormente apontado, é validada por fontes institucionais e predominante como pronúncia adequada por português (Huback, 2022). Percebe-se uma menor vitalidade e maior prestígio (Loureiro-Rodríguez; Acar, 2022) na forma palatal, mas ela ainda é associada a uma *persona* dinâmica e extrovertida, o que pode representar a própria imagem da *persona* Fortalezaense. O cearense, no ideário nacional e local, é associado com um espírito cômico, piadista e executor da inconfundível *vaia cearense*, como discorre Brasileiro Filho (2010, p. 68), sobre comediantes do Ceará:

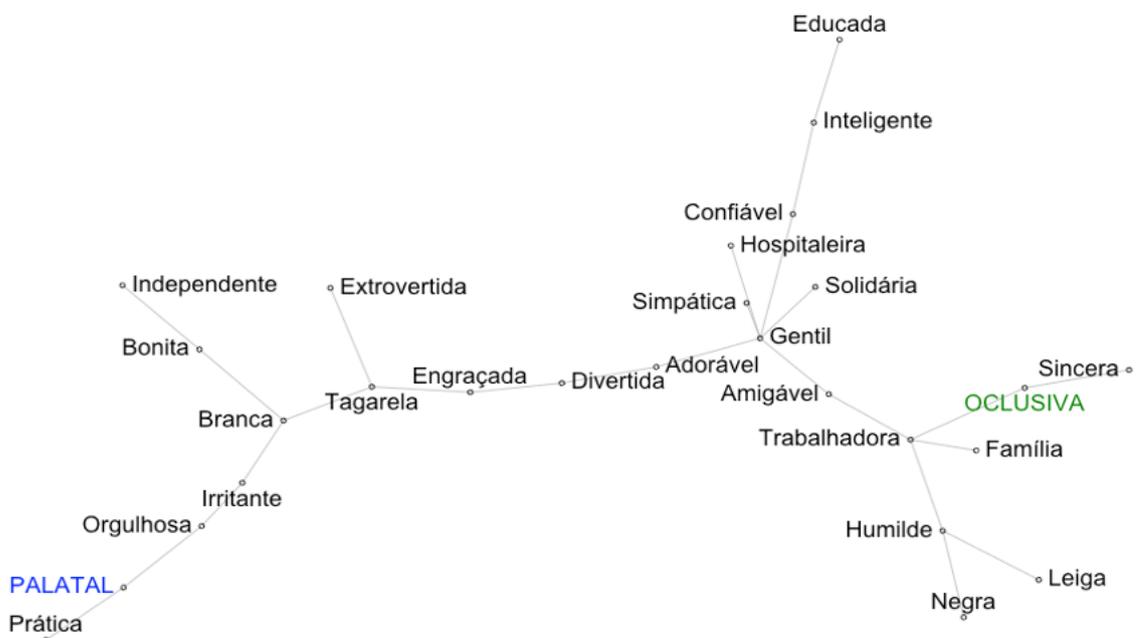
[...] percebeu-se que carregam, além da criatividade e do talento que os tornam exímios representantes de uma arte que, apesar de universal e atemporal, porquanto integrante da essência do humano, distingue e caracteriza o estado do Ceará diante das demais unidades federativas, o otimismo incorrigível e a perseverança que também parecem compor a genética cearense.

No entanto, apesar de o autor indicar tratar do cearense, percebe-se o estudo voltado à cidade de Fortaleza. Costa (2015), discorre sobre políticas de valorização à cultura humorística no Ceará e iniciativas do Festival do humor Cearense (FHC) e Serviço Social do

Comércio do Ceará (SESC-CE) que idealizam “[...] levar o humor para o interior do Ceará” (COSTA, 2015, p 45). É fato que para ambos os estudos sobre humor aqui citados, é parte da cultura e identidade do estado como um todo. Tem-se como hipótese que, devido à centralidade de Fortaleza na história do humor e presença instituições formais que realizem políticas acerca desse no Ceará, a *persona* de variedade pode ter sido mais associada às características: *engraçada*, *extrovertida* e *tagarela*. Todavia, deve-se ter em mente que essas características são as mais centrais da árvore, e, ainda que mais relacionadas à variante palatal, tem-se, principalmente, a característica *divertida* como um ponto divisor entre o lado direito da árvore, dedicado à avaliação da forma oclusiva, e o direito, à forma palatal.

Elaboraram-se campos indexicais em forma árvores de subgrupos da amostra de maneira binária, sendo, respectivamente: (i) gênero: feminino e masculino, (ii) faixa etária: faixa 1 – até 29 anos de idade e a combinação das faixas 2 e 3 – 30 anos de idade em diante, (iii) escolaridade: Ensino Médio e Ensino Superior e (iv) naturalidade: Cariri e Fortaleza-CE. Indica-se que para o campo indexical de participantes com escolaridade até o Ensino Médio exclui-se da análise a característica *tagarela*, e para o campo dos falantes do Cariri excluíram-se *divertida* e *engraçada*. Essas exclusões aconteceram devido à não assinalação dessas características por parte dos participantes, inviabilizando sua análise.

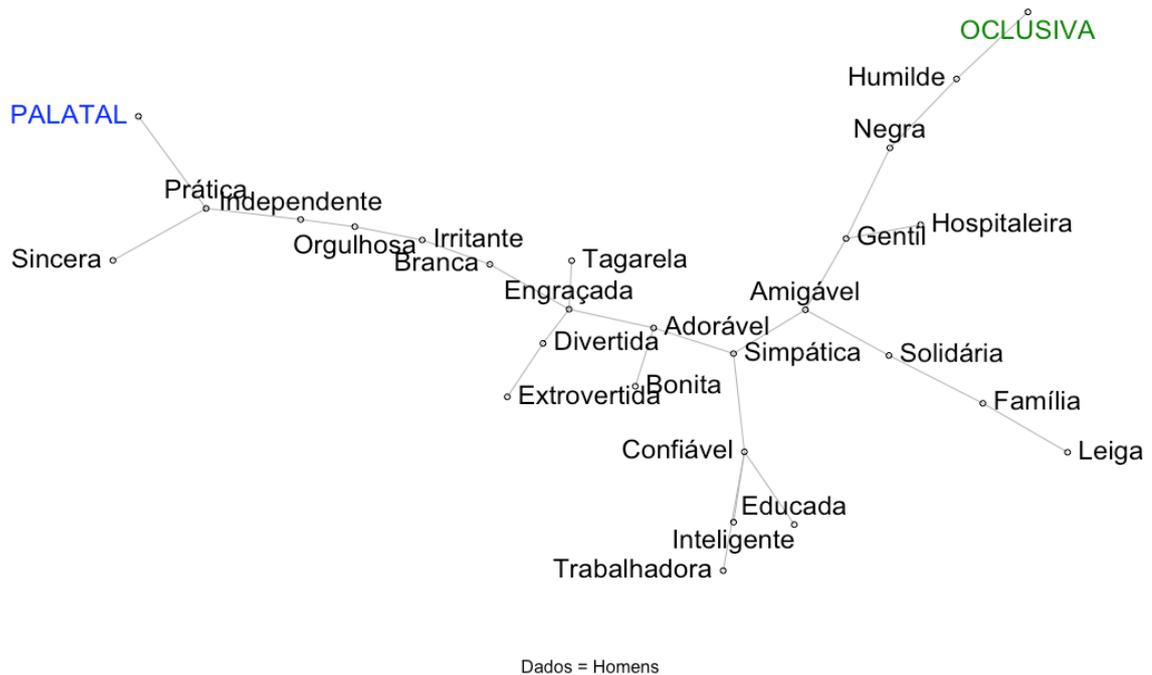
Figura 8 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por mulheres residentes em Fortaleza-CE (N= 100)



Dados: Mulheres

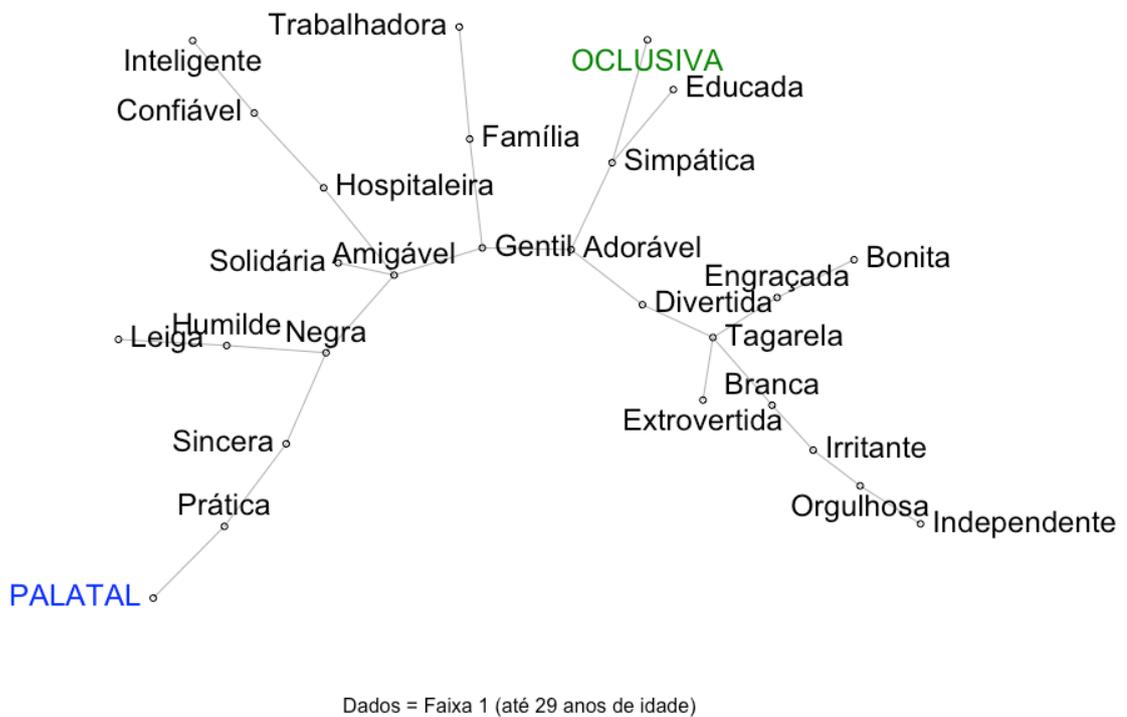
Fonte: elaboração própria.

Figura 9 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por homens residentes em Fortaleza-CE (N= 54)



Fonte: elaboração própria.

Figura 10 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE da Faixa 1 – até 29 anos de idade (N= 85)



Fonte: elaboração própria.

Figura 11 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE da Faixa 2 e Faixa 3 – 30 anos de idade ou mais (N= 72)



Dados = Faixa 2 e Faixa 3 (30 anos de idade ou mais)

Fonte: elaboração própria.

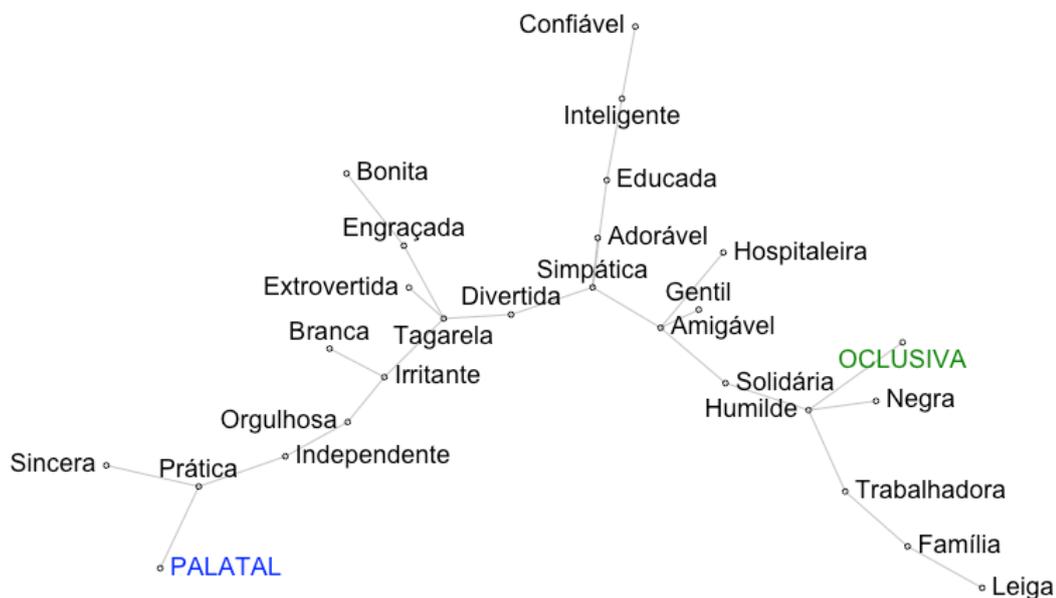
Figura 12 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE de escolaridade até o Ensino Médio e Grau Técnico (N= 32)



Dados = Ensino Médio

Fonte: elaboração própria.

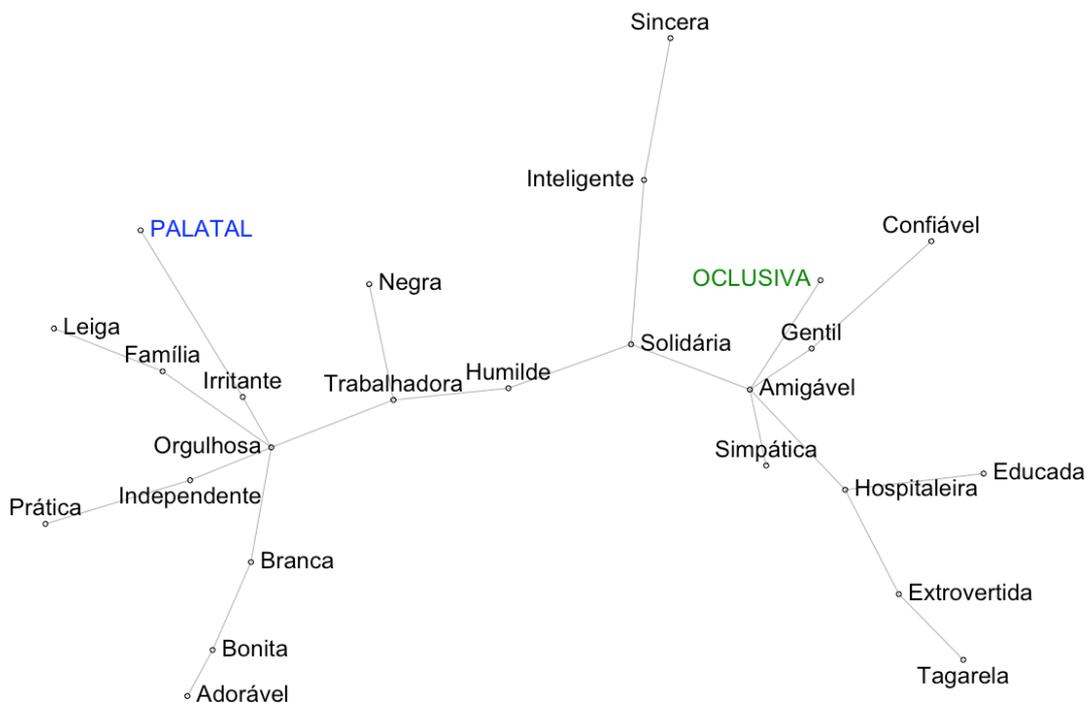
Figura 13 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE de escolaridade Ensino Superior e Pós-Graduação (N= 125)



Dados = Ensino superior

Fonte: elaboração própria.

Figura 14 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE nativos do Cariri (N= 14)



Dados = Cariri

Fonte: elaboração própria.

Figura 15 – Campo indexical em árvore de distâncias mínimas do uso oclusivo ou palatalizado de /t, d/ diante de /i/ por residentes em Fortaleza-CE nativos de Fortaleza (N= 105)



Fonte: elaboração própria.

Percebe-se, ao analisar todas as árvores, que a característica *negra* perde relação com a variante oclusiva e aproxima-se à palatal nos subconjuntos de dados com apenas dados de participantes de: Fortaleza, Cariri, Faixa etária 1 (até 29 anos de idade) e escolaridade até o Ensino Médio. De modo complementar, os participantes mais velhos e os mais escolarizados da amostra mantêm a aparente correlação entre a característica *negra* e a forma oclusiva, podendo ser esses os perfis sociais que influenciaram os resultados da árvore dos dados gerais (Figura 7). Não se percebeu diferenciação por gênero na atribuição dessa característica.

Aponta-se um agrupamento, *cluster*, das características *humilde* e *trabalhadora*, também com a característica de alguém ligado à *família* ao longo dos campos indexicais. Imagina-se que isso se relacione à imagem dos trabalhadores de base da economia, e nas condições precárias de trabalho. Um ditado comum é caracterizar alguém como “trabalhador, uma pessoa de família”, quando pretende-se elogiar ou estabelecer credibilidade à imagem dessa pessoa. Interessantemente, os homens da amostra foram os únicos que saíram desse padrão, associando a característica trabalhadora a: *inteligente*, *confável* e *educada*. Percebe-se que se resguarda a ideia de credibilidade e confiança, mas em uma visão que se assemelharia mais ao trabalho da classe média, exigindo um maior nível de escolarização.

Em relação às características de *status*, nota-se que o agrupamento recorrente nos campos das características *independente* com *orgulhosa* e *irritante* e correlacionado principalmente à variante palatal. Para os falantes mais jovens da amostra, curiosamente, esses

traços estão mais próximos à oclusiva, contudo, elas são as características mais distantes no ramo, o que pode indicar uma correlação fraca. Percebe-se, também, um teor racial na avaliação dessas características, pois o único campo indexical que essas características de *status* se relacionaram com a negritude foi o da cidade de Fortaleza, estando as outras associadas à branquitude ou a características não indicativas de raça. O resultado é curioso e infere-se que pode ter relação à história abolicionista da capital cearense, exaltada na cultura local, bem como talvez refletir uma tendência de inclusão e orgulho de grupos que sofrem segregação social em maiores centros urbanos. Por fim, pode-se indicar a significação social positiva da noção de independência e a possível soberba associada a alguém orgulhoso, podendo justificar o agrupamento de irritante.

Não pode se concluir, pelos dados das árvores de distâncias mínimas, que a forma oclusiva seria associada um uso de pessoas leigas e a palatal de pessoas inteligentes, de facto, a característica *inteligente* aproxima-se mais da variante oclusiva ou de uma posição intermediária em todos os subconjuntos de dados. A característica *leiga*, por sua vez, apresenta diferenciação quanto à sua atribuição considerando a escolaridade e naturalidade dos participantes. Para os participantes escolarizados até o Ensino Médio, a forma leiga está mais correlacionada a variante palatal, e para os participantes com Ensino Superior, essa característica relaciona-se à forma oclusiva. Considerando a naturalidade, vê-se que as pessoas nativas do Cariri correlacionaram a característica *leiga* mais à variante palatal, e as nativas de Fortaleza, à forma oclusiva, talvez indicando, cada um, um protecionismo com sua própria variante. Supõe-se que a avaliação da forma do Cariri com um uso de pessoas leigas seja, então, impulsionada por fortalezenses com Ensino Superior.

As características relacionadas a pessoas dinâmicas e bem-humoradas: *tagarela*, *extrovertida*, *divertida* e *engraçada* seguem agrupadas, apresentam uma tendência a aproximarem-se à variante palatal, à exceção do grupo mais jovem da pesquisa, que tendeu essa avaliação para variante oclusiva, possivelmente pelo seu teor de solidariedade/dinamismo. As características *divertida* e *engraçada*, como anteriormente dito, não foram selecionadas pelo grupo do Cariri, o que pode ser representativo que esse traço de personalidade foi menos percebido pelos participantes da região no contexto de escuta dos estímulos, talvez como reflexo de uma menor cultura do humor na região sul do Ceará em relação a Fortaleza. Contudo, leiam-se com cuidado os resultados desse grupo para a análise de campo indexical, considerando que, devido ao recorte da amostra, analisaram-se para esse grupo apenas 14 participantes.

6.2 Variáveis ordinais: avaliação do nível de *nordestinidade*, nível de sotaque e nível de “falar cantado”

As variáveis quantitativas desta pesquisa foram os níveis de *nordestinidade*, sotaque e “falar cantado”, considerando uma variável social de natureza geográfica, a *nordestinidade*, uma variável de natureza de identificação dialetológica, o sotaque, e uma variável estilística/prosódica, o “falar cantado”. Após escutarem os quatro excertos de áudio, os falantes deveriam avaliar as seguintes proposições:

- i. Essa pessoa é nordestina
- ii. Essa pessoa tem sotaque
- iii. Essa pessoa fala de modo cantado

As avaliações seguem a escala *likert* de 5 níveis, sendo (1 – Discordo totalmente | 2 – Discordo, 3 – Neutro | 4 – Concordo | 5 – Concordo totalmente) e consideram a escala ordinal de acordo com coeficientes que enfocam a diferença de avaliação entre os níveis da escala, assim obtém-se uma escala de 4 níveis ordinais (1 – Discordo totalmente | Discordo, 2 – Discordo | Neutro, 3 – Neutro | Concordo e 4 – Concordo | Concordo totalmente). Realizaram-se regressões logísticas ordinais considerando a chance de o participante avaliar o estímulo no nível mais alto da escala.

As tabelas das regressões organizam-se nas colunas: Coeficientes, *Logodds*, Erro Padrão (E.P.), Valor-Z e Valor-p, cada uma dessas realiza um papel para interpretação da análise. Os coeficientes são as variáveis a serem estimadas pelo modelo e preverem mudanças na variável dependente (ou resposta) a partir das variáveis independentes (previsoras), assim, a coluna que apresenta a previsão do modelo logístico é a de *Logodds*, ou chances logarítmicas, que representa a razão de probabilidade em chances (*odds*) em escala logarítmica (*log*). É a partir dessas estimativas que também vemos o tamanho do efeito de uma variável sobre o fenômeno estudado. O erro padrão é uma medida de indicação de variabilidade e confiabilidade do modelo que indica, a partir do cálculo com subamostras dos dados, a dispersão dos valores em relação à média estimada, desse modo, quanto menor o erro padrão, maior a confiabilidade da estimativa. O valor-Z é obtido pela razão entre a estimativa em *Logodds* e o erro padrão, em que se apresenta a diferença da estimativa média esperada.

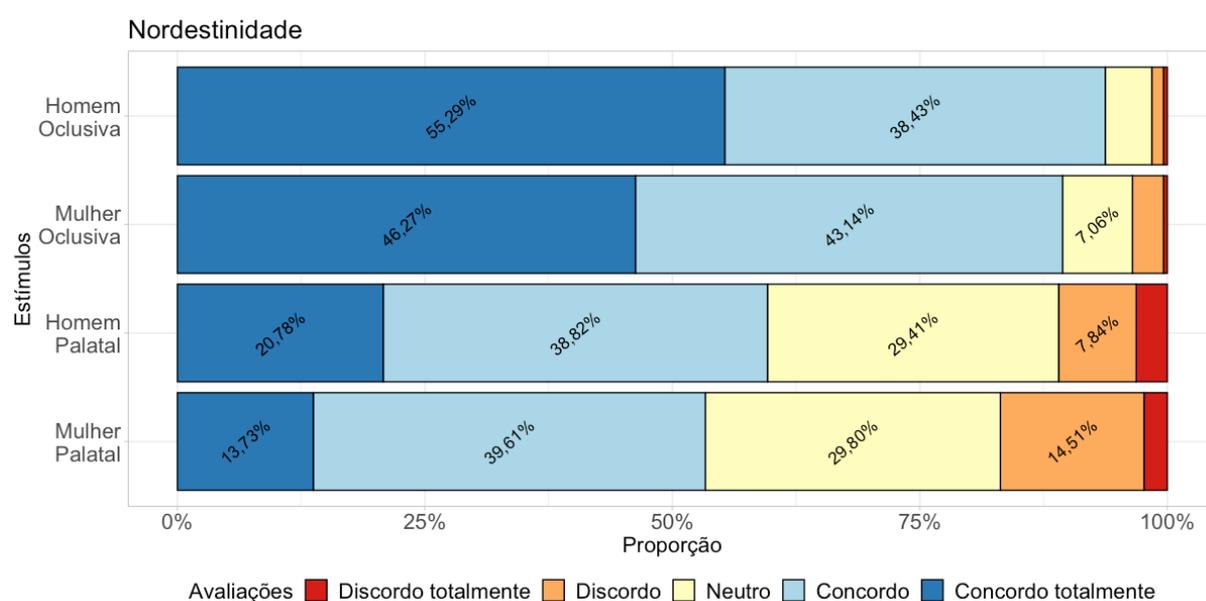
Por fim, trata-se do valor-p, a tradicional medida para averiguar a significância dos coeficientes, o valor de significância adotado foi $p < 0,05$, padrão para ciências humanas. Parte-

se do pressuposto que a probabilidade de observar um valor de coeficiente igual ou mais extremo do que o valor estimado, se a relação verdadeira entre as variáveis fosse nula, ou seja, não existindo influência, é inferior a cinco por cento (5%). A significância permite rejeitar a hipótese nula, que não existe efeito da variável sobre o fenômeno, e aceitar a hipótese alternativa, que prevê efeito da variável sobre a ocorrência do fenômeno. Para as regressões, excluíram-se os seis informantes de gênero neutro para essa fase devido ao quantitativo baixo em relação aos outros níveis da variável social gênero, o que explicará o quantitativo menor de informantes nas regressões em comparação a análises descritivas.

6.2.1 Avaliação do nível de *nordestinidade*

A análise do nível de *nordestinidade* dos estímulos das variantes oclusiva e palatal de /t, d/ diante /i/ organizou-se em dois momentos: a análise descritiva, a partir da elaboração de gráfico de proporção, e análise inferencial, a partir de modelos de regressão ordinal. A análise dos gráficos de proporção permitiu uma noção da distribuição dos dados entre os níveis da escala e comparar possíveis diferenças de avaliação entre os estímulos de maneira implícita e intuitiva antes de adentrar em uma análise mais detalhada. Vê-se abaixo:

Gráfico 2 – Proporção da percepção de *nordestinidade* em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por variante/estímulo por falantes residentes em Fortaleza-CE (N= 255)



Fonte: elaborado pela autora.

No gráfico 2 apresentamos de maneira seguida os estímulos de forma oclusiva e forma palatal com o objetivo de comparar diferença entre os estímulos pelo falante homem e pela falante mulher. Percebe-se que há os mesmos padrões de avaliação, sendo os estímulos oclusivos apresentando altos níveis de concordância (concordo e concordo totalmente) com a atribuição de nordestinidade do falante e os estímulos palatais, ainda que também apresentem altos níveis de concordância tem um expressivo aumento da avaliação no ponto neutro da escala e, menos fortemente, da avaliação no nível de discordância. Detalham-se as frequências (n) e percentagens das avaliações por estímulo para discutir a diferença entre esses.

Tabela 7 – Frequência e proporção da avaliação de *nordestinidade* dos estímulos por variante/estímulo em escala Likert (N = 255)

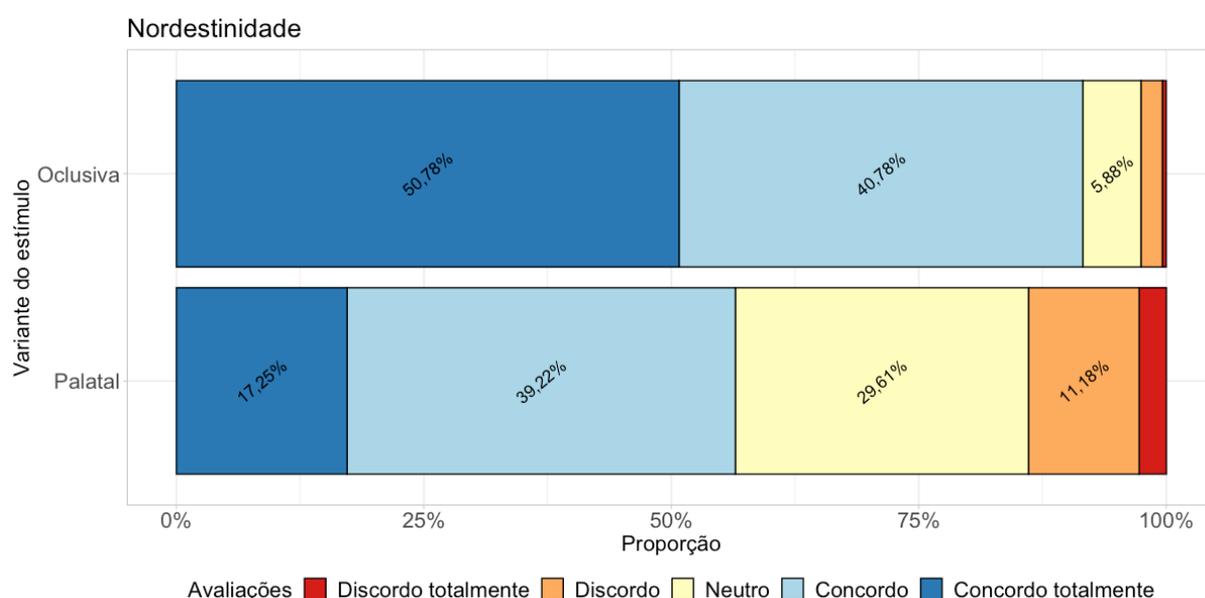
Estímulo/ Avaliação	Oclusiva/ Homem	Oclusiva/ Mulher	Palatal/ Homem	Palatal/ Mulher
Discordo totalmente	n= 1 (0,39%)	n= 1 (0,39%)	n= 8 (3,14%)	n= 6 (2,35%)
Discordo	n= 3 (1,18%)	n= 8 (3,14%)	n= 20 (7,84%)	n= 37 (14,51%)
Neutro	n= 12 (4,71%)	n= 18 (7,06%)	n= 75 (29,41%)	n= 76 (29,8%)
Concordo	n= 98 (38,43%)	n= 110 (43,14%)	n= 99 (38,82%)	n= 101 (39,61%)
Concordo totalmente	n= 148 (55,29%)	n= 118 (46,27%)	n= 53 (20,78%)	n= 35 (13,73%)
Total	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)

Fonte: elaborada pela autora.

Na tabela, nota-se uma relativa homogeneidade na atribuição das avaliações por estímulo como já apontado pelo gráfico de proporção. As diferenças acentuam-se no mais alto de concordância (concordo totalmente) e no nível de discordância (discordo), assim considera-se que as avaliações seguem mesma direção: os estímulos produzidos pela falante mulher são consideravelmente menos avaliados aos níveis mais altos de concordância da escala e mais avaliados nos níveis de discordância. É natural em testes que utilizam diferentes participantes

que características particulares da fala dos produtores dos estímulos afetem a avaliação, contudo constata-se que essas divergências não afetaram os padrões gerais da avaliação de *nordestinidade* dos estímulos, sendo os de variante oclusiva visto como mais nordestinos que os de variante palatal. Desse modo, a partir deste momento, os estímulos serão unidos por variante e não se considerarão mais as diferenças entre falante produtor do estímulo. Veja-se abaixo as frequências e proporções dessa amalgamação:

Gráfico 3 – Proporção da percepção de *nordestinidade* em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por variante oclusiva e variante palatal por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 8 – Frequência e proporção da avaliação de *nordestinidade* por variante oclusiva e variante palatal em escala Likert (N = 255)

Estímulo/ Avaliação	Oclusiva	Palatal
Discordo totalmente	n= 2 (0,39%)	n= 14 (2,75%)
Discordo	n= 11 (2,16%)	n= 57 (11,18%)
Neutro	n= 30 (5,88%)	n= 151 (29,61%)

Concordo	n= 208 (40,78%)	n= 200 (39,22%)
Concordo totalmente	n= 259 (50,78%)	n= 88 (17,25%)
Total	n= 510 (100%)	n= 510 (100%)

Fonte: elaborada pela autora.

Nota-se que os estímulos das variantes foram avaliados como uso de pessoas nordestinas, ainda que o nível mais alto de concordância siga para os estímulos de variedade oclusiva. A variante oclusiva, como discutido anteriormente, é altamente saliente e uma marca dialetal saliente em variedades linguísticas do Nordeste brasileiro. É interessante ver que, ainda que a variante palatal seja predominante no leste e regiões mais ao sul do Nordeste, essa variante não parece indexar o significado social de *nordestinidade*. Pode-se notar, para forma oclusiva um aumento na frequência de avaliação quanto maior o nível na escala Likert, partindo de apenas 2 avaliações no nível mais baixo da escala (discordo totalmente) para 259 no nível mais alto de concordância (concordo totalmente). Para variante palatal, inicialmente parece haver a mesma progressão, contudo o ápice das avaliações está no nível neutro (n= 151) e no nível de concordância (n= 200), havendo um decréscimo para o nível de concordo totalmente (n=88). As singularidades entre os níveis da escala ajudam a desvelar os padrões de avaliação. Ao observar o nível de concordância (concordo) temos uma diferença de apenas 8 avaliações a mais para a variante oclusiva, mas essa diferença salta para de 171 avaliações de concordância total da atribuição de *nordestinidade* para a forma oclusiva em detrimento da palatal.

Para investigar se a diferença de avaliação entre as formas foi estatisticamente significativa e a influência das variáveis sociais sob os padrões de avaliação, realizou-se uma regressão ordinal com efeitos mistos. Reforça-se que foram excluídos os seis informantes de gênero neutro para essa fase devido ao quantitativo baixo em relação aos outros níveis da variável social gênero. Abaixo apresentam-se os coeficientes da avaliação com ênfase na interação dessa com as variáveis sociais da pesquisa, os coeficientes *threshold* (interceptos) e os efeitos aleatórios.

Tabela 9 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de nordestinidade das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)

<i>Coefficientes</i>	<i>Logodds</i>	<i>E.P.</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
Variante [Oclusiva]	1,929	0,501	3,848	<0,01	***
Referência – Gênero [feminino]					
Gênero [masculino] * Variante oclusiva	1,691	0,847	1,997	0,05	*
Idade * Variante oclusiva	0,026	0,014	1,836	0,07	
Referência – Escolaridade [Ensino Superior]					
Escolaridade [Ensino Médio] * Variante oclusiva	0,496	0,366	1,356	0,18	
Referência – Naturalidade [Fortaleza]					
Naturalidade [Ceará] * Variedade oclusiva	-0,167	0,446	-0,375	0,71	
Naturalidade [Cariri] * Variedade oclusiva	0,082	0,405	0,203	0,84	
Naturalidade [outros estados] * Variedade oclusiva	-0,663	0,521	-1,273	0,20	
Idade * Gênero [masculino] * Variante oclusiva	-0,055	0,025	-2,220	0,03	*
<i>Coefficientes threshold</i>					
Discordo totalmente Discordo	-5,524	0,704	-7,843	<0,01	
Discordo Neutro	-3,272	0,637	-5,136	<0,01	
Neutro Concordo	-1,046	0,620	-1,687	0,09	
Concordo Concordo totalmente	2,168	0,629	3,449	<0,01	
Efeitos aleatórios					
Variância	2,90				
Desvio padrão	1,70				
N _{INFORMANTE}	249				
Observações	996				
Códigos de significância: ‘****’ 0,001 ‘***’ 0,01 ‘*’ 0,05 ‘.’ 0,1 ‘ ’ 1					
Fórmula: clmm(AVALIACAO ~ (VD + GENERO + ESCOLARIDADE + NATURALIDADE + IDADE)^2 + VD * IDADE * GENERO + (1 INFORMANTE), data = Nordestinidade)					

Fonte: elaborada pela autora.

Nos efeitos aleatórios do modelo de regressão ordinal, observamos uma variância de 2,90 e um desvio padrão de 1,70 (raiz quadrada da variância). Isso significa que, em média, os valores estão cerca de 1,70 unidades distantes da média, indicando uma dispersão moderada dos dados. Os coeficientes *threshold*, que desempenham o papel de intercepto da regressão ordinal indicam que a maior parte dos falantes tem chances que favorecem o nível concordo|concordo totalmente e desfavorecedoras para os outros níveis da escala, contudo eles não indicam a interação com as nossas variantes de pesquisa. Por sua vez, o primeiro coeficiente é a diferença da avaliação explicada pela variante do estímulo, a diferença de avaliação entre as variáveis foi estatisticamente significativa, apresentando $p < 0,01$, e a variante oclusiva apresentou *logodds*, chances logarítmicas, positivas em relação a ser avaliada no intervalo mais alto da escala (concordo | concordo totalmente). Aplicando-se a função *ilogit* (Gries, 2019), descobre-se que os *logodds* equivalem a 87,31% de probabilidade de a forma oclusiva ser avaliada nos níveis de maior concordância da atribuição de *nordestinidade*, destaca-se que essa probabilidade não é direcionada aos níveis originais da escala, mas a cumulação dos níveis concordo|concordo direcionado para diferenças ordinais dos coeficientes *threshold*.

Tratando-se das variáveis sociais da pesquisa, as variáveis significativas foram a idade e a interação de gênero e idade para variante oclusiva. O comportamento para homens mais jovens e mais velhos é desvelada na interação Idade * Gênero * Variante oclusiva, pois, para os participantes homens, a chance de avaliar a forma oclusiva como nordestina, tendo como referência a variante palatal, diminui em -0,055 chances logarítmicas (*logodds*) para cada aumento na idade. Por exemplo, o modelo estima uma probabilidade de 74,43% de um jovem de 20 anos concordar totalmente com a forma oclusiva ser o uso de uma pessoa nordestina, mas apenas 4,48% para um idoso de 70 anos. Têm-se que os resultados partem de um teste de *pseudo-matched guise* e que a diferença entre a variável oclusiva e palatal é o objeto de análise, assim, os homens mais velhos foram os que menos realizaram essa diferenciação da *nordestinidade* dos estímulos, ainda que os mais jovens o façam.

O papel do gênero na sociolinguística e das interações com outros fatores extralinguísticos devem ser discutidos, além da premissa de que as mulheres tenderão a utilizar as variáveis de prestígio já bem consolidada na sociolinguística (Labov, 2008 [1972]). Freitag (2015, p. 58) elenca diversos estudos sociolinguísticos e aponta que esses “[...] se alinham às premissas que Chambers (2003) e Romaine (2003) propõem: variação de sexo/gênero em função de redes de mobilidade e papéis sociais”. Entende-se que a interação de gênero e idade está intimamente relacionada com os papéis sociais de gênero em transformação, a questão de igualdade direitos e ocupação de funções anteriormente exclusivas a homens por mulheres é

um progresso em andamento.

De acordo com Oliveira (2007) o salto de participação na população feminina economicamente ativa no Ceará foi nos anos 1970 a 1980, mesmo que seja de apenas 17,2% para 26,2%, sendo as mulheres concentradas em “profissões femininas” como empregadas domésticas, professoras de Ensino Básico, artesãs e costureiras. Esta última sendo uma característica forte da Região Metropolitana de Fortaleza, um polo têxtil. A autora reforça a dupla jornada feminina, que muitas vezes leva as mulheres a atividades de meio período e/ou que possam exercer em casa, para cumprir obrigações domésticas. Desse modo, considerando o papel feminino da época, esperava-se menos mobilidade de mulheres. Outro fator apontado pela autora é a expressiva, e com tendências estáveis no período estudado por ela (primeira década dos anos 2000), de homens em profissões que exigem uma convivência com um número amplo de pessoas como motoristas e funcionários da construção civil. Ainda que hoje existam profissões predominantemente femininas ou masculinas e desigualdade salarial entre gêneros é persistente mesmo entre os grupos mais escolarizados (IPECE, 2013), o estado do Ceará apresenta uma relativa homogeneidade na empregabilidade de homens e mulheres, com ênfase de trabalhadores no setor terciário (comércio).

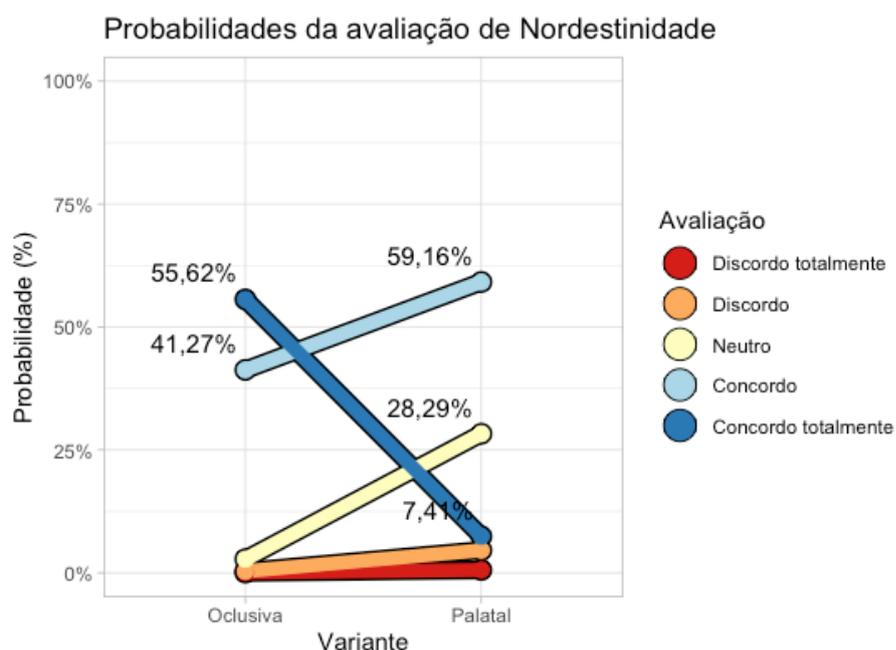
Tendo em vista o contexto de gênero do Ceará nas décadas passadas, entende-se que os participantes, homens, mais velhos devem haver possuído um maior deslocamento entre regiões da cidade, até mesmo outros municípios, e uma rede de contatos mais diversa que as participantes de mesma idade. Desse modo, os homens mais velhos residentes em Fortaleza podem estar mais acostumados a estímulos de fala oclusiva que as mulheres de mesma geração, naturalizando mais a variação e causando o efeito de que os homens teriam menos chance de avaliar nos níveis mais altos da escala que o falante da variante oclusiva é nordestino que as mulheres.

Para ter acesso às probabilidades para cada nível da escala de Likert e podendo visualizar ambas as variantes concomitantemente, realizamos o cálculo do efeito de cada um dos níveis da escala com a variável linguística (variantes palatal e oclusiva). Nota-se que os níveis de discordância (discordo e discordo totalmente) apresentam probabilidade baixa, abaixo de 5%, de serem escolhidos na avaliação tanto para forma oclusiva quanto a forma palatal.¹⁹ Desse modo, destacam-se aqui os outros níveis. O nível neutro parte da probabilidade de 2,76% na forma oclusiva para 28,29% para forma palatal. A concordância apresenta um

¹⁹ As probabilidades para o nível “discordo totalmente” são de 0,57% para variante palatal e 0,04% para variante oclusiva e as probabilidades para o nível “discordo” são de 4,57% para variante palatal e 0,31% para variante oclusiva.

comportamento interessante, partindo de 41,27% para 59,16% para forma palatal, criando um cruzamento com o nível de concordância total, que descreve dos 55,62% de probabilidade para oclusiva até apenas 7,41% para variante palatal. Entendendo o ponto neutro da probabilidade como 50%, o nível de concordância para variante palatal e de concordância total para oclusiva, são, respectivamente, as únicas avaliações com possibilidades favoráveis. Desse modo, nota-se que as duas maiores probabilidades para cada variante estão no espectro da concordância, ainda que a concordância total se resguarde mais fortemente à variante oclusiva e as probabilidades de neutralidade são a segunda maior probabilidade para variante palatal. Em vias de facilitar a visualização dos dados, vejam-se as probabilidades do gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Probabilidades da avaliação de *Nordestinidade* das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)



Fonte: elaborado pela autora.

Considerando as variáveis sociais aplicadas a migrantes, tratou-se apenas do subgrupo dos nativos do Cariri cearense devido à sua oposição linguístico-social à capital, como anteriormente discutido. Para os migrantes do Cariri em Fortaleza, a variável: motivo da migração foi relevante. As variáveis: gênero, idade, naturalidade, escolaridade, tempo de migração em anos e proporção da vida como migrante não foram estatisticamente significativas para influenciar a avaliação das variantes ($p > 0,05$).

Tabela 10 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de nordestinidade das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)

<i>Coefficientes</i>	<i>Logodds</i>	<i>E.P.</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
Variante [Oclusiva]	5,056	1,124	4,500	<0,01	***
Tempo de migração em anos * Variante oclusiva	0,012	0,041	0,284	0,78	
Referência – Proporção da vida como migrante [menos de 1/3]					
Proporção da vida como migrante [entre 1/3 e 2/3] * Variante oclusiva	2,098	1,181	-1,776	0,08	
Proporção da vida como migrante [mais de 2/3] * Variante oclusiva	-1,473	1,716	-0,859	0,39	
Referência – Motivo de migração [outros]					
Motivo da migração [Trabalho] * Variante oclusiva	-2,703	1,283	-2,107	0,04	*
Motivo da migração [Estudo] * Variante oclusiva	-2,359	1,176	-2,005	0,04	*
Motivo da migração [Família] * Variante oclusiva	0,220	1,346	0,164	0,87	
<i>Coefficientes threshold</i>					
Discordo totalmente Discordo	-3,738	0,704	-7,843	<0,01	
Discordo Neutro	-0,651	0,637	-5,136	<0,01	
Neutro Concordo	1,804	0,620	-1,687	0,09	
Concordo Concordo totalmente	5,022	0,629	3,449	<0,01	
Efeitos aleatórios					
Variância	1,19				
Desvio padrão	1,09				
N _{INFORMANTE}	42				
Observações	168				
Códigos de significância: ‘****’ 0,001 ‘***’ 0,01 ‘**’ 0,05 ‘.’ 0,1 ‘ ’ 1					
Fórmula: clmm(AVALIACAO ~ (VARIANTE + TEMPO.MIGRACAO + PROP_VIDA_MIG + MOTIVO.MUD)^2 + (1 INFORMANTE),data = Cariri.nordestinidade)					

Fonte: elaborada pela autora.

A variância dos dados é moderada e a variante oclusiva apresentou probabilidade de 99,37% de ser avaliada no nível de concordância|concordância total que a variante é um uso de uma pessoa nordestina, o resultado é marcante e pode ser relacionado a crença de que a variante oclusiva é mais prototípica do falar nordestino e a palatal associada ao Sudeste brasileiro (cf. seção 6.4.1.1 Critérios de avaliação: identificação geográfica da variante oclusiva e variedade do Cariri).

Contrariando o esperado, o tempo de migração em anos e a proporção da vida como migrante não afetou a avaliação de nordestinidade da variante oclusiva para os migrantes do Cariri. Esperava-se que quanto mais tempo de sua vida o migrante estivesse na capital, avaliasse a forma oclusiva como mais nordestina, tendo em vista a oposição *interior* e *capital* e a noção de maior globalização das capitais e tradição dos “sertões”, hipótese que não foi confirmada.

O motivo de migração foi uma variável significativa para a avaliação da *nordestinidade* dos estímulos oclusivos, tanto os migrantes que migraram para trabalhar quando estudar apresentaram chances negativas de concordar|concordar totalmente que o falante é nordestino em relação aos que migraram por outros motivos (motivos mistos, saúde, qualidade de vida *etc*). Imaginando a possibilidade de sobreposição desses motivos de migração com a escolaridade dos migrantes, testou-se a avaliação vista pela interação da variante do estímulo e escolaridade, porém apenas a escolaridade não se mostrou significativa ($p>0,05$) e não houve colinearidade entre as variáveis, assim, têm-se maior certeza sobre a independência da variável motivo de migração em seu nível “estudo”. Possivelmente, esse apontamento tem um recorte atitudinal do motivo de migração, pois esses informantes apontaram migrar por sua vontade para estudar e trabalhar, ao contrário das pessoas que se mudaram para acompanhar seus familiares (ou seja, a atitude partiu de outrem) ou sofreram outros tipos de pressões para migrar, esses informantes ativamente escolheram migrar com um objetivo de melhorias no âmbito profissional e/ou acadêmico.

Não se deve inferir que esses migrantes não veem a forma oclusiva como nordestina, mas que o apontamento da nordestinidade nesses grupos de migrantes foi menos assertivo. Possivelmente esses migrantes naturalizam mais a variante oclusiva, tendendo a apresentar um comportamento mais neutro em relação ao grupo de referência. Alves (1979) aponta que, em seu estudo de atitudes linguísticas de nordestinos residentes em São Paulo em relação a sua variedade de origem (baiana e pernambucana), existiu uma tendência de participantes com nível sócio-econômico-cultural mais alto a apresentarem atitudes mais positivas em relação a sua variedade local, o que parece também ocorrer nesta pesquisa.

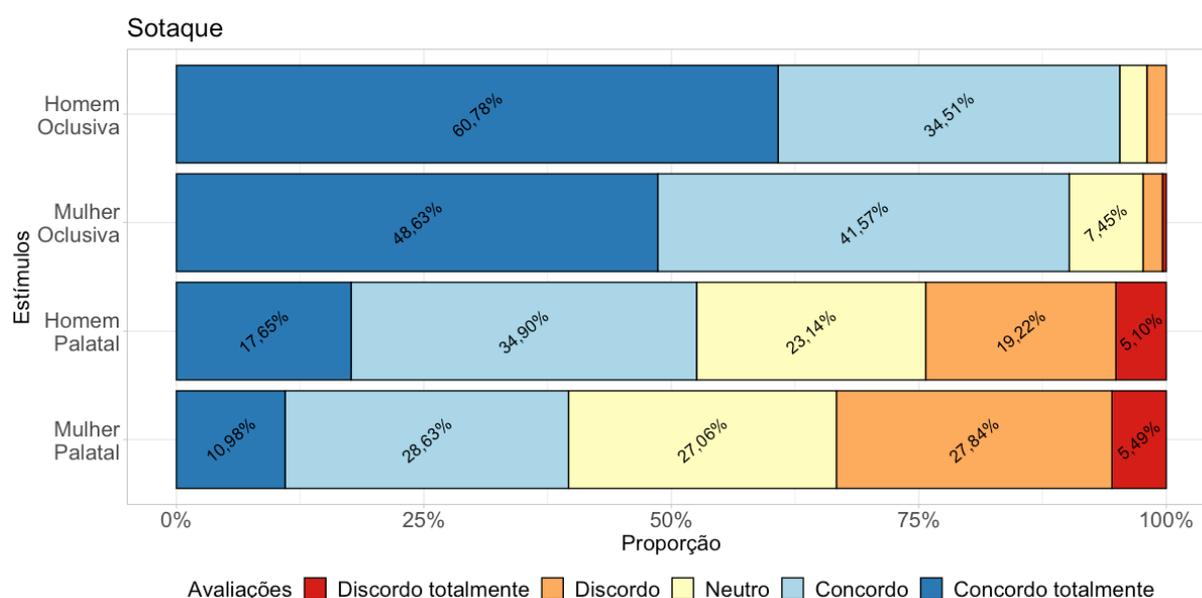
De facto, a forma oclusiva não é específica do falar nordestino, sendo marca do

interior de São Paulo, principalmente entre homens mais velhos (Silva; Aguilera, 2010), o dito “falar caipira”, como também, nas regiões Sul do país e Centro-Oeste, destacando-se as capitais de Florianópolis, Cuiabá, mesmo que nessas regiões também seja comum a manutenção da vogal média pretônica [e], não o alteamento para [i], em palavras como “dente” e “tarde”. A variante palatal também é predominante em algumas variedades do Nordeste, sendo as capitais Teresina-PI, São Luís-MA e Salvador-BA também favorecedoras da palatalização, sendo os dados de uso por capital desse parágrafo obtidos do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014). Desse modo, para esses migrantes, também pode haver uma sobreposição do motivo de migração com fatores de classe social, conhecimento de outras variedades do PB e até mesmo um histórico prévio de migração e viagens pelo país.

6.2.2 Avaliação do nível de sotaque

A análise do nível de *sotaque* dos estímulos das variantes oclusiva e palatal de /t, d/ diante /i/ seguem a análise descritiva, elaboração de gráfico de proporção, e a análise inferencial, com modelo de regressão logística ordinal. Vê-se abaixo a distribuição dos dados em escala Likert por estímulo (produzidos pela falante mulher e o falante homem) e variante:

Gráfico 5 – Proporção da percepção de sotaque em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por variedade/estímulo por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

Nota-se, novamente um padrão de altos níveis de concordância (concordo e concordo totalmente) para a atribuição de sotaque à variante oclusiva e uma maior avaliação para os níveis de neutralidade e discordância para variante palatal. Os estímulos da falante mulher apresentaram maiores níveis de neutralidade e de discordância com a atribuição de sotaque dos que o do falante homem, como pode-se ver mais detalhadamente na tabela abaixo:

Tabela 11 – Frequência e proporção da avaliação de sotaque dos estímulos por variante/estímulo em escala Likert (N = 255)

Estímulo/ Avaliação	Oclusiva/ Homem	Oclusiva/ Mulher	Palatal/ Homem	Palatal/ Mulher
Discordo totalmente	n= 0 (0%)	n= 1 (0,39%)	n= 13 (5,49%)	n= 14 (5,1%)
Discordo	n= 5 (1,96%)	n= 5 (1,96%)	n= 49 (19,22%)	n= 71 (27,84%)
Neutro	n= 7 (2,75%)	n= 19 (7,45%)	n= 59 (23,14%)	n= 69 (27,06%)
Concordo	n= 88 (34,51%)	n= 106 (41,57%)	n= 89 (34,9%)	n= 73 (28,63%)
Concordo totalmente	n= 155 (60,78%)	n= 124 (48,63%)	n= 45 (17,65%)	n= 28 (10,98%)
Total	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)

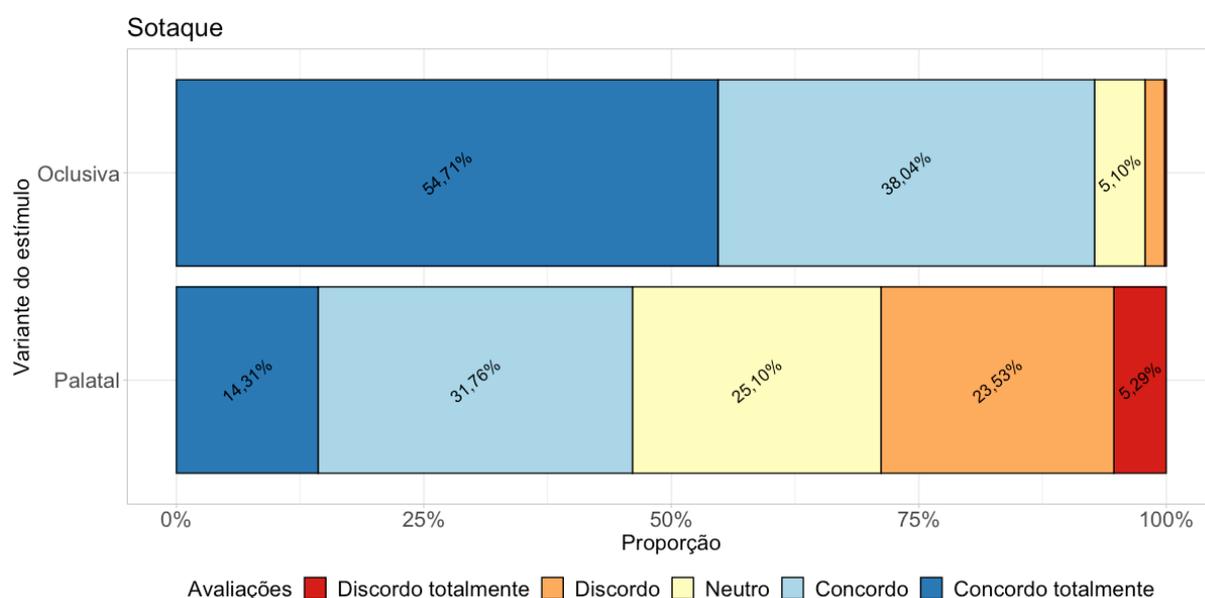
Fonte: elaborado pela autora.

As avaliações dos estímulos oclusivos seguem um padrão de aumento na frequência das avaliações quando mais alto o nível da escala, com um saldo de frequência ainda maior para os estímulos do falante homem. Para os estímulos de variante palatal um padrão similar ao apresentado no nível de *nordestinidade* acontece, com baixos níveis de discordância total, um aumento no nível neutro e no de discordância, este aproximando-se ao de concordância, para um decréscimo no nível de discordância total. É no nível de concordância total que as avaliações entre o falante homem e a falante mulher parecem ser mais proeminentes, sendo, respectivamente, com a frequência de 31 e 17, os estímulos do falante homem avaliados nesse nível.

Uma hipótese para essa diferença na dispersão dos dados é a avaliação dos

participantes acerca da fala da falante, representada por comentários como: “Ela fala muito bem da vontade de ouvir mais” (P97, Mulher, 28 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE) e “Fala com clareza e fácil compressão” (P217, Mulher, 30 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE). Desse modo, a agradabilidade atribuída aos estímulos produzido pela falante mulher pode haver afetado a avaliação dos atributos investigados, possuindo as avaliações direcionadas a ela uma maior tendência de neutralidade. Um outro fator é que a voluntária possuía mais anos de residência em Fortaleza-CE que o voluntário homem, o que pode haver afetado a naturalidade dos estímulos. Entende-se que diferentes estímulos de fala podem suscitar diferentes percepções por motivos algumas vezes não controláveis ou mensuráveis pelo pesquisador, o que é um problema apontado nos testes que utilizam de falantes distintos, como o *verbal guise* (Dragojevic; Goatley-Soan, 2022). Porém, considerando que essas diferenças não afetam os padrões gerais de avaliação, amalgamaram-se os estímulos para análise a seguir.

Gráfico 6 – Proporção da percepção de sotaque em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por variante oclusiva e variante palatal por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 12– Frequência e proporção da avaliação de sotaque por variante oclusiva e variante palatal em escala Likert (N = 255)

Estímulo/ Avaliação	Oclusiva	Palatal
Discordo totalmente	n= 1	n= 27

	(0,20%)	(5,29%)
Discordo	n= 10 (1,96%)	n= 120 (23,53%)
Neutro	n= 26 (25,1%)	n= 128 (5,1%)
Concordo	n= 194 (38,04%)	n= 162 (31,76%)
Concordo totalmente	n= 279 (54,71%)	n= 73 (14,31%)
Total	n= 510 (100%)	n= 510 (100%)

Fonte: elaborado pela autora.

Um resultado que logo destaca-se é a diferença de frequência entre os níveis de discordância entre a variante oclusiva e variante palatal, bem como para o nível neutro, sendo entre 12 e 27 vezes mais frequente a avaliação da forma oclusiva nesses níveis. Em contrapartida, nota-se uma certa homogeneidade no nível de concordância e com percentuais na casa dos 30%, sendo um indício que ambas as formas podem ser reconhecidas como sotaques²⁰, ainda que pela predominância da avaliação no nível de concordância total para forma oclusiva pode-se inferir que uma forma seja vista como “mais sotaque” do que outra. Para investigar a diferença entre a avaliação das formas elaborou-se uma regressão logística ordinal com efeitos mistos, apresentada a seguir.

Tabela 13 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)

<i>Coeficientes</i>	<i>Logodds</i>	<i>E.P.</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
Variante [Oclusiva]	4,224	0,465	9,083	<0,01	***
Referência – Gênero [feminino]					
Gênero [masculino] * Variante oclusiva	-0,577	0,292	-1,973	0,05	*
Idade * Variante oclusiva	-0,015	0,011	-1,364	0,17	

²⁰ Essa afirmação é cautelosa, considerando que outros fatores fonético-fonológicos podem haver afetado essa avaliação.

Referência – Escolaridade [Ensino Superior]				
Escolaridade [Ensino Médio] * Variante oclusiva	0,702	0,362	1,939	>0,05 .
Referência – Naturalidade [Fortaleza]				
Naturalidade [Ceará] * Variedade oclusiva	-0,078	0,433	-0,179	0,86
Naturalidade [Cariri] * Variedade oclusiva	-0,902	0,406	-2,222	0,03 *
Naturalidade [outros estados] * Variedade oclusiva	-0,436	0,535	-0,814	0,42
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-4,939	0,624	-7,920	<0,01
Discordo Neutro	-2,403	0,585	-4,108	<0,01
Neutro Concordo	-0,767	0,578	-1,328	0,18
Concordo Concordo totalmente	2,176	0,584	3,727	<0,01
Efeitos aleatórios				
Variância	2,47			
Desvio padrão	1,57			
N _{INFORMANTE}	249			
Observações	996			
Códigos de significância: ‘****’ 0,001 ‘***’ 0,01 ‘**’ 0,05 ‘.’ 0,1 ‘ ’ 1				
Fórmula: $\text{clmm}(\text{AVALIACAO} \sim (\text{VD} + \text{GENERO} + \text{ESCOLARIDADE} + \text{NATURALIDADE} + \text{IDADE})^2 + (1 \text{INFORMANTE}), \text{data} = \text{sotaque})$				

Fonte: elaborada pela autora.

Os efeitos aleatórios da regressão apresentaram uma variância de 2,47 e um desvio padrão correspondente de aproximadamente 1,57. Assim, sumariamente, os valores estão dispersos, indicando uma variabilidade de cerca de 1,57 unidades em relação à média, uma dispersão moderada dos dados. Os coeficientes *threshold*, estimativas dos níveis da regressão ordinal baseados na escala Likert, indicam chances positivas para o nível conjugado concordo|concordo totalmente e negativas para o restante dos coeficientes. Partindo para a relação dos coeficientes com as variantes linguísticas, o modelo estimou chances logarítmicas, *logodds*, positivos, indicado na primeira linha da tabela, o que indica uma tendência de avaliação aos níveis mais altos da amostra para variante oclusiva, convertendo a medida para probabilidade, têm-se o valor altamente expressivo de 98,56%.

Para entender a influência das variáveis sociais sobre a percepção do fenômeno,

elaborou-se um modelo de regressão logística ordinal. As variáveis significativas foram: gênero e naturalidade. As variáveis: idade e escolaridade não foram significativas. Em relação ao gênero, têm-se que os homens apresentam menor tendência a avaliar a forma oclusiva como sotaque em relação às mulheres, sendo -0,577 chances logarítmicas (*logodds*) equivalentes à probabilidade 35,96% do participante homem apresentarem avaliações aos níveis mais altos de concordância que a forma é oclusiva. Tendo em vista o paradoxo de gênero, as mulheres são apontadas como mais conformistas com variantes prescritas, mas menos conformistas com variantes não abertamente prescritas em relação aos homens (Labov, 2001). Sabendo-se que a forma palatal é mais institucionalizada nas mídias audiovisuais, presente no “sotaque neutro” jornalístico²¹, e em materiais didáticos de Português Brasileiro, essa diferença pode ser vista sob a visão do paradoxo de gênero.

Sabe-se que o sotaque também é uma medida de diferenciação geográfica, mas é usual alguém comentar que “não tem sotaque” ou “tem menos sotaque” que alguém de outra região, ao passo que é improvável ouvir alguém comentar que, por exemplo, “não é nordestino” ou é “menos nordestino” baseado no seu uso linguístico. Desse modo, entende-se que a noção de sotaque pode se aproximar do que seria o conjunto de variantes fonético-fonológicas que o falante naturaliza e considera adequadas à língua, pois foi as que ele aprendeu em sua comunidade, sendo o “sotaque” a variedade de outra comunidade de fala. Desse modo, é possível que as avaliações tragam diferenças no conceito de adequação e naturalização das variantes na comunidade, não necessariamente sob um ponto de vista de identidade regional – como foi com a *nordestinidade*.

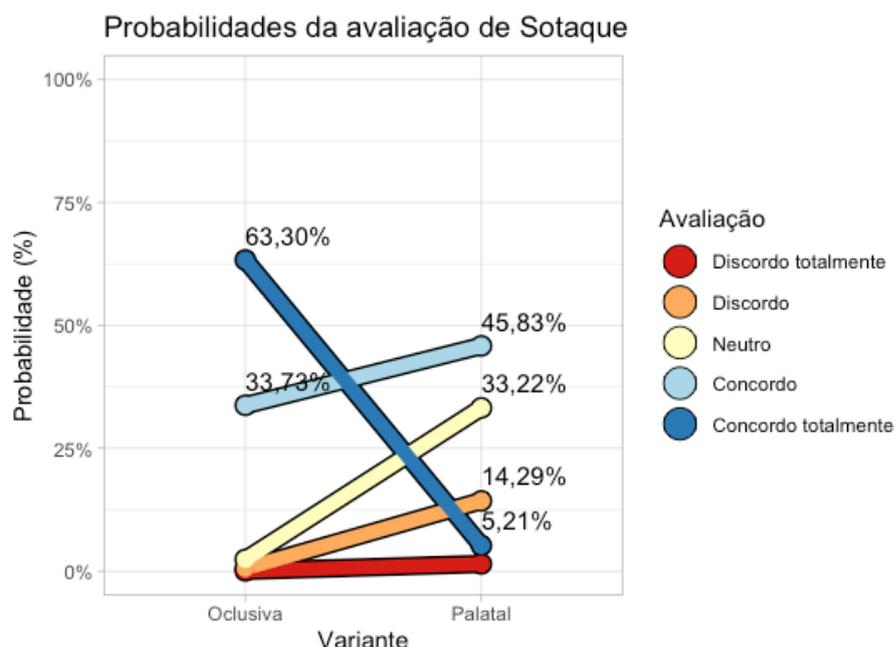
A naturalidade do Cariri cearense foi estatisticamente significativa para avaliação do sotaque. Tendo em vista que a comunidade de fala do Cariri cearense deve reconhecer essa variante como norma local, é natural que eles tendam a ter posições mais neutras/ de discordância em relação a própria variante ser considerada um sotaque. O tamanho do efeito da naturalidade em interação com a variante oclusiva apresenta um efeito negativo (-0,902 *logodds*), convertido em probabilidade tem-se 28,86%, desse modo tem-se essa probabilidade concordar com a alegação de sotaque da variante.

Para calcular as probabilidades de cada nível da escala Likert original calculou-se os efeitos desta em interação com as variantes da pesquisa no Gráfico 7. Os estímulos de variante oclusiva foram os que foram apresentados um maior nível de concordância em relação a afirmativa “Essa pessoa tem sotaque”. Esse resultado é esperado pois considera-se que em

²¹ Dacoregio (2021) aponta em sua análise documental cursos e tratamentos com fonoaudiólogos para “suavizar”, “padronizar” e “neutralizar” sotaques.

uma comunidade de fala as normas e as percepções sobre um fenômeno variável sejam compartilhados pelos membros dessa (Labov, 2008 [1972]), assim, uma variante externa à comunidade pode ser reconhecida pelos ouvintes. A curva representativa do nível de concordância total é dramática, partindo de 63,60% na variante oclusiva para 5,21% para variante palatal. Tendo em vista que o ponto neutro da probabilidade é 50%, a concordância total para variante oclusiva é o único resultado realmente indicativo de favorecimento probabilístico. Por sua vez, a concordância apresenta um comportamento inverso, aumentando para variante palatal em detrimento da oclusiva, ainda que o intervalo entre as probabilidades seja mais sutil. Para a o nível neutro e a discordância também há um escalonamento da probabilidade dessas avaliações para variante palatal, partindo de menos de 5%²² para forma oclusiva para 33,22% para o primeiro e 14,29% para o segundo. A discordância total mantém-se abaixo dos 5% de probabilidade para ambas as variantes. Assim, o único nível da escala que decresceu em direção a variante palatal foi o de concordância total. Veja-se abaixo:

Gráfico 7 – Probabilidades da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)



Fonte: elaborado pela autora.

Considerando as variáveis específicas dos migrantes, tem-se que: tempo de

²² A probabilidade de discordância para variante oclusiva é de 0,54% e a probabilidade de discordar totalmente para variante oclusiva foi de 0,05% e 1,46% para variante palatal.

migração em anos e motivo de migração foram significativas ($p < 0,05$), e a proporção da vida como migrante não foi um apontada como fator significativo para descrição do fenômeno. Veja-se abaixo:

Tabela 14 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)

<i>Coeficientes</i>	<i>Logodds</i>	<i>E.P.</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
Variante [Oclusiva]	2,168	1,044	2,076	0,04	*
Tempo de migração em anos * Variante oclusiva	-0,085	0,043	-1,967	0,05	*
Referência – Proporção da vida como migrante [menos de 1/3]					
Proporção da vida como migrante [entre 1/3 e 2/3] * Variante oclusiva	-0,330	1,119	-0,295	0,77	
Referência – Motivo de migração [outros]					
Motivo da migração [Trabalho] * Variante oclusiva	-0,184	1,267	-0,146	0,88	
Motivo da migração [Estudo] * Variante oclusiva	0,765	1,107	0,691	0,49	
Motivo da migração [Família] * Variante oclusiva	3,541	1,364	2,596	0,01	**
<i>Coeficientes threshold</i>					
Discordo totalmente Discordo	-4,423	0,624	-5,302	<0,01	
Discordo Neutro	-2,640	0,585	0,223	0,04	
Neutro Concordo	-1,191	0,578	5,529	0,43	
Concordo Concordo totalmente	1,026	0,584	7,382	0,18	
Efeitos aleatórios					
Variância	1,67				
Desvio padrão	1,29				
N _{INFORMANTE}	42				
Observações	168				
Códigos de significância: ‘****’ 0,001 ‘***’ 0,01 ‘**’ 0,05 ‘.’ 0,1 ‘ ’ 1					

Fórmula: $\text{clmm}(\text{AVALIACAO} \sim (\text{VD} + \text{TEMPO.MIGRACAO} + \text{PROP_VIDA_MIG} + \text{MOTIVO.MUD})^2 + (1|\text{INFORMANTE}), \text{data} = \text{Cariri.Sotaque})$

Fonte: elaborada pela autora.

A regressão específica para migrantes também apresentou variância moderada para avaliação de sotaque. Tendo em vista a diferença de avaliação entre as variantes da pesquisa, apresentou coeficiente positivo de *logodds*, indicando 89,73% de probabilidade da concordância total na avaliação da forma como sotaque, mantendo uma tendência similar a amostra geral. O reconhecimento da forma como sotaque pode partir do pressuposto de que todas as formas linguísticas são passíveis de avaliação como sotaque e fomentada pela inserção na nova comunidade de fala, em que sua variante de origem é avaliada como distinta, e conseqüentemente, mais frequente reconhecida como “sotaque”.

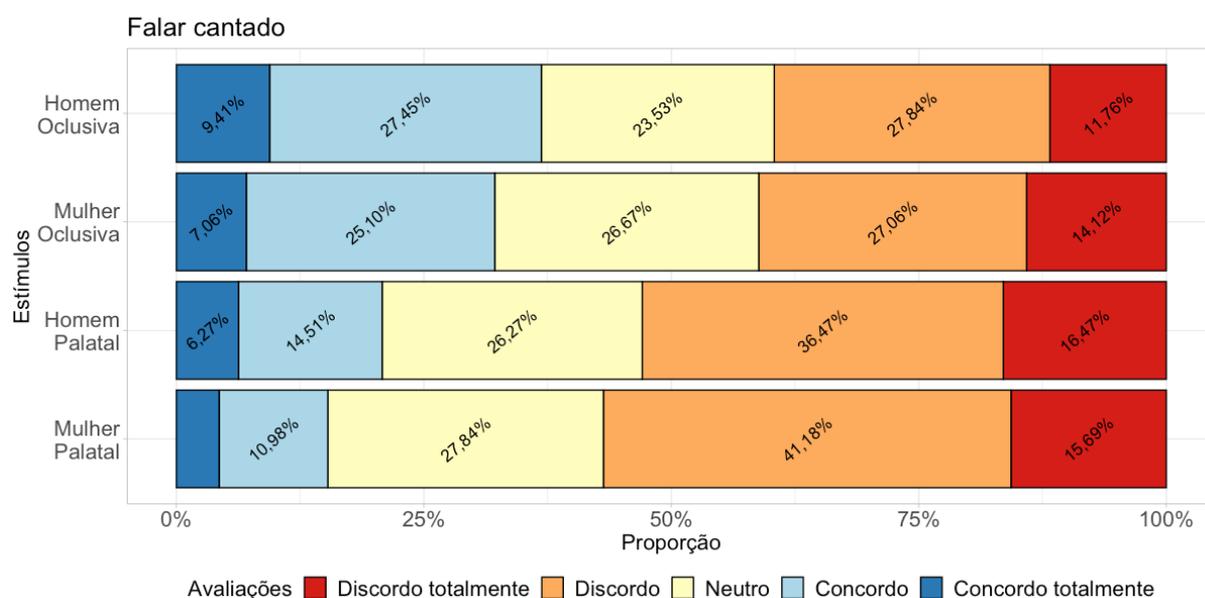
O motivo de migração, no nível de motivo da mudança família, tem um tamanho de efeito de 3,541 *logodds*, equivalente a probabilidade de 97,18% de concordância com a avaliação de sotaque. Como anteriormente discutido, o nível mudança por motivos familiares é o único que o migrante não foi o propulsor do motivo de sua migração, como seria por estudos, trabalho ou motivos mistos. É interessante pensar que o migrante por motivos familiares pode enfrentar mais desafios para adequar-se a nova comunidade de fala que os outros grupos aqui selecionados e reconhecer sua própria variante como diferente da comunidade de destino (e assim apontada como sotaque pelos locais) pode ser um reflexo do processo adaptativo a que esse migrante foi submetido em específico. O resultado parece convergir novamente em direção aos de Alves (1979), como apresentado na seção anterior. em que os migrantes de menor nível socio-econômico-cultural tenderiam a prestigiar a variedade da comunidade de destino em detrimento da sua de origem. Sob esse ponto de vista, pensa-se a hipótese de que os migrantes que migraram por motivos familiares poderiam ser mais suscetíveis a acomodação linguística para se agregarem a nova comunidade de fala.

Sobre tempo de migração em anos e a naturalidade do Cariri, sabe-se que o fenômeno da palatalização das oclusivas está em expansão no Português Brasileiro (Abaurre; Pagotto, 2002), os novos migrantes devem se deparar com um cenário diferente do que os mais velhos, de modo que o que influencia a percepção de sotaque não é a proporção de vida como migrante e assimilação desse a nova comunidade de fala, mas sim o próprio tempo e o processo de mudança linguística no período. Considerando esse cenário, os migrantes mais recentes podem sentir mais o peso da avaliação linguística e reconhecer mais sua própria variante como sotaque, pois Labov (2008 [1972]) já apontava que falantes de variantes salientes eram também

mais sensíveis a percepção dessas. Infere-se que esses migrantes mais recentes sofrem uma maior pressão para se acomodar linguisticamente que os falantes mais antigos e que um maior dinamismo social e interações virtuais (contato com memes, por exemplo) podem submeter os migrantes falantes mais recentes a frequentemente situações em que seu modo de falar seja apontado como sotaque mais frequentemente que os migrantes mais antigos.

6.2.3 Avaliação do nível de “falar cantado”

A última variável ordinal foi o nível de “falar cantado”, um fator prosódico, analisado pelo senso comum, também apontado pelos informantes dessa pesquisa em seus relatos, que a fala do interior é “arrastada” e “cantada”. Desse modo, investiga-se se essa crença da distinção capital/interior é forte suficiente ao ponto de atribuir um padrão prosódico diferenciado aos estímulos de variante palatal e oclusiva, mesmo que o ritmo de fala dos estímulos tenha sido padronizado, possibilidade apontada por Campbell-Kilber (2009) ao provar que informações dadas sobre os falantes dos estímulos poderiam influenciar o que era escutado e percebido pelos participantes de sua pesquisa. Vê-se o gráfico das avaliações abaixo: Gráfico 8 – Percepção de “falar cantado” em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por variedade/estímulo por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico apresenta, para todos os estímulos e variáveis, uma predominância de três níveis: neutro, discordo e discordo totalmente. Contudo, podemos perceber que dois níveis apresentam comportamentos com uma diferença mais acentuada a depender da variante

linguística: o nível de discordância e o nível de concordância. Nota-se um padrão inverso, quando maior o nível de discordância, maior o nível de concordância. Desse modo, os estímulos de variante oclusiva apresentam maior concordância na atribuição de “falar cantado” e os estímulos de variante palatal uma maior discordância na atribuição dessa característica. Nota-se que, para essa característica prosódica, a diferença de avaliação entre os estímulos produzidos pelo falante homem e pela falante mulher parecem mais tímidas, ainda que existentes.

Tabela 15 – Frequência e proporção da avaliação de “falar cantado” dos estímulos por variante/estímulo em escala Likert (N = 255)

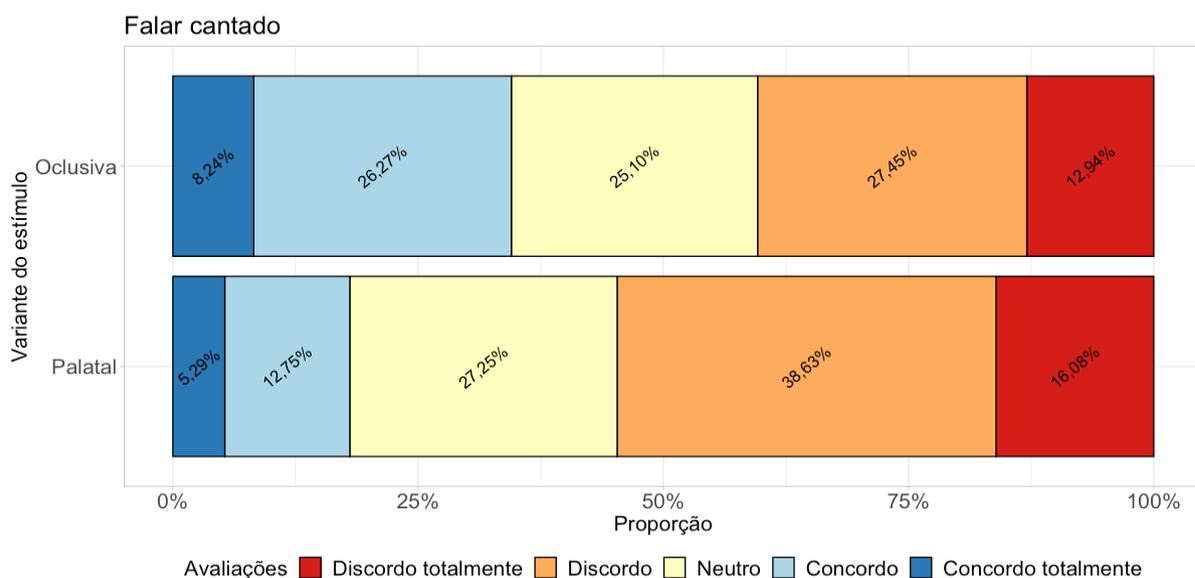
Estímulo/ Avaliação	Oclusiva/ Homem	Oclusiva/ Mulher	Palatal/ Homem	Palatal/ Mulher
Discordo totalmente	n= 30 (11,76%)	n= 36 (14,12%)	n= 42 (16,47%)	n= 40 (15,69%)
Discordo	n= 71 (27,84%)	n= 69 (27,06%)	n= 93 (36,47%)	n= 105 (41,18%)
Neutro	n= 60 (23,53%)	n= 68 (26,67%)	n= 67 (26,27%)	n= 71 (27,84%)
Concordo	n= 70 (27,45%)	n= 64 (25,10%)	n= 37 (14,51%)	n= 28 (10,98%)
Concordo totalmente	n= 24 (9,41%)	n= 18 (7,06%)	n= 16 (6,27%)	n= 11 (4,31%)
Total	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)	n= 255 (100%)

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se que a maior diferença em termos de frequência entre estímulos produzidos pelo falante homem e pela falante mulher foi no nível de discordância para atribuição da característica “falar cantado” para variante palatal, em que o estímulo produzido pela falante mulher apresenta uma frequência superior de 12 pontos nesse nível, contudo, nota-se que essa diferença é pequena e, em termos percentuais, representa apenas 4,71% de diferença entre o nível de discordância para ambos os estímulos palatais. Com isso, parece que a característica prosódica foi menos afetada pela diferença entre falantes que a avaliação de *nordestinidade* e avaliação de sotaque para as variantes desta pesquisa. Prossegue-se com a

união dos estímulos por variante linguística.

Gráfico 9 – Proporção da percepção de “falar cantado” em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por variante oclusiva e variante palatal por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 16 – Frequência e proporção da avaliação de “falar cantado” por variante oclusiva e variante palatal em escala Likert (N = 255)

Estímulo/ Avaliação	Oclusiva	Palatal
Discordo totalmente	n= 66 (12,94%)	n= 82 (16,08%)
Discordo	n= 140 (27,45%)	n= 197 (38,63%)
Neutro	n= 128 (25,10%)	n= 139 (27,25%)
Concordo	n= 134 (26,27%)	n= 65 (12,75%)
Concordo totalmente	n= 42 (8,24%)	n= 27 (5,29%)
Total	n= 510 (100%)	n= 510 (100%)

Fonte: elaborado pela autora.

Nota-se que o nível de discordância é o mais frequente para a avaliação de ambas as variantes linguísticas, resultado que não surpreende, pois é fato que os estímulos de áudio não apresentavam diferenças acentuadas em seus padrões prosódicos, pois esse fator foi controlado na elaboração dos estímulos de *pseudo-matched guise*. Entretanto, para a avaliação da variante oclusiva, o nível de concordância apresentou uma frequência de avaliação extremamente próxima do nível de discordância, inferior em apenas 6 pontos, que em termos de proporção é uma diferença de apenas 1,18%. Com isso, nota-se que apesar dos níveis de concordância (concordo|concordo totalmente) não apresentarem dominância na avaliação da forma oclusiva, a distribuição entre os níveis da escala likert indica que essa variante é sim vista como mais cantada que a forma palatal.

Em vias de testar a significância estatística do padrão descrito, realizou-se o modelo de regressão ordinal com efeitos mistos, apresentada a seguir.

Tabela 17– Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de “falar cantado” das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)

<i>Coeficientes</i>	<i>Logodds</i>	<i>E.P.</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
Variante [Oclusiva]	0,408	0,004	101,723	<0,01	***
Referência – Gênero [feminino]					
Gênero [masculino] * Variante oclusiva	-0,391	0,004	-97,390	<0,01	***
Idade * Variante oclusiva	0,020	0,003	7,454	<0,01	***
Referência – Escolaridade [Ensino Superior]					
Escolaridade [Ensino Médio] * Variante oclusiva	0,852	0,337	2,529	0,01	*
Referência – Naturalidade [Fortaleza]					
Naturalidade [Ceará] * Variedade oclusiva	-0,342	0,362	-0,946	0,34	
Naturalidade [Cariri] * Variedade oclusiva	-0,230	0,354	-0,649	0,52	
Naturalidade [outros estados] * Variedade oclusiva	0,262	0,465	0,564	0,57	
<i>Coeficientes threshold</i>					
Discordo totalmente Discordo	-3,338	0,624	-16,630	<0,01	
Discordo Neutro	0,018	0,585	0,118	0,91	

Neutro Concordo	2,009	0,578	482,658	<0,01
Concordo Concordo totalmente	4,456	0,584	1054,220	<0,01

Efeitos aleatórios

Variância	5,82
Desvio padrão	2,41
N _{INFORMANTE}	249
Observações	996

Códigos de significância: ‘****’ 0,001 ‘***’ 0,01 ‘**’ 0,05 ‘.’ 0,1 ‘ ’ 1

Fórmula: $clmm(AVALIACAO \sim (VARIANTE + IDADE + GENERO + ESCOLARIDADE + NATURALIDADE)^2 + (1|INFORMANTE), data = Cantado)$

Fonte: elaborada pela autora.

O desvio padrão dos efeitos aleatórios do modelo aponta que os valores estão cerca de 2,41 unidades distantes da média, indicando uma dispersão dos dados mais severa que nas regressões anteriores. Vê-se que os coeficientes *threshold* apresentam valores positivos, ou seja, chances logarítmicas positivas, para avaliação de todos os níveis a exceção do de discordância total, sendo a única regressão com a amostra geral a apresentar esse comportamento, pois, para os níveis de *nordestinidade* e *sotaque*, o único coeficiente positivo foi o do nível concordo|concordo totalmente. Contudo, nota-se ainda que os padrões das maiores chances logarítmicas se alocaram no nível indicativo de concordância em todas essas regressões. Os coeficientes calculam os *logodds* para cada nível ordinal da escala Likert adaptada para a amostra, assim, o que se explana é que os níveis cumulativos com a avaliação neutra tiveram especial destaque para avaliação da variável “falar cantado”.

Visualizando o primeiro coeficiente da tabela, vê-se que a diferença entre a avaliação de estímulos com variante oclusiva e com variante palatal foi estatisticamente significativa, ainda que com um tamanho de efeito mais discreto que os anteriores (0,408 *logodds*), apresentando 60,06% de probabilidade de os falantes convergirem ao nível cumulativo de concordância|concordância total em relação a afirmação “Essa pessoa fala cantado” para variante oclusiva. Tendo em vista o ponto neutro da escala de probabilidade como 50%, constata-se o efeito positivo favorecedor dessa avaliação.

As variáveis sociais estaticamente significativas para descrição do fenômeno foram o gênero, idade e escolaridade dos participantes. Percebe-se que os falantes com escolaridade Ensino Médio apresentam chances positivas de avaliarem a forma oclusiva como “falar

cantado”, com cerca de 70,01% de probabilidade (0,852 *logodds*) atribuir maiores graus de concordância. Atribui-se esse resultado à cultura oral dos poetas, violeiros e também a poesia de literatura de cordel, que também tende a ser entoada. A cultura da poesia oral do Ceará é bastante explorada pelo poeta Patativa do Assaré, nome artístico de Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), natural da cidade de Assaré, Cariri cearense. Para apresentar essa arte e seguir a discussão desse tópico, traz-se o poema *Cante lá, que eu canto cá*:

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feção
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê [...] (Patativa do Assaré)²³

Na sociolinguística brasileira há a tradição de rotular a fala de pessoas com Ensino Superior como culta e os falantes com escolaridade até o Ensino Médio como popular, é evidente que a escolarização formal possui influência sobre a formação linguística dos falantes, principalmente no ensino e perpetuação das variantes linguística de prestígio. Sobre os termos para qualificar esses usos, Faraco e Zilles (2017) apontam que:

O qualificativo *culto/a* não é, certamente, o mais adequado para qualificar uma norma e seus falantes porque pode sugerir que outros falantes não são ‘cultos’, ou seja, não têm cultura, o que é, em si, um absurdo [...], vale insistir que se trata de um uso restrito: *culto/a* remete especificamente a uma certa dimensão da cultura, isto é, à cultura

²³A obra de Patativa tem natureza oral, mas seus poemas foram transcritos e estão disponíveis em algumas coletâneas de livros, trabalhos acadêmicos, sites de músicas *etc.* Essa transcrição parcial do poema *Cante lá, que eu canto cá* foi retirada do seguinte repositório da UFPB: http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_pa.htm.

escrita (Faraco; Zilles, 2017, p. 20, destaques no original)

Reforça-se a possibilidade de os falantes escolarizados até o Ensino Médio haverem atribuído a avaliação de “falar” cantado para forma oclusiva por uma possível aproximação a essa cultura de poesia marcante no Cariri, mas que ressoa no restante do estado do Ceará. Tem-se a diferenciação entre a cultura popular oral e cultura erudita escrita, mesclada com a distinção capital/interior, essa descrita pelo próprio Patativa do Assaré no poema aqui recortado.

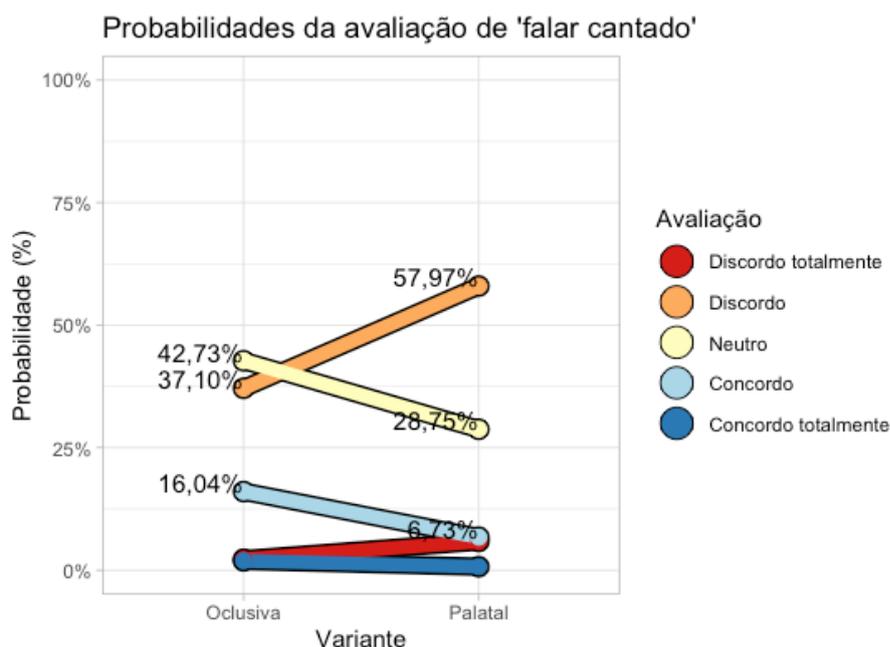
Acredita-se que a influência da cultura oral aqui descrita pode também justificar o aumento da chance de concordar|concordar totalmente com a variante oclusiva ser cantada, pois, devido a processos de globalização, o consumo e predominância da cultura oral local vem sendo substituída por outros padrões de consumo. Devido ao coeficiente de concordância indicar uma probabilidade alta de tanto falantes na casa dos 20 anos quanto na casa dos 70 anos concordarem totalmente (cerca de 99% para ambos) com a atribuição característica “falar cantado” para variante oclusiva, segue-se o caminho inverso e calcula-se a probabilidade de discordar|discordar totalmente que a variante oclusiva é “cantada” no prosseguimento desta reflexão. A partir do coeficiente *threshold* do referido nível, calculam-se *logodds* de -2,938 para um falante de 20 anos e -1,938 para um de 70 anos. Em termos de probabilidade, isso significa que um falante de 20 anos tem o equivalente a 12,59% de probabilidade de discordar (nível discordar|discordar totalmente da regressão) que os estímulos de variante oclusiva são cantados, contra apenas 5% de probabilidade para um idoso de 70 anos realizar essa mesma avaliação. Nota-se que o tamanho do efeito não é grandioso, mas ainda assim reforça-se sua significância estatística ($p < 0,001$).

Sobre o papel do gênero sob a avaliação e uso de variantes linguísticas, Trudgill (1991 [1972]) *apud* Freitag (2017, p. 35) aponta que “existem valores ocultos associados à linguagem não padrão que são, ao nosso ver, particularmente importantes para a explicação da diferenciação social de variantes linguísticas”. Sabe-se que, para comunidade de fala de Fortaleza-CE, o uso da variante oclusiva de /t, d/ diante de /i/ é uma variante não-padrão e, nota-se que para as variáveis que mais marcam a diferença dialetal (nível de sotaque e “falar cantado”), permitindo-se uma explicação em bricolagem com as outras variáveis ordinais desta pesquisa, têm-se que o gênero masculino desfavoreceu a concordância que os estímulos com variante oclusiva são “cantados” em detrimento do gênero feminino, neste caso com 40,35% de probabilidade de avaliação no nível de concordância (concordo|concordo totalmente) para a avaliação de “falar cantado”. Desse modo, infere-se um padrão do gênero masculino atribuir menos as características marcantes de diferenciação (o “falar cantado e arrastado” é tido como

marca dialetal do interior, cf. seção 6.4.1.4 Critérios de avaliação: critérios estilísticos, prosódicos e de inteligibilidade da variante oclusiva e variedade do Cariri). Interessantemente, para o nível de *nordestinidade*, os homens apresentaram *logodds* positivos, porém no caso da *nordestinidade*, não existiria segregação dialetal explícita, considerando que ambas as variantes são uso de comunidades de fala nordestinas, como a capital aqui em foco (Fortaleza-CE), o que reforça a proposta defendida nesse parágrafo.

Para aprofundar e detalhar nossa análise, calculou-se os efeitos em probabilidade para cada nível da escala Likert original a partir do modelo de regressão.

Gráfico 10 – Probabilidades da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)



Fonte: elaborado pela autora.

Nota-se que, separando-se os níveis de concordância e concordância total o modelo estima discreta probabilidade de 16,04% de concordância com a atribuição de “falar cantado” para a forma oclusiva, decaindo para 6,73% para a forma palatal. Os níveis extremos de discordância total e concordância total amontoam-se na parte inferior do gráfico, apresentando probabilidades baixas e próximas a zero²⁴. Nota-se uma tendência de menor probabilidade de

²⁴ As probabilidades para o nível “discordo totalmente” são de 5,85% para variante palatal e 2,23% para variante oclusiva e as probabilidades para o nível “concordo totalmente” são de 0,71% para variante palatal e 1,9% para variante oclusiva.

uma avaliação neutra em relação a atribuição da característica “falar cantado” a forma palatal e, concomitantemente, a maior probabilidade que essa variante apresente a avaliação no nível “discordo”. Destaca-se que essa é a única probabilidade acima do ponto neutro do gráfico, ou seja, indicando favorecimento a esta avaliação para variante palatal.

Por fim, analisam-se as variáveis sociais exclusivas dos mirantes do Cariri cearense sobre a avaliação de “falar cantado”. Constatou-se significância estatística para as variáveis: tempo de migração em anos, proporção da vida como migrante e motivo da migração.

Tabela 18 – Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de “falar cantado” das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)

<i>Coeficientes</i>	<i>Logodds</i>	<i>E.P.</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
Variante [Oclusiva]	0,442	0,002	222,141	<0,01	***
Tempo de migração em anos * Variante oclusiva	-0,024	0,002	-12,591	<0,01	***
Referência – Proporção da vida como migrante [menos de 1/3]					
Proporção da vida como migrante [entre 1/3 e 2/3] * Variante oclusiva	-0,054	0,571	-0,094	0,92	
Referência – Motivo de migração [outros]					
Proporção da vida como migrante [mais de 2/3] * Variante oclusiva	0,702	0,002	352,585	<0,01	***
Referência – Motivo de migração [outros]					
Motivo da migração [Trabalho] * Variante oclusiva	-0,688	0,712	-0,966	0,33	
Motivo da migração [Estudo] * Variante oclusiva	0,275	0,002	138,278	<0,01	***
Motivo da migração [Família] * Variante oclusiva	0,816	0,698	1,168	0,24	
<i>Coeficientes threshold</i>					
Discordo totalmente Discordo	-0,176	0,247	-0,710	0,48	
Discordo Neutro	1,922	0,002	1018,014	<0,01	
Neutro Concordo	3,437	0,002	1820,402	<0,01	
Concordo Concordo totalmente	5,148	0,327	15,763	<0,01	
Efeitos aleatórios					
Variância	1,13				

Desvio padrão	1,06
N _{INFORMANTE}	42
Observações	168

Códigos de significância: ‘****’ 0,001 ‘***’ 0,01 ‘*’ 0,05 ‘.’ 0,1 ‘ ’ 1

Fórmula: $\text{clmm}(\text{AVALIACAO} \sim (\text{VARIANTE} + \text{TEMPO.MIGRACAO} + \text{PROP_VIDA_MIG} + \text{MOTIVO.MUD})^2 + (1|\text{INFORMANTE}), \text{data} = \text{Cariri.Cantado})$

Fonte: elaborada pela autora.

Nota-se, para essa regressão específica para os migrantes do Cariri uma dispersão mais comedida dos dados em seus efeitos aleatórios de que a apresentada para os dados gerais, com um desvio padrão de 1,06. A diferença da avaliação das variantes foi significativa e positiva, com 59,87% de probabilidade de a variante oclusiva ser avaliada como “falar cantado”, ou 0,442 *logodds*.

Nota-se que o tempo de migração em anos apresentou *logodds* de -0,024, indicando desfavorecimento de concordância da atribuição da característica com o aumento da idade, em contrapartida aos resultados para os dados gerais. Por sua vez, a proporção da vida como migrante mais de 2/3 da vida indicou um coeficiente positivo de 0,702 *logodds*. Têm-se dois modos de analisar o tempo, o tempo cronológico indicado pelo tempo de migração em anos, e o tempo individual de cada migrante, indicado pelo tempo de migração em anos.

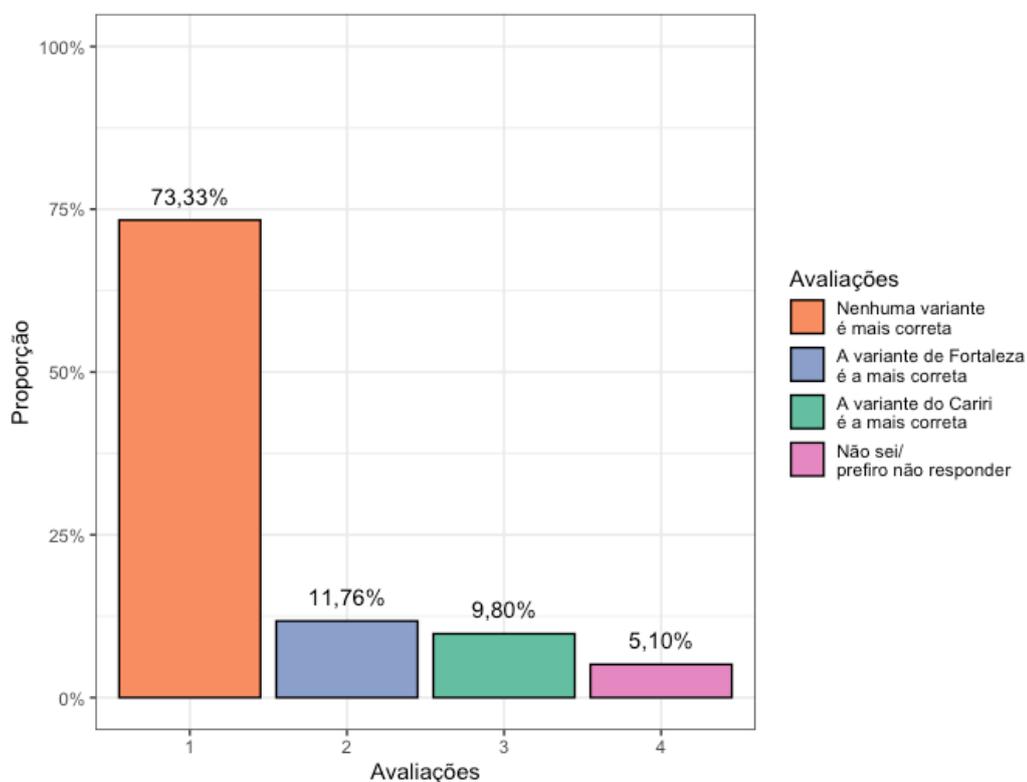
Interessantemente, o comportamento cronológico indica que os migrantes mais antigos advindos do Cariri são apresentam tendência negativa a concordância que a variante oclusiva é “cantada”, mas migrantes mais assimilados a comunidade fortalezense, que viveram mais de 2/3 da vida na capital cearense, indicam chances logarítmicas positivas a concordância dessa característica. Infere-se que os migrantes mais antigos poderiam sentir menos pressões sociais em detrimento do uso da variante oclusiva, por isso tenderem menos a concordância dessa característica, pois ela teria sido menos presente na avaliação e comentários metalinguísticos no seu processo de migração. Em contrapartida, os migrantes mais assimilados à comunidade de fala de Fortaleza-CE podem indicar chances logarítmicas positivas de atribuição a essa característica por assimilarem a máxima “no interior as pessoas falam cantado” e reproduzirem essa assimilação ao serem submetidos a estímulos de variante oclusiva produzida por um cearense (indicando um dialeto do interior do estado, não nativo da capital).

6.3 Avaliação (meta)linguística e teste de atitudes sociais percebidas

O teste de avaliação (meta)linguística consiste na reflexão dos participantes diretamente acerca do fenômeno variável estudado, a palatalização das oclusivas /t, d/ diante de /i/ (Oushiro, 2015), visando em critérios estéticos (ex. bonito e feio) e critérios de correção gramatical (ex. correto e incorreto). Para isso, os falantes ouviam dois estímulos apontados como “Fala de Fortaleza” e “Fala do Cariri”, e perguntava-se sobre a pronúncia de “t” e “d” a partir da pequena frase: “Bom dia, tia!” emulada ora com a variante palatal ora com a variante oclusiva. O teste de atitudes sociais percebidas figura como um teste experimental para flagrar crenças e atitudes acerca da variante oclusiva e, consequentemente, pessoas do Cariri cearense. Este teste não se atém necessariamente ao participante, mas permite que a seleção atitudes que ele pode haver presenciado.

Apresenta-se a seguir o gráfico da noção de correção para variante palatalizada de Fortaleza-CE e a variante oclusiva do Cariri cearense.

Gráfico 11 – Proporção da noção de correção da variante palatal (Fortaleza-CE) e da variedade oclusiva (Cariri-CE) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



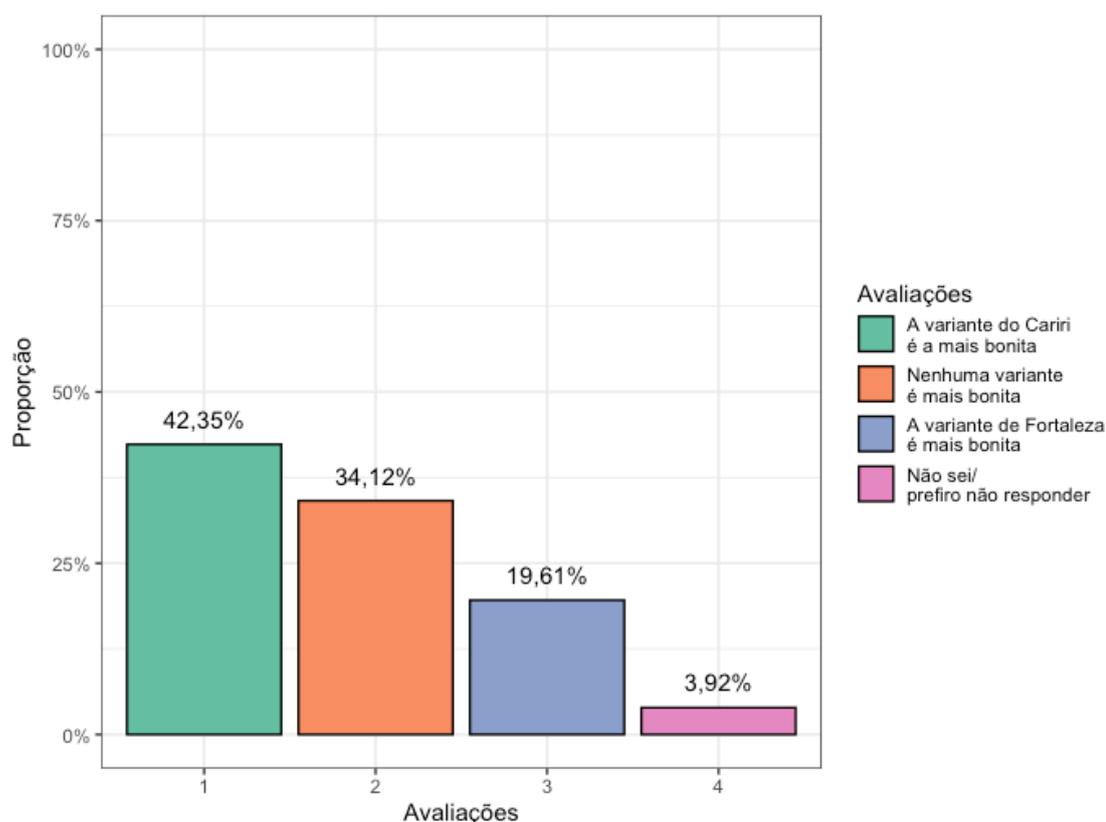
Fonte: elaborado pela autora.

A maior parte dos informantes (n= 187/73,33%) considerou que não existe variante

linguística mais correta. Contudo, um número significativo de informantes considerou alguma das formas mais corretas, sendo a variedade fortalezense sobrepondo a do Cariri por discretos 1,9%. Quando se realizam análises dos subgrupos dos participantes de Fortaleza (n= 159) e do Cariri cearense (n= 42) uma predileção de cada grupo por avaliar a sua própria forma como mais correta em detrimento da outra, porém, os nativos do Cariri são mais assertivos, apresentando 13,69% mais avaliações que sua variante é mais correta quando comparado aos fortalezenses. Na seção 6.4 deste trabalho, dedicada ao livre relato dos informantes, detalham-se as opiniões acerca das variantes, mas antecipa-se que os migrantes do Cariri tendem a apontar sua variante como mais próxima do Português Europeu ou de um Português Brasileiro mais “puro”, indicando que a palatalização de /t/ e /d/ seria ocasionada por fonemas extras, [ʃ] e [ʒ], que, de acordo com os relatos, não seriam adequados.

Em relação ao critério estético, se alguma forma é mais bonita para os participantes, segue-se o gráfico:

Gráfico 12 – Proporção do critério estético (beleza) da variante palatal (Fortaleza-CE) e da variante oclusiva (Cariri-CE) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



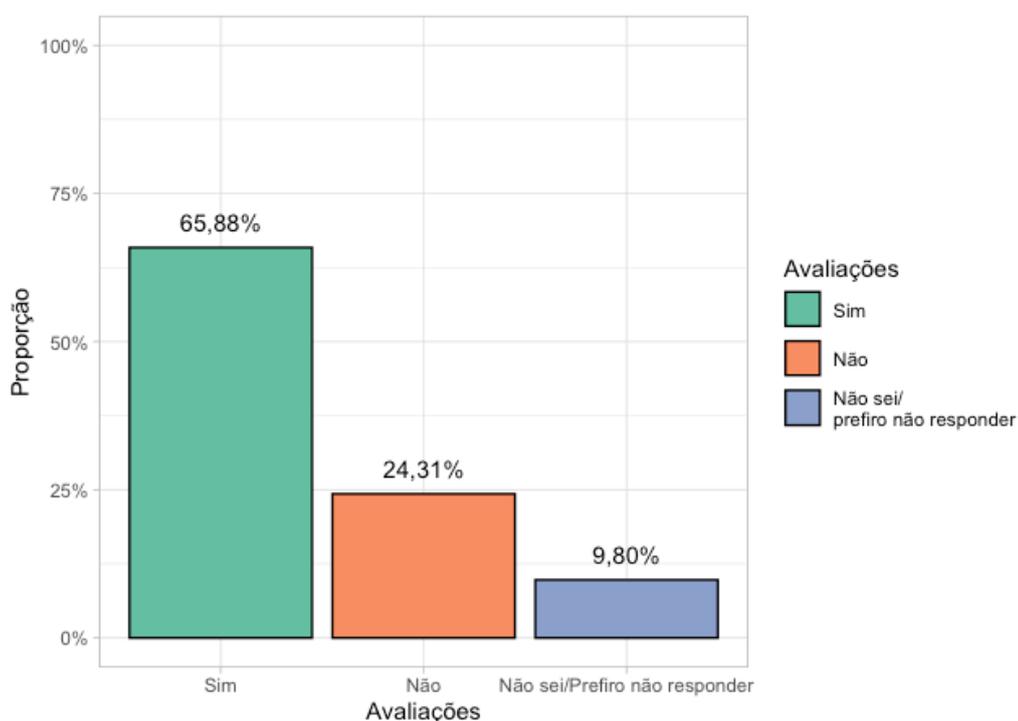
Fonte: elaborado pela autora.

Impressionantemente, apesar da neutralidade apresentada para o critério de correção, partindo para o critério estético, a variante do Cariri cearense foi considerada mais

bonita pelos participantes dessa pesquisa. A crença que nenhuma variedade é mais bonita figurou em segundo lugar. Desse modo, apenas 19,61% (n= 50) dos informantes consideram a forma da capital mais bonita. Esse resultado vai de encontro aos estudos de avaliação sociolinguística realizados em Alagoas e Sergipe, que indicaram a forma palatal como mais bonita (Vitório, 2020; Ribeiro; Corrêa, 2018; Freitag; Santos, 2016). A estética da forma oclusiva pode ser explicada pela discussão traçada anteriormente, seção 6.5 – As variáveis discretas da lista de características, em uma visão que o interior do Brasil é onde habita a arte, cultura e beleza das práticas populares brasileiras (Iorio, 2013). Assim, entende-se que a variante de Fortaleza é sim prestigiada, mas não imbuída do encantamento e singularidade que parece cercear a percepção dos interiores do país. Outra possibilidade é também a ideia de “pureza” da variante oclusiva, considerando esta a forma conservadora do Português Brasileiro.

Nota-se que para ambas a pergunta de avaliação linguística houve pouca escolha por preferir não responder, sugerindo que os participantes possuem sim avaliações prévias ao momento da pesquisa acerca do fenômeno. A seguir, parte-se para o teste de atitudes sociais percebidas, em que se busca investigar a percepção de preconceito linguístico, crenças e atitudes sociais direcionadas à falantes da variedade do Cariri-CE residentes em Fortaleza-CE.

Gráfico 13 – Proporção da crença se falantes do Cariri-CE sofrem preconceito pelo uso de sua variedade linguística em Fortaleza-CE por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

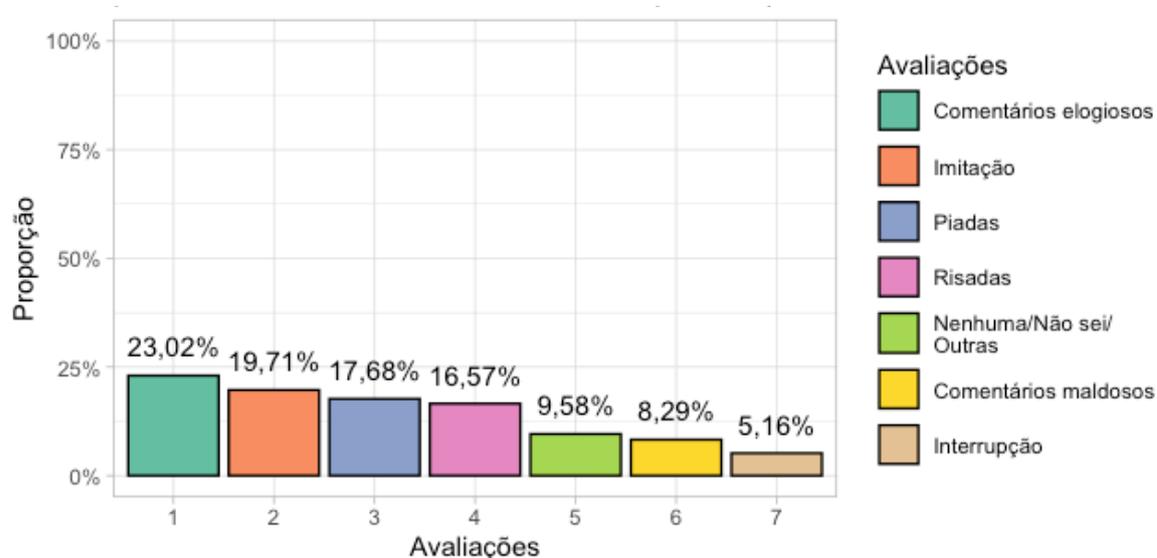
A maioria dos participantes da pesquisa (n= 168/65,88%) apontam que existe preconceito aos falantes do Cariri por sua forma de falar, enquanto cerca de ¼ discorda (n= 62/24,31%). Os que não sabem ou escolheram não responder, apesar de ainda serem minoria, representaram quase 10% da amostra, sendo uma proporção consideravelmente maior que para as perguntas anteriores, em que não se ultrapassou a casa dos 5% por essa opção. Alguns informantes aportaram comentários na seção de relatos citando a questão do preconceito linguístico:

- *Eu nasci no Crato, mas vim para Fortaleza com 3 anos, minha família toda é do Crato, eles têm sotaque de lá e várias pessoas perguntam por que eu não falo com sotaque de lá. Tenho hábito de falar algumas palavras como "oxe", "oxente", "valha", etc, que são associadas ao sotaque do Crato, e, quando criança já sofri algumas formas de preconceito por isso, mas faz tempo que não sou tratado assim, penso que seja pelo fato de eu ter diminuído a quantidade de vezes que falo essas palavras (P162, Homem, 19 anos, Ensino Superior incompleto, Crato-CE, residente em Fortaleza há 16 anos).*
- *Eu percebo que antes havia mais preconceito com o sotaque e com as pessoas do interior do Ceará, principalmente do Cariri. Quando eu era criança, minhas primas de Fortaleza ficavam caçoando do meu sotaque e hoje em dia eu ainda vejo algumas pessoas fazendo comentários maldosos (chamando de matutos, por exemplo), mas também vejo algumas pessoas elogiando e nos identificando pelo sotaque, pois elas gostam da região do Cariri, principalmente do Crato (que é mais elitizado) (P213, Mulher, 41 anos, Pós-Graduação, Mauriti-CE, residente em Fortaleza há 16 anos).*
- *Acredito que há preconceito em ambos os lados, sou fortalezense e morei 5 anos no Cariri. O preconceito com o sotaque caririense é proporcional ao preconceito contra a cidade Fortaleza e conseqüentemente o fortalezense em si (P117, Mulher, 33 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE).*

Os três relatos apresentam diferentes pontos de vista que serão aqui discutidos, sendo os dois primeiros de migrantes do Cariri cearense e o último de um participante fortalezense. O primeiro é o relato de um migrante nascido no Crato, porém migrou com apenas 3 anos de idade para Fortaleza e aponta que, por isso, não adquiriu o “sotaque” do Cariri cearense e acredita que o fato de não sofrer mais preconceito linguístico é relacionado ao abandono de expressões lingüísticas do Cariri. A segunda participante traz um ponto de vista da sua experiência que ainda existem preconceitos com a variedade do Cariri, principalmente associada a característica “matuta”, mas também salienta que, quando se identifica a naturalidade do Cariri pelo sotaque, também há elogios por parte dos fortalezenses à região (principalmente a cidade do Crato). O último relato, produzido por um participante fortalezense com histórico de residência no Cariri cearense, opina que existe uma proporcionalidade de preconceitos, indicando que o caririense sofre preconceito por seu sotaque quando migra para

fortaleza, mas os cidadãos do cariri também possuem preconceito contra a cidade de Fortaleza e seus habitantes. Sabe-se que o preconceito é uma crença sobre o mundo, e maioritariamente o termo “preconceito” é utilizado para indicar crenças negativas e depreciativas acerca de algo ou alguém. Como discutido no referencial teórico (com ênfase no ponto 2.2.1.1 - *Crenças e atitudes*), essas crenças se desenrolam em atitudes sociais perante à língua e perante o outro, podendo ser negativas ou positivas (Bottasini, 2015), sabendo disso, discute-se a seguir as atitudes linguísticas que os participantes relatam haver presenciado, vivido ou realizado em relação à variedade do Cariri na cidade de Fortaleza-CE.

Gráfico 14 – Proporção de atitudes linguísticas à variedade do Cariri-CE em Fortaleza-CE por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborada pela autora.

Inicialmente, é necessário entender que essa foi uma questão de múltipla escolha em que os participantes poderiam selecionar quantas opções julgassem necessário e ainda aportar comentários no ponto “outras atitudes”. Desse modo, apesar da amostra ser de 255 informantes, obtiveram-se 543 seleções nas caixas de respostas, indicando uma média de 2,12 respostas seleções por participante. É a partir do total de seleções que as proporções foram calculadas. Partindo para análise desses dados, nota-se que a atitude mais recorrente é a indicativa de comentários elogiosos à fala do Cariri com 23,02% dos dados (n= 125), contrastando com os comentários maldosos com apenas 8,29% (n= 45). Esse resultado chama a atenção, pois como dito a forma do Cariri foi avaliada como mais bonita, então apesar de significados sociais associados à grupos sociais de menor *status* como anteriormente discutido, resultados apontam que a forma tem valor estético e é enaltecida em atitudes linguística por

parte de falantes residentes em Fortaleza-CE.

Em seguida, têm-se as atitudes: imitação, piadas e risadas da fala caririense. Nos relatos de informantes migrantes do Cariri-CE é possível encontrar descrição de atitudes que mesclam os comentários elogiosos com esses três níveis da escala, como vê-se a seguir:

- Eu sou da região do Cariri e não sofri nenhum tipo de preconceito, ao contrário as pessoas elogiam e até imitam, mas de forma extrovertida. E quando falo que sou do cariri as pessoas enchem de elogios a região (P8, Mulher, 26 anos, Ensino Superior completo, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 6 meses).
- Tem sido uma experiência nova para mim, como sou um falante de outra região, conheço e falo algumas expressões que só existem onde eu moro, além das pessoas sempre perguntarem se sou de fora ou se sou de Fortaleza ou do Ceará, costumam dizer que meu sotaque é bonitinho ou ficam rindo dele, mas nada fora do normal, só me irrita às vezes (P190, Não-binário, 24 anos, Ensino Superior incompleto, Barbalha-CE, residente em Fortaleza há 1 ano).
- Quase sempre sou interrompido e sempre acham engraçado o meu sotaque quando estou por fortaleza, como meu ciclo aqui são de amigos nunca senti piadas com desdém, as vezes acham que sou baiano e nunca entendi isso (P164, Homem, 25 anos, Ensino Superior Completo, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 3 meses e apontou haver residido em Fortaleza também por um período da infância).

No primeiro relato a participante afirma que não sofreu nenhuma modalidade de preconceito por pessoas residentes em Fortaleza-CE, mas que recebe elogios a região do Cariri e sua variedade linguística. A participante indica que ocorre imitações ao seu sotaque, mas que ela percebe como uma interação extrovertida, não maliciosa. O participante P190 descreve que seu sotaque é elogiado (diz-se “bonitinho”) e que traz curiosidade em relação a sua origem, também aponta que acontecem imitações e risadas direcionadas a sua variedade linguística, apesar de avaliar como dentro da normalidade (lê-se normalidade como algo dentro do *continuum* de experiências desse indivíduo), indica que ocasionalmente se sente irritado, o que se interpreta como uma consequência negativa de atitudes linguísticas sofridas pelo participante. O terceiro participante aponta que sofreu as atitudes de interrupção de sua fala e que veem sua variedade como engraçada, o que se relaciona com as atitudes de piadas e risadas, mas o participante afirma que não vê essas interações de modo depreciativo. Este participante também descreveu a atitude menos atribuída na escala, a interrupção da fala, que constitui apenas 5,28% (n=28) desses dados. Nota-se um apontamento comum ao primeiro e terceiro relato analisados nesse parágrafo: o questionamento de se o participante é cearense, o que discutir-se-á mais ativamente na seção 6.4 deste trabalho.

Os relatos discutidos no parágrafo anterior trazem atenuantes às atitudes vividas,

não os classificando como preconceito ou hostis. Contudo alguns migrantes do Cariri-CE trouxeram relatos que indicam consequências negativas e sofrimento emocional por atitudes linguísticas que foram alvo.

- Todas essas alternativas que marquei acima foi porque já passei por todas elas e ainda hoje passo...muito difícil!²⁵ (P203, Mulher, 30 anos, Pós-Graduação, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 10 anos).
- Eu espero que essa pesquisa alcance um debate, porque há muito tempo tenho incômodo em perceber desrespeito a minha voz, como expresso, por conta do sotaque. E o preconceito “maquiado” de “acho tão bonitinho teu sotaque! fala de novo...” Espero que minha contribuição ajude ao combate a xenofobia dentro do próprio estado (P225, Mulher, 37 anos, Ensino Superior incompleto, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 3 anos).
- Sou do Cariri e moro em Fortaleza há mais de 30 anos. Continuo com o “tia” e o “dia” sem chiados. Quando vim morar aqui fui várias vezes motivo de mangofa. Hoje não sou ou não me importo. Acho bonito ambos os sotaques (P68, Mulher, 57 anos, Ensino Superior completo, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 33 anos).
- Na faculdade eu não costumava dar bom dia, eu apenas dizia “tudo bem?” pois as pessoas riam e imitavam minha forma de falar (P175, 32 anos, Mulher, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 10 anos).

O relato da P203 indica uma continuidade, no seu período como migrante, de diversas atitudes linguísticas em relação à sua variedade, fato que ela classifica como “muito difícil”. Em convergência, a P225 aponta se sentir desrespeitada e avalia como negativas atitudes linguísticas como pedir para o migrante repetir o que falou por seu sotaque ser “bonitinho”, por fim, ela classifica a vivência como xenofobia²⁶. As participantes P68 e P175 apontam que foram alvos de piadas por sua variedade linguística, e a P175 também apontou ser alvo da imitação. O relato da P68 indica uma rejeição a acomodação linguística a fala da capital mesmo que sua proporção de vida como migrante seja de mais de 2/3 e uma aparente indiferença em relação as atitudes linguísticas que pode ser alvo. Por sua vez, a P175 narra sua experiência na universidade, em que evitava utilizar o cumprimento “Bom dia” nesse ambiente para esquivar o uso da oclusiva dental [d] diante de [i]. Percebe-se que a falante adotou uma atitude linguística em relação ao próprio uso que tangencia à acomodação, pois não indica a adoção da variante palatal, mas que também suprime o uso da forma oclusiva em determinados contextos. Um participante fortalezense indica que tem conhecimento de atitudes similares às relatadas pela

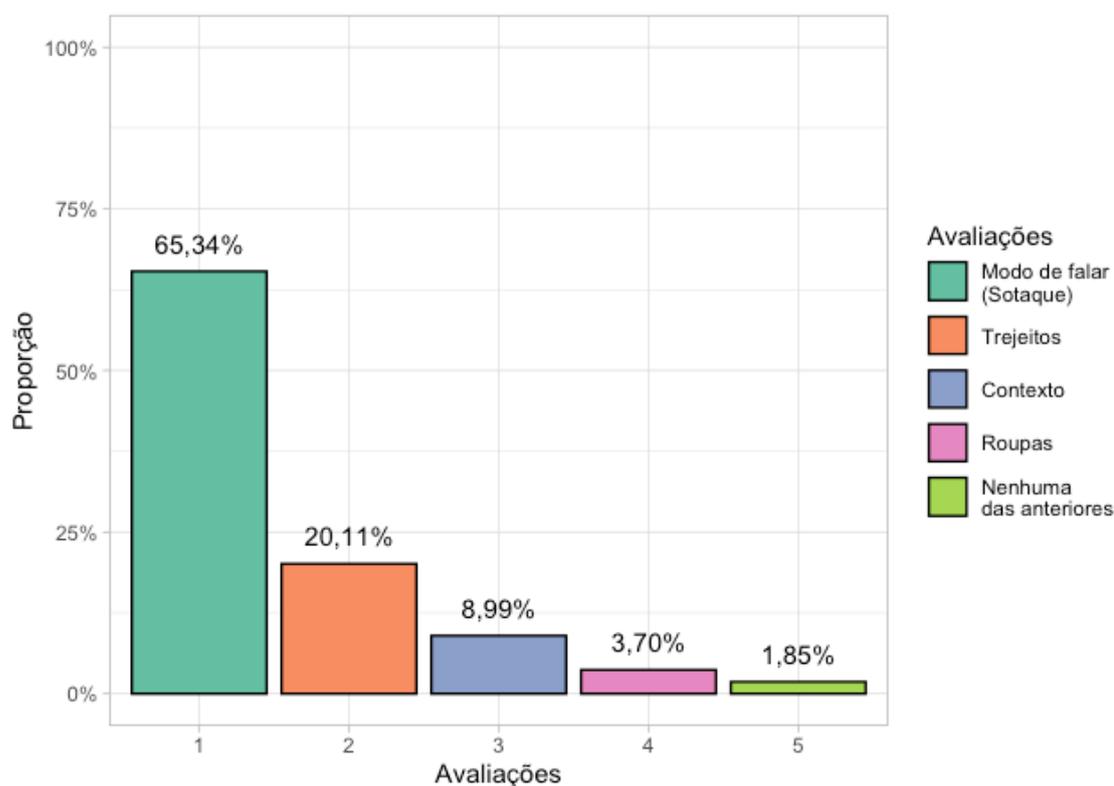
²⁵ As atitudes sofridas pela participante e selecionadas por ela no questionário foram: Piadas, Interrupção, Risadas, Comentários elogiosos e Comentários maldosos.

²⁶ O dicionário Michaelis On-line (2023) descreve o termo “xenofobia” como: (1) Aversão ou rejeição a pessoas ou coisas estrangeiras. (2) Temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente.

P175: “*Já tive colegas do interior que perto de nós de Fortaleza evitavam seu próprio sotaque por vergonha, mas particularmente sempre achei bonito*” (P51, Homem, 30 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza).

A variedade linguística de uma pessoa é apenas um dos diversos fatores que podem contribuir na identificação de um falante: roupas, trejeitos, contexto de interações sociais, por exemplo, podem contribuir para que reconheçamos membros de um determinado grupo (Eckert, 2008; Garret, 2010). Em vias de investigar como os migrantes do Cariri-CE tinham sua identidade regional flagrada por falantes residentes em Fortaleza-CE, perguntou-se quais características auxiliavam nessa identificação e permitiu-se a adição de novas pelo próprio informante na opção “outras”.

Gráfico 15 – Proporção de características que identificam pessoas do Cariri-CE em Fortaleza-CE atestadas por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=255)



Fonte: elaborado pela autora.

Os falantes poderiam selecionar quantas alternativas acreditassem serem pertinentes, totalizando 378 dados, ou seja, aproximadamente apenas 1,48 seleções de características por pessoa. Nota-se que o modo de falar (caracterizado na alternativa também como sotaque), apresentou grande prevalência dos dados (n= 247). Os trejeitos figuram em segundo lugar, com aproximadamente 1/5 da amostra, mas, curiosamente, nenhum participante

especificou em seu relato que maneirismos seriam esses. O contexto (n=34) foi detalhado como: compras, consultas médicas *etc*, considerando a capital cearense como um centro comercial e têxtil de destaque que atrai compradores de varejo, bem como procedimentos médicos complexos tendem a ser alocados para hospitais de Fortaleza, imaginou-se que esse fator poderia contribuir para identificar migrantes juntamente com outras características. A característica pré-escolhida menos escolhida foi o vestuário (roupas), com apenas 14 seleções. Assim, infere-se que os estilos de vestimenta entre as regiões não aparentam apresentar uma distinção significativa. A opção “Nenhuma das anteriores” apresentada no gráfico amalgamou os que preferiram não responder e os que aportaram características à pergunta, destes a Profissão (n=4) destacou-se, sendo detalhada como profissões ligadas à arte pelo P7.

6.4 Nuvens de palavras e avaliação metalinguística: os relatos dos participantes

As nuvens de palavras foram elaboradas a partir dos comentários opcionais acerca de cada áudio com estímulo oclusivo do teste de estímulos pareados (“Gostaria de falar mais algo sobre a pessoa 1/2/3/4?”), bem como as questões de comentário metalinguístico: “Você tem alguma opinião sobre o jeito de falar ‘tia’ e ‘dia’ no Cariri/Fortaleza?”, sendo esses relatos compilados em uma matriz de texto. Reenterra-se que foram excluídas as pontuações e verbos modalizadores e indicativos de processos mentais (“acho”, “ser”, “parece”, “achei” e “acredito”). A nuvem foi compilada pelo pacote *wordcloud2* a partir da função de mesmo nome. A partir da quantificação dos léxicos, os mais frequentes figuram em maior tamanho na nuvem de palavras, enquanto os menos frequentes aparecem em tamanho reduzido ou nem mesmo estão presentes nas figuras.

Após a apresentação das nuvens, há uma análise mais aprofundada dos relatos dos participantes pensando nos critérios de avaliação presentes em Oushiro (2015); identidade geográfica, grupos sociais, características pessoais e os propostos por Freitag e Santos (2016); critérios estéticos e de estilísticos/inteligibilidade. A esta pesquisa adicionam-se os critérios: afetivo e incentivo ao respeito à variação linguística. Em alguns momentos os relatos podem sobrepor critérios, mas estão alocados em apenas uma das categorias por uma predominância de um critério e/ou para evitar repetição de relatos em diversas categorias.

6.4.1 Relatos acerca da variante oclusiva – a fala do Cariri

Primeiramente analisa-se a nuvem de palavras dos relatos acerca da variante

se o item lexical “Fortaleza” que interpretamos como o ponto de contraste Cariri x Fortaleza. Desse modo, entende-se que houve um enfoque por parte dos informantes na contemplação da variação regional. Valorações também podem ser percebidas, como os adjetivos “bem”, “bonito”, “fofo”, “correta”, “normal” e “diferente”. Detalham-se os relatos nos tópicos seguintes.

6.4.1.1 Critérios de avaliação: identificação geográfica da variante oclusiva e variedade do Cariri

Os participantes da pesquisa indicaram, em geral, a identificação da fala do Cariri com a identidade geográfica nordestina. Especificamente, houve ênfase na indicação da região interior e sul do estado do Ceará, neste caso a própria região do Cariri, bem como a relação desse falar com unidades federativas adjacentes, como o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba, como ilustram os relatos a seguir:

- *Tem sotaque, mas não consigo identificar de qual região é. Penso que do Norte ou Nordeste (P7, Mulher, 37 anos, Ensino Superior completo, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE a 23 anos).*
- *O sotaque da região é visível (P22, Mulher, 44 anos, Ensino Superior completo, Crateús-CE, residente em Fortaleza-CE há 35 anos).*
- *Eu acredito que seja uma pessoa do interior do Ceará porque fala o “di” e o “ti” com a ponta da língua (P35, Mulher, 43 anos, Ensino Superior completo, Maranguape-CE, residente em Fortaleza há 6 anos).*
- *Parece ser um rapaz do interior do Ceará ou RN [Rio Grande do Norte] ou Pernambuco (P54, Homem, 33 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE, adaptado pela autora).*
- *Uma pessoa com um sotaque típico do interior do Nordeste pela minha impressão. Um sotaque que me agrada bastante (P161, Homem, 24 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza -CE há 6 anos).*

- *O Cariri fica no sul do estado, e faz fronteira ou é vizinho dos estados em que os sotaques são parecidos, como Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte. Com diversidade de visitas de romeiros em sua maioria alagoanos (P225, Mulher, 37 anos, Ensino Superior incompleto, Juazeiro do Norte, residente em Fortaleza a 3 anos).*
- *Acho que carrega mais do nosso Nordeste (P216, Mulher, 30 anos, Ensino Superior Completo, Fortaleza-CE).*
- *O sotaque do cariri tem influência da Paraíba, Pernambuco e eles têm orgulho de suas raízes (P171, Mulher, 33 anos, Pós-Graduação, São Paulo-SP, residente em Fortaleza-CE a 3 anos e indicou já haver vivido na região de Juazeiro do Norte-CE).*
- *A fala do Cariri se assemelha a do vale do Jaguaribe, que por sua vez, sofre grande influência potiguar. A marcação e intimações são as mesmas, sendo o sotaque dessa outra região mais cantado. (P196, Homem, 30 anos, Ensino Superior incompleto, Limoeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 13 anos).*

Nota-se a identificação dos estímulos com variante oclusiva e a variedade do Cariri como detentoras de sotaque ainda que por falantes nativos dessa região, o que pode indicar a alta saliência social desse falar, que geraria uma noção de alteridade. A noção de nordestinidade da variedade é também reforçada nos comentários em trechos como: *sotaque típico do interior do Nordeste (P161)* e *carrega mais do nosso Nordeste (P216)*, arraigando noções de pertencimento e tradição à variante oclusiva.

6.4.1.2 Critérios de avaliação: estética da variante oclusiva e variedade do Cariri

Anteriormente nesta pesquisa, os resultados do Gráfico 6 indicaram que os participantes consideravam a forma de falar do Cariri mais bonita que a variedade fortalezense, fato que foi reiterado nos relatos dos participantes.

- *Acho um charme (P11, Mulher, 20 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE).*

- *Quando era criança, achava a forma de falar no Cariri muito feia. Hoje acho completamente normal e belo* (P13, Mulher, 51 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Não acho que seja mais bonita a forma de falar do Cariri, mas acho mais legal/interessante. Talvez por ser diferente da minha forma eu ache mais legal* (P35, Mulher, 43 anos, Ensino Superior completo, Maranguape-CE, residente em Fortaleza-CE há 6 anos).
- *Acho o sotaque marcado de nordestino muito bonito* (P97, Mulher, 28 anos, Curso Superior incompleto, Fortaleza-CE).
- *Bonito demais de ouvir* (P183, Homem, 41 anos, Pós-Graduação, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 20 anos).
- *Jeito bonito, forte e arretado* (P193, Mulher, 43 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).
- *Acho muito bonito o sotaque deles* (P221, Mulher, 40 anos, Ensino Médio Completo, Fortaleza-CE)
- *Eu acho lindo o sotaque do Cariri, bem atraente* (P252, Mulher, 25 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).

Percebe-se no relato dos informantes a recorrência do léxico “bonito” (P35, P97, P183, P193, P221), como também um reforço na diferenciação da variedade do Cariri como “marcado”, “forte” e “arretado” (P97, P193). A P13 indicou uma transformação ao longo de sua vida da avaliação da variedade do Cariri, partindo de “feia” quando ela era criança para “normal” e “bela” em sua vida adulta, acredita-se que essa mudança pode se relacionar com as experiências de vida da participante em contato com falantes do Cariri e sua educação linguística proporcionando maior respeito e normalização à variação. Apesar de a P35 não haver indicado achar a forma do Cariri mais bonita, considerou-se este relato como critério estético pela indicação de predileção da variedade pelo participante.

6.4.1.3 Critérios de avaliação: noção de correção da variante oclusiva e variedade do Cariri

Os critérios de correção em relação à adequação normativa/gramatical da variante oclusiva foram principalmente justificados pelos participantes do Cariri cearense. Destaca-se que na questão de avaliação linguística, posta no Gráfico 5, mostra que os participantes, em geral, não avaliam nenhuma forma como mais correta e há uma leve predominância que a forma de Fortaleza-CE é mais correta. Desse modo, os relatos indicam a predileção da forma do Cariri por falantes nativos da própria região, embasado por critérios de correção, podendo justificar parte dos resultados indicados no Gráfico 5.

- *Sim, é uma forma mais pura! É interessante é que se pensarmos no idioma português, a fala do cariri é mais próxima, também quando penso no idioma italiano, vejo a fala do cariri mais próximo ao sotaque italiano e ao português antigo e formal (P7, Mulher, 37 anos, Ensino Superior completo, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 23 anos).*
- *Acho a forma mais correta vista que a nossa língua é oriunda de Portugal e é bem parecido como os portugueses falam (P175, Mulher, 32 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 10 anos).*
- *É uma forma tida como errada em Fortaleza, porém como correta no Cariri (P162, Homem, 19 anos, Ensino Superior incompleto, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 16 anos).*
- *Se for pela gramática, está correto. Sem contar que é mais bonito (P225, Mulher, 37 anos, Ensino Superior incompleto, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 3 anos).*

Os relatos acima indicam a forma oclusiva utilizada na variedade do Cariri como gramaticalmente adequada (P7, P175, P225), assim como traçam paralelos com o português de Portugal e até mesmo a língua italiana para propor a tese de um purismo da variante oclusiva, possivelmente indicando a forma como mais próxima do latim. Em relação ao português de Portugal, vê-se uma recuperação do colonialismo, tendo em vista que a língua é oriunda do país europeu, há a indicação por parte dos informantes que a variedade falada pelos portugueses

seria a mais adequada gramaticalmente. Sob esse viés, os falantes que palatalizam estariam adulterando um traço de uma língua portuguesa original, uma noção tradicional por parte da gramática normativa de buscar em autores portugueses e no latim padrões que são considerados adequados e corretos para o uso linguístico.

Por sua vez, o participante P162 trouxe o ponto de vista da correção *in loco*, tendo como centralidade o próprio estado do Ceará. Tendo como ponto de partida as normas de cada comunidade, correlatos subjetivos às formas variantes, divergentes em cada comunidade de fala. Assim, para esse participante, os fortalezenses têm a variante oclusiva como incorreta e os caririenses como correta.

6.4.1.4 Critérios de avaliação: critérios estilísticos, prosódicos e de inteligibilidade da variante oclusiva e variedade do Cariri

Para os critérios estilísticos, prosódicos e de inelegibilidade da variedade do Cariri cearense e o uso da variante oclusiva teve-se em conta a questão da avaliação da facilidade da compreensão, reflexão metalinguística sobre características sonoras, apontamentos sobre o ritmo de fala e a possível alocação desses padrões em estilos linguísticos.

- *Parece uma pronúncia que permite uma melhor relação entre a letra e o som* (P25, Homem, 25 anos, Pós-Graduação, Curitiba-PR, residente em Fortaleza-CE há 10 anos).
- *O som, pronúncia é mais fechada. A mudança na pronúncia devido a uma cultura da região* (P38, Mulher, 33 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).
- *A consoante sai mais "limpa"* (P41, Mulher, 41 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Impressão de "sotaque carregado" na pronúncia do "d" e do "t"* (P66, Homem, 22 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Mais nítido* (P68, Mulher, 59 anos, Ensino Superior completo, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 33 anos).
- *Acho muito bonita. Não sei se por ser músico, acho que tem uma musicalidade especial* (P161, Homem, 24 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 6

- anos).
- *A forma de falar arrastada e com o 'd' parece demais com o interior do CE* (P167, Homem, 26 anos, Ensino Superior incompleto, Assaré-CE, residente em Fortaleza-CE há 1 ano).
 - *Fala arrastado e cantando* (P181, Mulher, 63 anos, Pós-Graduação, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 42 anos).
 - *Sotaque arrastado próprio do interior* (P231, Mulher, 50 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).
 - *O som da letra T e D é mantido* (P233, Mulher, 42 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).

Existem comentários diretos sobre os fones [t,d] em que notam-se alguns critérios de avaliação como uma melhor inteligibilidade (P41, P68), proximidade à forma escrita (P25, P233) e pronúncia “fechada” ou “carregada” (P38, P66). Em relação aos padrões prosódicos, alguns participantes indicaram uma fala “arrastada” e “cantada” (P161, P167, P181, P231). A característica de “falar cantado” foi previamente analisada nessa pesquisa (cf. seção 6.2.3 deste trabalho) e nota-se que os participantes do Cariri em seu relato parecem apontar essa avaliação de seu padrão prosódico. Em relação ao “falar arrastado” não houve questionamento anterior direcionado a esse traço prosódico, assim, a avaliação foi aportada por parte dos próprios participantes.

6.4.1.5 Critérios de avaliação: dimensão de afeto à variante oclusiva e variedade do Cariri

A dimensão de afeto, nesta pesquisa pode ser vista na noção de sentimentos direcionados às variantes e variedades aqui estudadas. Desse modo, entendem-se os afetos nas dimensões positivas ou negativas do sentir. Vejam-se os relatos a variante oclusiva de /t, d/ diante de /i/ e variedade do Cariri:

- *Ela [a variedade do Cariri] me faz pensar: estou onde nasci* (P73, Homem, 60 anos, Pós-Graduação, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 42 anos, adaptado pela autora).
- Adoro o jeito de falar “di” (P82, Homem, 61 anos, Ensino Superior completo, Mauriti-CE, residente em Fortaleza-CE há 42 anos).
- *Sinto agonia* (P93, Mulher, 24 anos, Grau Técnico, Salvador-BA, residente em Fortaleza-CE há 2 anos).
- *É engraçado, diferente* (P101, Mulher, 19 anos, Ensino Superior incompleto, Acaraú-CE, residente em Fortaleza-CE há 1 ano e 2 meses).
- Acho que pela falta de contato e por não ter memória afetiva da maneira de falar do Cariri eu a estranhe (P109, Homem, 29 anos, Ensino Superior Completo, Vila Velha-ES, residente em Fortaleza-CE há 6 anos).
- *Acho carinhoso o jeito de falar do Cariri* (P113, Mulher, 48 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Eu acho fofo* (P120, Mulher, 21 anos, Ensino Médio completo, Fortaleza-CE / P52, Mulher, 24 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE).
- *Gosto do jeito que eles falam* (P129, Mulher, 45 anos, Ensino Médio completo, Fortaleza).
- *Soa uma forma mais informal e carinhosa, para mim* (P146, Homem, 39 anos, Pós-Graduação, Campina Grande-PB, residente em Fortaleza-CE há 30 anos).
- *Acho que transparece um jeito mais afetivo de falar* (P157, Mulher, 26 anos, Pós-Graduação, Osasco-SP, residente em Fortaleza-CE há 8 anos).
- *Reconheço meus afetos, minha família e a mim mesma nela* (P177, Mulher, 41 anos, Pós-Graduação, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 6 anos).

- *Sou do Cariri, então me remete sempre a estar em casa* (P201, Mulher, 30 anos, Ensino Superior completo, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 5 anos).
- *Eu tenho orgulho e acho que esse sotaque é uma marca registrada dos caririenses. Esse jeito de falar me faz lembrar daquela região tão rica do Ceará e me faz lembrar da minha origem* (P213, Mulher, 41 anos, Pós-Graduação, Mauriti-CE, residente em Fortaleza há 16 anos).
- *É meu jeito de falar. Minha raiz, e a amo* (P219, Homem, 30 anos, Ensino Superior incompleto, Crato-CE, residente em Fortaleza há 12 anos).

Nos relatos, percebe-se a predominância de relatos imbuídos do sentimento de pertencimento dos migrantes ao ter contato com a variedade do Cariri (P73, P201, P177, P213, P219), os participantes associam a variedade do Cariri cearense com sua identidade regional, apreço à cultura e memórias familiares. Assim, têm-se uma correlação da variedade linguística com a história de vida desses migrantes e seus sentimentos em relação a seu local de nascimento. Também se nota a forma associada com carinho (P113, P120, 157), sendo vista como mais intimista e terna. Por fim, notou-se os sentimentos apreciação (P82, P129) e de estranhamento (P93, P101, P109). Em relação a apreciação, essa foi identificada a partir de verbos como *gostar* e *adorar* no relato acerca da variedade. O estranhamento foi posto tanto no ponto de diferenciação, quanto de despertar a comicidade (*engraçado*) ou até mesmo mal-estar (*agonia*), neste caso possivelmente indicando uma severa rejeição à variedade do Cariri cearense e a variante oclusiva.

6.4.2 Relatos acerca da variante palatal – a fala de Fortaleza

Os relatos direcionados à variante palatal e a variedade de Fortaleza-CE foram pouco numerosos e, em geral, de dimensão curta, o que resultou em uma nuvem de palavras de dimensão e concentração de itens lexicais bastante inferiores comparadas com os resultados para a variante oclusiva e variedade do Cariri cearense (cf. seção 6.4.1). Vê-se abaixo:

6.4.2.1 Critérios de avaliação: identificação geográfica da variante palatal e variedade de Fortaleza

A avaliação da identidade geográfica dos estímulos com a variante palatal e da avaliação metalinguística da variedade de Fortaleza trouxe diferentes suposições de naturalidade do falante por parte dos participantes, até mesmo transcendendo o Nordeste.

- *Penso que essa pessoa seja da capital de algum estado nordestino* (P7, Mulher, 37 anos, Ensino Superior completo, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE a 23 anos).
- *Não. Sou daqui [de Fortaleza] desde que nasci e não acho estranho* (P13, Mulher, 51 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE, adaptado pela autora).
- *Eu acho normal e natural, talvez porque seja a mesma forma que eu falo e não acho nada demais* (P17, Mulher, 20 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE)
- *Estou mais acostumado, pois sou de Fortaleza. O som passa desapercibido* (P54, Homem, 33 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Parece ser uma pessoa que nasceu em região de capital no Nordeste ou não é nordestina* (P161, Homem, 24 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 6 anos).
- *Ela é de Fortaleza* (P178, Mulher, 52 anos, Pós-Graduação, Acopiara-CE, residente em Fortaleza-CE há 49 anos).
- *Ainda acho estranho (mesmo após 5 anos morando em Fortaleza), parece que mão é no CE e/ou NE* (P201, Mulher, 30 anos, Ensino Superior completo, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 5 anos).
- *Essa pessoa parece ser nordestina, porém sem o sotaque carregado do Interior* (P233, Mulher, 42 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).

Os relatos dos informantes apontam as seguintes identificações regionais Fortaleza

(P13, P17, P54, P178), capitais do Nordeste (P7, P161, P233) ou outras regiões do Brasil (P161, P201, P233). A identificação como pessoa das capitais do Nordeste pode ser associada que a palatalização é mais presente nos estados mais a oeste e sul da região, assim como a própria capital cearense. O apontamento do informante como nativo de outras regiões do país foi surpreendente, uma vez que todos os voluntários que produziram os estímulos eram ambos cearenses com histórico de residência apenas nas regiões do Cariri e Fortaleza, não havendo estabelecido residência fora do estado do Ceará, e instruídos a emular falas ora com a variante oclusiva ora palatal de /t, d/ diante de /i/, assim eles não devem apresentar variantes de outros dialetos que enviassem essa avaliação. Infere-se que a crença mais neutra em relação a nordestinidade da forma palatal (cf. seção 6.2.1) pode ser tão arraigada que apenas a produção desse traço possa influenciar a percepção de identidade regional e deslocá-la do Nordeste. Por sua vez, a identificação da identidade fortalezense era esperada principalmente pelos nativos da capital cearense. Algo semelhante ocorre em Oushiro (2015), em que o tepe é reconhecida como uma forma paulistana e a escuta do retroflexo marca uma fala do interior do estado, tida como “caipira”.

6.4.2.2 Critérios de avaliação: estética da variante palatal e variedade de Fortaleza

A avaliação estética é um quesito subjetivo de avaliação, tendo em vista a percepção da variante palatal como, por exemplo, “bonita” ou “feia”, e crenças de cada indivíduo. Vejamos os relatos abaixo:

- *Acho mais bonito a forma da pronúncia, mas acho a do cariri mais delicada e singela* (P7, Mulher, 37 anos, Ensino Superior completo, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE a 23 anos).
- *A pronúncia me parece mais doce e delicada, é bonito* (P51, Homem, 30 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza).
- *O “bom [d]ia” acho mais bonito em Fortaleza, enquanto “[t]ia” acho errado* (P84, Homem, 20 anos, Ensino Superior incompleto, Crato-CE, residente em Fortaleza-CE há 1 ano e meio, adaptado pela autora).
- *Acho o sotaque de Fortaleza muito bonito também* (P97, Mulher, 28 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE).

- *Uma não é mais correta do que a outra, mas no que diz respeito à percepção individual (preferência), o de Fortaleza é mais agradável* (P198, Homem, 32 anos, Pós-Graduação, Pacoti-CE, residente em Fortaleza-CE há 11 anos).
- *Quando eu era criança, achava esse jeito de falar de Fortaleza mais bonito, pois tinha vergonha do meu sotaque, mas hoje eu acho muito lindo [meu sotaque] e tenho orgulho de ainda ter um pouco desse sotaque do Cariri* (P213, Mulher, 41 anos, Pós-Graduação, Mauriti-CE, residente em Fortaleza-CE há 16 anos, adaptado pela autora).

Percebe-se a avaliação da forma palatal como bonita (P7, P51, P84, P97, P213) e agradável (P198). Há também avaliações à variedade do Cariri posta em contraste com as avaliações da variedade fortalezense, em que se nota atribuições de adjetivos como “delicado” e “singelo”, características de dinamismo social. Curiosamente, o participante P84 indicou aprovar a saudação “bom dia” palatalizada, mas não a palatalização de /t/, o que releva uma certa arbitrariedade da avaliação ou um possível indicativo de uma saliência entre a forma surda e a sonora que possa afetar a percepção dos fones, uma hipótese que pode ser testada em estudos futuros. Em relato anteriormente analisado, a participante P175 indicou esquivar o uso dessa saudação por suscitar atitudes linguísticas ao uso da variante oclusiva, o que leva à suposição de que talvez essa expressão recorrente seja especialmente alvo de sanções sociais.

A participante P213 indica uma troca de percepção ao longo de sua história de vida, em que inicialmente avaliava a variedade de Fortaleza como mais bonita que sua variedade de origem do Cariri cearense, hoje ela avalia sua pronúncia como “linda” e relata que sua visão de que não se acomodou totalmente a variedade da comunidade de fala fortalezense, o que indica a criação de crenças positivas e identificação com sua comunidade de origem (Mauriti-CE). Acredita-se que os relatos que trazem mudança da infância para vida adulta relacionam-se com um abrandamento de uma crença hegemônica de prestígio da forma de capital e valorização da norma de sua comunidade de origem.

6.4.2.3 Critérios de avaliação: noção de correção da variante palatal e variedade de Fortaleza

Os critérios de correção são definidos pela noção de adequação gramatical e normativa das variantes. Houve, assim como na avaliação da forma oclusiva (cf. seção 6.4.1.3), uma predominância de relatos de pessoas nativas do Cariri cearense, veja-se abaixo:

- *Os fortalezenses fazem o som diferente da escrita da palavra* (P91, Mulher, 35 anos, Pós-Graduação, Juazeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza há 10 anos).
- *É uma forma tida como correta pela maioria das pessoas em fortaleza* (P162, Homem, 19 anos, Ensino Superior incompleto, Crato-CE, residente em Fortaleza há 16 anos).
- *Errado* (P178, Mulher, 52 anos, Pós-Graduação, Acopiara-CE, residente em Fortaleza-CE há 49 anos).
- *Como caririense eu costumo brincar dizendo que não existe “x” depois do “t” nem “j” depois do “d”. Mas a verdade é que estou aqui há tanto tempo que normalizei* (P219, Homem, 30 anos, Ensino Superior incompleto, Crato-CE, residente em Fortaleza há 12 anos).

Nos relatos há uma crença da forma palatal como inadequada (P91, P178 e P219) por falantes nativos do Cariri cearense e o apontamento que a forma palatal é vista como adequada em Fortaleza (P162). O argumento predominante é da relação entre escrita e pronúncia das palavras, destaca-se a ressalva do participante P219 que afirma que o tempo de migração, superior a uma década, influenciou na naturalização da variante palatal de /t/ e /d/ diante de /i/, o que pode algum nível de assimilação a comunidade fortalezense.

6.4.2.4 Critérios de avaliação: critérios estilísticos, prosódicos e de inteligibilidade da variante palatal e variedade de Fortaleza

Os participantes realizaram avaliações minuciosas em relação às características sonoras e prosódicas da palatalização e da variedade fortalezense, o que indica que esse fenômeno fonético pode estar acima do nível de consciência dos falantes previamente à esta pesquisa.

- *Parece chiado* (P25, Homem, 25 anos, Pós-Graduação, Curitiba-PR, residente em Fortaleza-CE há 10 anos).
- *O som fica mais aberto* (P38, Mulher, 33 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).

- *Parece "tchia" e "djia"* (P41, Mulher, 41 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *O som da pronúncia das palavras soa mais metalizada e anasalada* (P56, Homem, 53 anos, Grau Técnico, Fortaleza-CE).
- *Acho mais "natural" pois estou mais acostumado a esse sotaque* (P66, Homem, 22 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Acho que a gente destoa dos demais estados, que pronunciam as letras conforme seus fonemas. A pronúncia na capital traz letras a mais após a consoante. Fica um som de "tch", como em "tchau"* (P85, Mulher, 34 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).
- *Não, para mim é natural, apesar de não ser natural daqui* (P93, Mulher, 24 anos, Grau Técnico, Salvador-BA, residente em Fortaleza-CE há 2 anos).
- *Fala chiada e cantada! Entonação mais espadada e anasalada* (P193, Mulher, 43 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).
- *Há um chiado, uma sibilância no jeito de falar* (P196, Homem, 30 anos, Ensino Superior incompleto, Limoeiro do Norte-CE, residente em Fortaleza-CE há 13 anos).
- *Acredito que deva ter uma explicação sobre colonização do estado que justifique o "chiado" tão expressivo no sotaque* (P225, Mulher, 37 anos, Ensino Superior incompleto, Juazeiro do Norte, residente em Fortaleza a 3 anos).
- *Mais normal, com menos sotaque* (P231, Mulher, 50 anos, Pós-Graduação, Fortaleza-CE).
- *O som do T e do D é alterado como se fosse colocado uma letra a mais para modificar o som* (P233, Mulher, 42 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).
- *Não tem sotaque* (P136, Mulher, 47 anos, Ensino médio completo, Crateús-CE,

residente em Fortaleza-CE há 37 anos).

Dos relatos, destaca-se a avaliação indicando a adição de fonema "chiado" (P25, P41, P85, P193, P193, P225, P233) e a variedade de Fortaleza como sem (ou "menos") sotaque e natural (P66, P93, P136, P231). Os participantes foram capazes de descrever com relativa acurácia o fenômeno da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/, inclusive com a descrição de um som aberto (P38), pois é fato forma africada permite uma maior passagem de ar que a variante oclusiva que parte de uma constrição seguida de explosão. A avaliação da forma como mais natural pode justificar-se como o reconhecimento dos padrões estilísticos e prosódicos da capital e mais assimilados pelos falantes da região.

Existiram comentários que fogem do escopo da palatalização como o apontamento da nasalização (P56, P193), fenômeno realmente produtivo na fala de Fortaleza, como também no Nordeste brasileiro e o apontamento da característica prosódica "falar cantado" (P193), que nesta pesquisa foi mais atribuído ao falar cariense (cf. seção 6.2).

6.4.2.4 Critérios de avaliação: dimensão de afeto à variante palatal e variedade de Fortaleza

A dimensão de afeto, como estabelecido, traz avaliações que tangem expressões de sentimento por parte dos participantes.

- *Por morar em Fortaleza ao ouvir soa mais familiar* (P11, Mulher, 20 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE).
- *Ela me faz pensar: estou onde moro* (P73, Homem, 60 anos, Pós-Graduação, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 42 anos).
- *Acho legal essa fonética, principalmente quando ela é combinada com expressões típicas das regiões periféricas de Fortaleza* (P161, Homem, 24 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza -CE há 6 anos).
- *Acho engraçado que o sotaque de um mesmo estado seja diferente* (P164, Homem, 25 anos, Ensino Superior Completo, Barbalha-CE, residente em Fortaleza-CE há 3 meses, apontou haver residido em Fortaleza também por um período da infância).

- *Tornou-se mais familiar, usual, para mim* (P146, Homem, 39 anos, Pós-Graduação, Campina Grande-PB, residente em Fortaleza-CE há 30 anos).
- *Acho que meio uma forma de consumo de outras regiões. Quase imitações do Sul* (P167, Homem, 26 anos, Ensino Superior incompleto, Assaré-CE, residente em Fortaleza-CE há 1 ano).
- *Sinto um sotaque sem muita característica regional como uma tentativa de neutralizar suas raízes* (P171, Mulher, 33 anos, Pós-Graduação, São Paulo-SP, residente em Fortaleza-CE a 3 anos e indicou já haver vivido na região de Juazeiro do Norte-CE).

Nota-se predominantemente a ideia de familiaridade e pertencimento em relação à comunidade de fala de Fortaleza e, conseqüentemente, a cidade de Fortaleza (P11, P73, P146). Em seguida, nota-se interesse (P161, P164), nessa consideram-se a ideia de achar algo “legal” ou “engraçado”, indicando curiosidade em relação à variante.

Por fim, têm-se a desaprovação (P167, P171) apontada por pessoas do Cariri ou com histórico de residência na região. Para esses participantes, a variante palatal não é característica do Nordeste brasileiro, sendo caracterizada como negação da região e imitação do sul do país. A forma palatal é produtiva em outros estados no Nordeste do Brasil, desse modo, pensa-se que o ponto de vista dos participantes pode ser baseado na diferença dialetal norte-sul do Ceará e estados vizinhos, assim como o fato de Fortaleza ser uma metrópole e passível de aproximação a uma cultura hegemônica ocidental globalizada.

6.4.3 Critérios de incentivo ao respeito à variação linguística

Os relatos de incentivo ao respeito à variação linguística foram recorrentes nos comentários destinados a ambas as variedades, assim como houve uma tendência por parte dos participantes que realizaram essa avaliação de repetir os argumentos, até mesmo copiando o mesmo comentário em outras perguntas.

- *Sei que é uma variação fonética* (P24, Homem, 46 anos, Pós-Graduação, Pedra Branca-CE, residente em Fortaleza-CE há 44 anos).
- *Acho ambos [modos de falar] corretos* (P36, Mulher, 18 anos, Ensino Superior

incompleto, Fortaleza-CE, adaptado pela autora).

- [...] *Cada local tem seus modos de falar e culturas diversificadas* (P90, Homem, 18 anos, Ensino Médio completo, Fortaleza-CE).
- *Ambas as formas são bonitas e corretas* (P99, Homem, 55 anos, Pós-Graduação, Uruçuí-PI, residente em Fortaleza-CE há 28 anos).
- *Independente da pronúncia devemos respeitar os diversos sotaques referidos a cada região* (P103, Mulher, 25 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza).
- *Temos que respeitar o dialeto de cada local* (P134, Mulher, 60 anos, Pós-Graduação, Barro-CE, residente em Fortaleza há 55 anos).
- *Não há necessidade de abrir pautas sobre discussões como essa: qual sotaque é mais bonito ou correto. Todo o nosso meio é diverso, quanto mais o Brasil por ser um país miscigenado* (P208, Homem, 21 anos, Ensino Superior incompleto, Fortaleza-CE).
- *Não. Acho lindo os dois [sotaques]. O que prevalece para mim é a cordialidade de se dar bom dia* (P236, Mulher, 44 anos, Pós-Graduação, Fortaleza, adaptado pela autora).
- *São apenas sotaques diferentes, não é melhor ou pior* (P239, Mulher, 25 anos, Ensino Superior completo, Fortaleza-CE).

As avaliações de incentivo ao respeito da variação linguística têm em comum o reconhecimento da diversidade linguística e noções de equidade das formas variantes, indicando que não existe uma forma mais adequada, correta ou mais bonita. A variação também é relacionada com a diversidade cultural do Brasil e diferenças regionais. A participante P236 indica que outras atitudes linguísticas e sociais são mais salientes para ela na avaliação de um interlocutor, como a cordialidade e utilização de saudações, fato que corrobora com o entendimento da complexa rede de significados sociais que podem ser suscitados numa interação a partir das crenças pré-existentes de um falante.

6.4.5 Relatos de resistência à acomodação linguística

Esta pesquisa se debruça sobre a avaliação, não sobre a fala dos participantes, com isso, sabe-se que não é adequado realizar inferências sobre os padrões de fala de uma pessoa a partir de sua autoavaliação, pois as crenças dos falantes sobre seu próprio uso tendem a não ser acuradas e partir em direção a suas crenças dos usos mais adequados (Labov, 2008 [1972]).

- *[...] Me orgulho, pois apesar de estar morando em Fortaleza há mais de 5 anos, continuo com meu sotaque* (P161, Homem, 24 anos, Pós-Graduação, Crato-CE, residente em Fortaleza -CE há 6 anos).
- *É a forma que eu falo e irei falar pelo resto da minha vida* (P190, Não-binário, 24 anos, Ensino Superior incompleto, Barbalha-CE, residente em Fortaleza há 1 ano).

Os participantes P161 e P190 afirmam não haver se acomodado à variedade de Fortaleza. Enquanto o primeiro indica que o período de migração não alterou seu sotaque, o segundo projeta sua crença para os anos seguintes e afirma que não pretende se acomodar a variedade fortalezense. Isso traz uma resposta ao questionamento de Guy (2000) se os falantes desejam se acomodar a variante da nova comunidade, neste caso, uma resposta negativa. Veja-se, por fim, o relato da participante P213:

- *Eu sempre que escuto alguém falando perto de mim e identifico o sotaque do Cariri, pergunto logo se a pessoa é de lá e digo que nasci no Mauriti. Tenho muito orgulho e fico triste, pois estou perdendo esse jeito de falar e me aproximando mais do sotaque de Fortaleza. Mas sempre escuto meus irmãos no WhatsApp e percebo que o sotaque deles é bem carregado* (P213, Mulher, 41 anos, Pós-Graduação, Mauriti-CE, residente em Fortaleza há 16 anos).

A falante descreve reconhecer conterrâneos a partir do seu sotaque e ter a atitude de perguntar o local de nascimento e compartilhar a informação de sua naturalidade. Ao contrário dos participantes anteriores, a P213 afirma estar se acomodando à fala fortalezense e avalia seu processo de acomodação na dimensão afetiva de orgulho e tristeza. Devido ao relato da percepção da fala dos seus irmãos e autoavaliação sobre sua produção, acredita-se que essa é uma questão anterior ao momento da pesquisa e com efeitos psicológicos e sociais na vida da

participante. Garret (2010) afirma que

A presença de diretrizes explícitas e crenças compartilhadas sobre normas pode prescrever ou delimitar mudanças acomodativas, mas, além disso, os falantes que se identificam fortemente com um grupo saliente têm mais probabilidade de manter seus padrões de comunicação normais ou se afastar dos membros de grupos externos para enviar sinais claros sobre sua identidade e lealdades (GARRET, 2010, p. 110).²⁷

Esta pesquisa apontou que o fenômeno variável da realização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/ indexa diversos significados sociais e metalinguísticos, sendo a realização oclusiva [t, d] altamente saliente na capital cearense. Desse modo, conclui-se que as crenças e atitudes linguísticas exercem um papel no processo de acomodação, principalmente em uma atitude de rejeição à acomodação, e subsequente diferenciação, por falantes nativos do Cariri residentes em Fortaleza que se identificam, admiram e relatam lealdade a sua terra de nascimento.

²⁷ No original: The presence of explicit directives and shared beliefs about norms can prescribe or delimit accommodative shifts but, in addition, speakers who identify strongly with a salient ingroup are more likely to maintain their normal communication patterns or diverge from outgroup members to send out clear signals about their identity and loyalties (Garret, 2010, p. 110).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se debruçou sobre as Crenças e Atitudes acerca da realização oclusiva e palatal de /t/ e /d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza-CE com o objetivo de investigar os significados sociais atrelados ao fenômeno em variação. O Ceará é marcado por uma predominância da palatalização no norte do estado, com ênfase na macrorregião de Fortaleza, e a realização oclusiva ao sul, com destaque a região do Cariri, com um *continuum* de maior realização das oclusivas quanto mais ao sul do estado. A capital Fortaleza, devido à migração temporária ou definitiva de pessoas de outras regiões do estado para ela, apresenta o contato dialetal de ambas as variantes, o que pode ocasionar Crenças e Atitudes linguísticas em relação a essa variável. Desse modo, este trabalho teve como objetivo investigar as Crenças e Atitudes no contexto de contato dialetal por pessoas residentes em Fortaleza-CE e possíveis influências dessas sobre a aquisição de um segundo dialeto da mesma língua.

O teste de percepção desdobra-se em variáveis discretas (listas de características), variáveis ordinais (nível de nordestinidade, nível de sotaque e nível de “falar cantado”). O teste contou com a técnica de *pseudo-matched guise*, que emulava estímulos equiparáveis em temática e organização gramatical, ora emulando a variante oclusiva, ora a variante palatal de /t, d/ diante de /i/. Para avaliação, consta o teste de atitudes sociais percebidas e de avaliação metalinguística. Ao final das seções do questionário existiam caixas de texto em que opcionalmente o participante expressasse suas opiniões, vivências acerca do fenômeno estudado e até opiniões sobre a pesquisa, resultando em ricos relatos pessoais úteis a descrição do fenômeno aqui estudado e a reflexão a metodologia do questionário.

A análise dos dados foi realizada por meio do *software* R, permitindo a elaboração de análises de estatística descritiva, como tabelas e gráficos de frequência e proporção, nuvem de palavras e árvores de distâncias mínimas, bem como análises de estatística inferencial, neste caso, modelos de regressão logística ordinal com efeitos mistos.

Uma ponderação a esta pesquisa são as metodologias de avaliação de estímulos de áudio, obrigando o pesquisador a ponderar sobre vantagens e desvantagens, bem como o fato de que estímulos gravados em laboratório apresentam um alto controle experimental (ruídos de fundo, recorte das variantes fonético-fonológicas, qualidade de gravação *etc*), mas perdem naturalidade da fala e podem soar artificiais e manipulados. A escolha por voluntários para mesclarem técnicas do *matched-guise* e *verbal guise* acaba por reproduzir vantagens e desvantagens de ambos os métodos. Aproveitou-se a maior naturalidade da fala ao reproduzir sua variante mais usual e sua habilidade de emular a variante de outra variedade, contudo existe

o risco de os voluntários serem descobertos como a mesma pessoa utilizando de duas variantes em momentos distintos. Acredita-se que a metodologia de *pseudo-matched guise* pode ter aproveitado o controle experimental do *matched-guise*, mas sem a rigidez dos estímulos serem necessariamente idênticos a exceção da variante-alvo, podendo aproximar o participante da experiência de escuta de pessoas reais em contextos autênticos.

Os resultados indicam, para a lista de características, as variáveis discretas, os resultados gerais do teste de *pseudo-matched guise* indicam, em linhas gerais, que a *persona* falante da variante oclusiva de /t/ e /d/ diante de /i/ é avaliada como: sincera, trabalhadora, amigável, gentil, humilde, ligada à família, simpática e hospitaleira. Por sua vez, a *persona* falante da variante palatal foi avaliada como prática, inteligente, educada, confiável e independente. Desse modo, a variante oclusiva é associada a características de dinamismo social enquanto a variante palatal características de *status*.

As variáveis ordinais: nível de nordestinidade, nível de sotaque e nível de falar cantado foram submetidas a modelos de regressão ordinal com efeitos mistos e indicaram significativa a avaliação da forma oclusiva em relação à forma palatal ($p < 0,05$). Percebe-se que a atribuição da nordestinidade é afetada positivamente pelo gênero masculino dos participantes, contudo, é negativamente influenciada pela interação entre o gênero masculino e idade desses, indicando que quanto maior a idade, menor a atribuição da característica. Para os migrantes, a influência negativa para atribuição de nordestinidade foi observada para os motivos de migração: estudo e trabalho. No que diz respeito à atribuição de sotaque, foi significativa a menor concordância para as variáveis gênero masculino e naturalidade do Cariri. Para este grupo de migrantes, a maior concordância com atribuição de sotaque com os estímulos de variante oclusiva foi o grupo que migrou por motivos familiares, por sua vez, o tempo de migração apresentou uma influência negativa, em que quanto mais anos ocorreram desde a migração, menor a atribuição de sotaque. Por fim, ao considerar o "falar cantado", a maior concordância foi influenciada pelo nível de escolaridade (Ensino Médio) e pela idade do participante, já o gênero masculino influenciou negativamente na atribuição dessa característica prosódica. Em relação aos migrantes do Cariri, notou-se uma influência negativa do tempo de migração em anos e um efeito positivo para os que possuem mais de 2/3 da vida como migrantes e os que migraram por motivos de estudo.

Em relação à avaliação metalinguística, os informantes apontam, para noção de correção gramatical, que não acreditam que há uma variante mais correta entre a oclusiva e a palatal (73,33%). Em critérios de avaliação estética, 42,35% acreditam que a variante do Cariri é mais bonita do que a de Fortaleza. Por outro lado, quando perguntados sobre preconceito

linguístico contra os falantes do Cariri em Fortaleza, 65,88% responderam afirmativamente. As atitudes mais comuns percebidas em relação à variante do Cariri incluem elogios, imitações e piadas.

Com isso, nota-se que a forma oclusiva de /t, d/ diante de /i/ é alvo de preconceito linguístico e social, podendo ser caracterizada como um estereótipo devido a sua alta saliência e presença de comentários metalinguísticos. A *persona* Fortalezaense é vista com características de *status* social, enquanto a *persona* do interior cearense é vista com características de dinamismo e associações a uma cultura do sertão brasileiro, contrapondo uma visão da capital cosmopolita e do sertanejo regionalista. Nota-se a influência de fatores sociais dos participantes como gênero, idade, escolaridade e perfil do migrante sobre as avaliações, reforçando o pressuposto que as avaliações linguísticas são permeadas por relações sociais de crenças compartilhadas em uma comunidade de fala. Acredita-se que a presença de avaliações que estigmatizam o falante do interior cearense que utiliza a variante oclusiva pode influenciar o processo de aquisição de segundo dialeto, ocasionando em pressões sociais para que o falante se acomode à variante da capital para assimilar-se à comunidade linguística local e assimilar os significados sociais de prestígio arraigados a variante palatal. Contudo, observou-se também o movimento de resistência a acomodação linguística, em que os participantes migrantes do Cariri cearense indicaram manter a realização oclusiva (o que só pode ser confirmado por meio de entrevistas sociolinguísticas), um forte apreço por suas marcas dialetais e um desejo de conservação de sua variedade original em respostas as pressões para acomodação a variedade fortalezense.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para os estudos que enfocam no significado social da língua, preconceito linguístico, aquisição de um segundo dialeto da mesma língua e acomodação. Os estudos de crenças e atitudes linguísticas relevam a gama de significados indexados que podem associar-se a um fenômeno de variação e estudá-lo na situação de contato linguístico de diferentes dialetos de uma mesma língua ainda é extremamente escasso na literatura sociolinguística, ainda que um mundo cada vez mais conectado e com ampla mobilidade urbana torne o contato dialetal uma realidade cada vez mais frequente. Desse modo, convida-se o pesquisador a enfrentar o desafio de expandir os recursos teórico-metodológicos para lidar com a complexidade da variação na contemporaneidade e ter em vista a dimensão social da língua.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadette Marques; PAGOTTO, Emílio Gozze. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadette Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. (orgs.). **Gramática do Português Falado** - Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. v. 8, p. 557-601.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo**: abordagem prévia. 1979. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- ALVES, Giovanni Antonio Pinto. **Trabalho e Subjetividade**: O metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. Unesp: Marília, 2008. Disponível em: <https://incubadorasocialpuers.files.wordpress.com/2013/12/trabalho-e-subjetividade.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.
- AMORIM, André. **A percepção da palatalização das oclusivas dentais por ouvintes pessoenses**. 2017. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Curso de Letras – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3301/1/AWDA01122017.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.
- AMORIM, André; NASCIMENTO, Ingrid; HENRIQUE, Pedro; HORA, Dermeval da. O efeito do estilo na palatalização das oclusivas dentais. **Revista prolingua**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 159-172, mai./ago. 2019a. ISSN: 1983-9979. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/48993>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- AMORIM, André; HORA, Dermeval da; NASCIMENTO, Ingrid; HENRIQUE, Pedro. Variação e mudança linguística intrafalante: um estudo de painel sobre a palatalização das oclusivas dentais. **Revista Moara**, Belém, v. 1, n. 54, p. 280-296, ago./dez. 2019b. ISSN: 0104-0944. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8068>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- ANDRETA, Rachel Loureiro; CAMPOS, Rosana Soares. Base da pirâmide social brasileira? O perfil dos trabalhadores terceirizados no contexto dos anos. **Revista da ABET**, João Pessoa, v. 14, n. 2, Jul./ Dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/27952>. Acesso em: 17 set. 2023.
- AUDACITY TEAM. **Audacity®**: Free Audio Editor and Recorder, 2023. Disponível em: www.audacityteam.org. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BASTOS JUNIOR, Paulo Roberto de Oliveira. **Elicitação de requisitos de software através da utilização de questionários**. 2005. 87 p. Dissertação (Mestrado em Informática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em: <https://www-di.inf.puc-rio.br/~julio/Dissertacao-paulo.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

BATTISTI, Elise; HERMANS, Ben. Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos. **Linguística**, v. 32, n.1, Montevideo, jun. 2016. doi: 10.5935/2079-312X.20160004.

BAGNO, Marcos. **O preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). **Atlas Linguístico do Ceará: V.I Introdução**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010a.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). **Atlas Linguístico do Ceará: V.II – Cartogramas**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010b.

BISOL, Leda; OLIVEIRA, Dermeval da Hora. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 5, p. 25-40, jan./jun. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11447>. Acesso em: 22 jul. 2022.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**. 2000. 118p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2000.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Londres: George Allen & Unwin LTD., 1933.

Boersma, Paul; Weenink, David. Praat: Software para análise acústica de sinais de fala. Versão 6.1.62, 2023. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em:

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum**, Londrina, v. 18, n.1, p. 102-131, 2015. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BRASIL. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diário oficial da união, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 de maio de 2013. Seção 1, n. 112, p. 59-62.

BRASIL. **Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016**. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 de maio de 2016, Seção 1, p. 44-46.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 15 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados)**. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014. Brasília, Presidência da República, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13709.htm. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASILEIRO FILHO, Ismael de Oliveira. **Estado de Graça: o humor cearense como dimensão da economia criativa e em prol do desenvolvimento local**. 2010. 83 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2010. Disponível em: <https://www.uece.br/wp->

content/uploads/sites/49/2019/10/Ismael-de-Oliveira-Brasileiro-Filho.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

BRITAIN, David. Contact and Dialectology. In: HICKEY, Raymond (org.). **The Handbook of Language Contact**. 2010. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMPBELL-KIBLER, Katheryn. The nature of sociolinguistic perception, **Language Variation and Change**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 135-156, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/nature-of-sociolinguistic-perception/9270F584ED6A25C1870867B38B380F61>. Acesso em: 10 out. 2021.

CARDOSO, Suzana Alice. *et al.* (orgs.). **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice. *et al.* (orgs.). **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2 (Cartas linguísticas 1). Londrina: EDUEL, 2014b.

CEARÁ CULTURAL. História do Ceará. Fortaleza: Arquivo Ceará Cultural, 2022. Disponível em: <https://cearacultural.com.br/gente/historia-do-ceara.html>. Acesso em: 26 nov. 2022.

CHOMSKY, Avram Noam. Biolinguística y capacidad humana. Bogotá, **Forma y Función**, n. 19, p. 57-72, 2006. ISSN: 0120-338X.

COSTA, Juliana Araujo. **Riso, humor e molecagem cearense: políticas de incentivo e valorização à cultura humorística**. 2015. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública) – Curso de Especialização em Gestão Pública, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção. 2015. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/343/1/Juliana%20Araújo%20Costa.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

CRATO. **O município**: dados do Município. Crato: Prefeitura do Crato, 2022. Disponível em: <https://crato.ce.gov.br/omunicipio>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; BARBOZA, Clerton; GUIMARÃES, Daniela; NASCIMENTO, Katiene. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2744/0>. Acesso em: 02 dez. 2021.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2021.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: Roteiro de estudos e guia de exercícios**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Brasília: Editora Unb, 2014 [1902].

DACOREGIO, Cintia de Sousa. **As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua**. 2021. 104p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/4994/1/DACOREGIO.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

DRAGOJEVIC, Marco; GOATLEY-SOAN, Sean. The Verbal-Guise Technique. In: KIRCHER, Ruth; ZIPP, Lena (orgs.). **Research Methods in Language Attitudes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, p. 203-218. doi:10.1017/9781108867788.

DUTRA, Eduardo de Oliveira. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí no Rio Grande do Sul**. 2007. 133 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1875>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DURKHEIM, Émilie. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002 [1895].

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/IndexicalField.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, [S.l.], v. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-092611-145828#:~:text=The%20treatment%20of%20social%20meaning,gender%2C%20ethnicity%2C%20and%20ag>. Acesso em: 01 nov. 2021.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. (orgs.). **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FEPOINCE. **Povos Indígenas no Ceará**. [s.l.]: Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará (FEPOINCE), 2022. Disponível em: <https://www.fepoince.org/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

FORTALEZA. **Prefeitura de Fortaleza inicia transição da nova territorialização de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, 2021. Disponível em: https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/0001/07_01_2021_MAPA-NOVAS-REGIONAIS.pdf. Acesso em: 8 mar. 2021.

FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos "nós" e quem é "a gente"? Uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. In: VIANA; RAKEL Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe Macedo de (orgs.). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 124-142. doi: 10.31560/pimentacultural/2020.985.124-142.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **ALFA**, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907>. Acesso em: 30 out. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTOS; Adelmise. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (orgs.). **A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 109- 122.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; NETO, Antônio Félix de Sousa; CÔRREA, Thais Regina Andrade. Panorama da palatalização em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; SANTOS, Elisângela Santana dos; CARVALHO, Cristina dos Santos. **Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas, Fim Comum**. São Paulo: Blucher, 2019, p. 63-80.

GARRETT, Peter. **Attitudes to Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GILES, Howard; COUPLAND, Nikolas; COUPLAND, Justine. **Contexts of Accommodation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GRIES, Stephan Th. **Estatística com R para a Linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019.

GURGEL, Ana Paula Campos. Entre serras e sertões nasce uma região metropolitana: o Crajubar-Ceará sob o ponto de vista de suas centralidades. **Desenvolvimento Regional em Debate**, Canoinhas, v.2, n.2, p. 182-204, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/274>. Acesso em: 13 set. 2023.

GURGEL, Ana Paula Campos. Entre a capital e o interior. Três nuances da metropolização no estado do Ceará: Fortaleza, Crajubar e Sobral. **RECHST**, Uruaçu, v.8, n.1, p.3-23, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://revista.fasem.edu.br/index.php/fasem/issue/view/22>. Acesso em: 13 set. 2023.

HENRIQUE, Pedro; HORA, Dermeval da. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. In: **Anais do Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE**, v.24, Natal, RN, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/areas%20tematicas/Sociolingu%C3%ADstica%20e%20Dialetologia/Pedro%20Felipe,%20Dermeval%20da%20Hora-%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20A%20PALATALIZA%C3%A7%C3%A3o%20das%20oclusivas%20dentais%20no%20vern%C3%A1culo%20pessoense.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

HORA, Dermeval. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não linear. **DELTA**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 175-193, 1993. ISSN: 1678-460X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45508>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HORA, Dermeval; HENRIQUE, Pedro; AMORIM, André. Produção e percepção: o processo de palatalização em jogo. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 280-296, jul./dez. 2018.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/18269>. Acesso em: 02 dez. 2021.

HUBACK, Ana Paula. Variação linguística e pronúncia em cursos elementares de português como língua estrangeira. *ALFA*, São Paulo, v.66, e14025, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/SxMQF5KT8HffWgPhBYyw5HS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2023.

CABRAL, Umberlândia. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021**. Agência IBGE Notícias: PNAD contínua — Estatísticas Sociais, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021> - ~:text=O número de pessoas abaixo,50,1%25 em 2012. Acesso em: 14 set. 2023.

IBGE. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em: 25 nov. 2023.

IBGE. **Atlas escolar**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2023. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/mapas-atlas/mapas-do-brasil>. Acesso em: 23 mar. 2023.

IPECE. Inserção feminina no mercado de trabalho do Ceará: avanços e persistência das diferenças entre gêneros. Fortaleza, **Enfoque Econômico - IPECE**, n. 61, mar. 2013.

IPECE. **As regiões de planejamento do estado do Ceará (Textos para Discussão - n. 111)**. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), 2015. ISSN: 1983-4969. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2014/02/TD_111.pdf. Acesso em 25 nov. 2022.

IPECE. **Ceará em números**. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), 2021a. ISSN: 1983 - 4942. Disponível em: http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ceara_em_numeros/2020/completa/Ceara_em_Numeros_2020_.pdf. Acesso em 25 nov. 2022.

IPECE. **Indicadores Sociais do Ceará**. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), 2021b. ISSN: 1983-4934.

IPECE. **Painel de Indicadores Sociais e Econômicos: Os 10 maiores e os 10 menores municípios cearenses 2021**. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), 2021c. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2022/01/Painel_Indicadores_2021.pdf. Acesso em: 21 mar. 2023.

KIRCHER, Ruth; ZIPP, Lena. An Introduction to Language Attitudes Research. *In*: KIRCHER, Ruth; ZIPP, Lena (orgs.). **Research Methods in Language Attitudes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, p. 1-16. doi:10.1017/9781108867788.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Austin, **Sociolinguistic Working Papers**, v. 44, 1978.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, Keyla Christina. **Migração e seletividade no mercado de trabalho de Fortaleza: uma análise empírica**. Fortaleza: IPECE, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAMBERT, Wallace E.; HODGSON, Richard C.; GARDNER, Robert; FILLENBAUM, Stanley. Evaluational reactions to spoken languages. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, [S.l.], v. 60, p. 44-51, 1960.

LIMA, Fabiana. **Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE)**. 2019. 333 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Doutorado Interinstitucional UFC/URCA, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51759>. Acesso em: 23 jul. 2022.

LOUREIRO-RODRÍGEZ, Verónica; ACAR, Elif Fidan. The Matched-Guise Technique. *In*: KIRCHER, Ruth; ZIPP, Lena (orgs.). **Research Methods in Language Attitudes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, p. 185-202. doi:10.1017/9781108867788.

MAURI, Cristina. **Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forqueta, Caxias do Sul (RS)**. 2008. 78 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/319>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MICHAELIS ON-LINE. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MENDES, Ronald Beline; OUSHIRO, Livia. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **ALFA**, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4942>. Acesso em: 01 dez. 2021.

MOTA, Jacyra. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB: In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (orgs.). **A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 59-73.

OLIVEIRA, Aline Parente. **Mundo das mulheres no mercado de trabalho em Fortaleza/CE**. 2007. 110 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 390 p. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo, FFLCH/Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/pt-br.php>. Acesso em: 01 dez. 2021.

OUSHIRO, Livia. Múltiplas variáveis na fala de nordestinos residentes em São Paulo. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina.; MONARETTO; Valéria Neto de Oliveira. (orgs.). **Sociolinguística no Brasil: textos selecionados**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2020, v. 1, p. 121-153.

OUSHIRO, LIVIA. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, p. 318-336, 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OUSHIRO, Livia. A computational approach for modeling the indexical field. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14738>. Acesso em: 03 dez. 2021.

PONTES, Paulo Araújo; VIANNA, Pedro Jorge Ramos; Holanda, Marcos Costa. **A política de atração de investimentos industriais do Ceará: uma análise do período 1995-2005** (Texto para discussão n. 26). Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), 2006.

PRADO, Ana Gabriela Barbosa. A influência da baixa estatura sobre as representações psicossociais. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 50-60, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v2/v2a06.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

PREVICRATO. **Dados socioeconômicos de Crato**. Crato: Fundo de Previdência Social do Município do Crato-CE (PREVICRATO), 2019.

RIBEIRO, Cristiane.; CORRÊA, Thaís. Avaliação social da palatalização de /t, d/ em Sergipe. **A cor das letras**, Feira de Santana, v. 19, n. Especial Dossiê: VII Encontro de Sociolinguística, p. 108-123, mar. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2862#:~:text=O%20estudo%20das%20atitudes%20lingu%C3%ADsticas,lingu%C3%ADsticos%20inerentes%20a%20uma%20comunidade.&text=Este%20foi%20um%20estudo%20piloto,da%20palataliza%C3%A7%C3%A3o%20regressiva%20e%20progressiva>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SABINO, Lia Pereira. **"Qual é teu interior?"**: uma investigação sobre cidade, memória e identidade em Fortaleza. 2021. 115 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40536>. Acesso em 10 jun. 2022.

SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense (Alicace)**. 2019. 410p. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza. 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/49262>. Acesso em: 03 dez. 2021.

SEADE. **Indicadores socioeconômicos** (Ceará). São Paulo: Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), 2022.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**: 2o período. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. ISBN: 978-85-61482-38-1.

SIGEL, Jeff. **Second dialect acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SILVA, Jonas Passos da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Dia ou Djia: um caso da variação de /t/ e /d/ diante da vogal /i/ nos falares paulistas em *corpus* do atlas linguístico do Brasil. *In*: Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas - SEPECH, 8., 2010, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Eduel, 2010, p. 1053-1066. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/sepech/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SILVA, Mikaylson Rocha da. **Contato dialetal**: atitudes do falar paraibano em São Paulo. Dissertação. 2016. 119 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11632?locale=pt_BR. Acesso em: 30 jul. 2022.

SOUZA, Gládisson. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. 2016. 76p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5843>. Acesso em: 10 jun. 2022.

TAGLIAMONTE, Sali A.; MOLFENTER, Sonja. How'd you get that accent?: Acquiring a second dialect of the same language. **Language in Society**, [s.l.], v.36, n.05, 2007. doi: 10.1017/s0047404507070911.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

VITÓRIO, Elyne. Acessando o significado social da palatalização /t, d/. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 208-226, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/32356>. Acesso em: 02 dez. 2021.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ DIANTE DE /i/ EM FORTALEZA-CE

Pesquisador: MAYLLE LIMA FREITAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68403223.0.0000.5054

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.003.628

Apresentação do Projeto:

Este projeto se propõe a investigar as crenças e atitudes linguísticas acerca da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/, resultando nas africadas [t] e [d] na comunidade de fala de Fortaleza-CE sob os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Será realizado um estudo com abordagem quali-quantitativa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

-Investigar crenças e atitudes linguísticas acerca da palatalização, ou não palatalização, dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ por falantes cearenses residentes em Fortaleza-CE à luz da sociolinguística variacionista, com ênfase no significado social da variação linguística.

Objetivo Secundário:

(1) Identificar, por meio de testes de reação subjetiva, possíveis significados sociais atrelados ao fenômeno variante da palatalização das oclusivas

alveolares /t/ e /d/ diante de /i/, em vias de flagrar crenças e atitudes relacionadas ao uso das variantes;

(2) Investigar as identidades sociais

atreladas às variantes linguísticas, possíveis estereótipos linguísticos e sociais acerca do fenômeno

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



Continuação do Parecer: 6.003.628

variável e a construção de personas
fortalezenses e personas do interior;
(3) Correlacionar as avaliações a partir da origem do falante, gênero, faixa-etária e escolaridade, buscando paralelos entre variáveis sociais e a percepção da variação linguística.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos mínimos

Benefícios:

I – Fornecer subsídios teóricos-metodológicos às pesquisas futuras sobre o fenômeno em pauta; III – Ajudar a desvendar as crenças e atitudes dos falantes em relação a palatalização das oclusivas alveolares; IV – Contribuir com uma pesquisa relacionada aos valores culturais da comunidade de Fortaleza.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto em questão está bem escrito, de boa leitura e entendimento. Está incluído desenho do estudo, introdução, revisão, objetivos, metodologia, cronograma de atividades, orçamento e outros. A documentação exigida pela RESOLUÇÃO 466/2012/CNS/MS que regulamenta os estudos aplicados aos seres humanos está incluída.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação do trabalho estão coerentes com o tema abordado e o rigor da ética em pesquisa.

Recomendações:

O projeto de pesquisa está devidamente instruído para que o mesmo seja executado. Portanto o parecer é favorável à sua APROVAÇÃO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2107374.pdf	31/03/2023 20:43:13		Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-275
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **E-mail:** comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



Continuação do Parecer: 6.003.628

Folha de Rosto	folhaderostomay.pdf	31/03/2023 20:42:31	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoquali.pdf	25/03/2023 21:57:22	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclmaylle.pdf	24/03/2023 15:20:13	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito
Orçamento	orcamentomaylle.pdf	24/03/2023 15:12:56	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	mayllesolicitacaoapre.pdf	24/03/2023 15:11:09	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito
Cronograma	mayllecronograma.pdf	24/03/2023 15:10:11	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito
Declaração de concordância	maylleconcordancia.pdf	24/03/2023 15:04:15	MAYLLE LIMA FREITAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 14 de Abril de 2023

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-275
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **E-mail:** comepe@ufc.br

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Caro(a) participante, Você está sendo convidado a participar da pesquisa “CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ DIANTE DE /i/ EM FORTALEZA-CE” ministrada pela Profa. Maylle Lima Freitas, membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação da Profa.Dra. Maria Silvana Militão de Alencar. Esse tipo de pesquisa é importante porque amplia o entendimento sobre a língua. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo (confirmar sua participação). Caso haja alguma palavra ou frase que o(a) senhor(a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo para esclarecê-los. A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o questionário de crenças e atitudes linguísticas e solicitar a sua permissão para que os resultados dessa pesquisa sejam publicados em meios científicos como revistas, congressos e/ou reuniões científicas de profissionais da linguística ou afins. A pesquisa será realizada por meio de um questionário online sobre percepções sobre sua fala cotidiana, contendo 16 perguntas de múltipla escolha e 4 perguntas dissertativas (opcionais). Você deverá ler atentamente as instruções dos enunciados. Para a primeira parte do questionário, você deve ouvir 4 estímulos de áudio e responder questionamento sobre suas impressões dos trechos ouvidos. Para a segunda seção, você deverá responder questões de múltipla escolha ou dissertativas a partir das suas crenças e conhecimentos prévios. O questionário não busca respostas certas ou erradas, mas sim que o(a) senhor(a) responda de acordo com seu conhecimento e opiniões pessoais. Para a última seção, coletamos alguns dados pessoais para composição do seu perfil no nosso banco de dados. O questionário deve levar entre 7 e 10 minutos em média para ser respondido.

Os objetivos deste estudo consistem em investigar, descrever e analisar atitudes linguísticas em relação ao fenômeno da variação da realização dos fones oclusivos dentais [t] e [d] diante de [i]. Caso você autorize, os benefícios de sua participação serão: I – Fornecer subsídios teóricos-metodológicos às pesquisas futuras sobre o fenômeno em pauta; III – Ajudar a desvendar as crenças e atitudes dos falantes em relação a palatalização das oclusivas alveolares; IV – Contribuir com uma pesquisa relacionada aos valores culturais da comunidade de Fortaleza e V – Ter oportunidade de conhecer melhor as características do falar cearense.

O questionário com as respostas coletadas ficará sob a guarda da pesquisadora para ser utilizado em sua dissertação de mestrado e em publicações de artigos oriundos dos resultados das análises dos dados. Serão protegidas todas as informações de identificação do participante de modo que seja preservado o anonimato. A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento, você poderá desistir e retirar o seu consentimento sem qualquer prejuízo a você e seus correlatos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará penalidades e nem perda de benefícios. Há riscos quanto à sua participação, sendo estes como I- vazamento de informações pessoais, II- constrangimento por elencar preferências pessoais e III - possibilidade de identificação pessoal em caso de relatos em questões dissertativas que possam ser reconhecidos por terceiros. Para minimizar os riscos, não disponibilizamos qualquer informação que possa acarretar na sua identificação e NENHUM DADO QUE POSSA IDENTIFICAR O(A) SR(A) COMO NOME, CODINOME, INICIAIS, REGISTROS INDIVIDUAIS, INFORMAÇÕES POSTAIS, NÚMEROS DE TELEFONES, ENDEREÇOS ELETRÔNICOS SERÁ DIVULGADO NA PESQUISA. Na escala de gradação de risco, esta pesquisa é classificada com risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar e ler, pois emprega técnicas e métodos retrospectivos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam no estudo. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, fica garantido ao participante pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei no 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém, se sentir desconforto emocional, dificuldade ou desinteresse poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador pelos meios de contato anexados a este formulário. O(a) senhor(a) não receberá remuneração pela sua participação, em estudos parecidos com este, os participantes não têm seus nomes divulgados, mas recebem agradecimentos gerais dos pesquisadores no texto final da pesquisa por sua contribuição. As suas respostas não serão divulgadas de modo que possibilite a identificação. Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo, seja antes, durante ou depois de sua participação. Para tanto, seguem os contatos do pesquisador responsável:

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Profa. Maylle Lima Freitas (PPGLin-UFC)

Instituição: Universidade Federal do Ceará E-mail: mayllelimafreitas@gmail.com.

Telefone celular: (84) 988952472.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ: Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: (85) 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Você receberá via e-mail, e/ou outro meio de sua preferência, uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que também pode ser baixado neste link:

<https://docs.google.com/document/d/1FxfXj2Bd66SKEwGOMD8yMyeogrmv4SzBSxM9EquFaM/edit?usp=sharing>

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Você deseja participar dessa pesquisa?

Sim

Não

Consentimento para participação, Eu, _____, CPF: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e aos possíveis riscos envolvidos na participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da autorização em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo a mim ou a meus correlatos, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos e slides), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução 510/2016/CNS. Autorizo também que a interação fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras. Assinatura do participante.

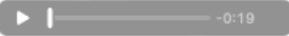
Eu, Maylle Lima Freitas, declaro cumprir as exigências contidas no itens IV.3 da Resolução nº 466/2012 MS.

Seu nome completo (assinatura)

CPF:

Nesta primeira parte do questionário, você irá ouvir quatro (4) pessoas diferentes que foram entrevistadas sobre o que elas achavam que era necessário para melhorar a vida da população brasileira. Após escutar os áudios, imagine como cada pessoa seria e responda quais suas impressões sobre elas. Recomendamos uso de fones de ouvido e/ou ouvir em um ambiente silencioso.

Ouçã a **PESSOA 1** e opine, quais suas impressões sobre essa pessoa? [selecione quantas opções quiser]

ÁUDIO 1 

Prática	Sincera
Hospitaleira	Trabalhadora
Bonita	Branca
Baixa	Confiável
Gentil	Inteligente
Orgulhosa	Engraçada
Negra	Ligada à família
Tagarela	Irritante
Matuta	Amigável
Alta	Solidária
Feia	Extrovertida
Simpática	Adorável
Leiga	Independente
Humilde	Educada
Divertida	Prefiro não responder

Opine de acordo com as afirmações sobre a **PESSOA 1**:

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
"Essa pessoa tem sotaque"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa fala de modo cantado"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa é nordestina"	<input type="radio"/>				

[Opcional] Gostaria de falar algo mais sobre a **PESSOA 1**?



Ouçã a **PESSOA 2** e opine, quais suas impressões sobre essa pessoa? [selecione quantas opções quiser]

ÁUDIO 2



Prática	Sincera
Hospitaleira	Trabalhadora
Bonita	Branca
Baixa	Confiável
Gentil	Inteligente
Orgulhosa	Engraçada
Negra	Ligada à família
Tagarela	Irritante
Matuta	Amigável
Alta	Solidária
Feia	Extrovertida
Simpática	Adorável
Leiga	Independente
Humilde	Educada
Divertida	Prefiro não responder

Opine de acordo com as afirmações sobre a **PESSOA 2**:

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
"Essa pessoa tem sotaque"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa fala de modo cantado"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa é nordestina"	<input type="radio"/>				

[Opcional] Gostaria de falar algo mais sobre a **PESSOA 2**?



Ouçã a **PESSOA 3** e opine, quais sua impressões sobre essa pessoa? [selecione quantas opções quiser]

ÁUDIO 3



Prática	Sincera
Hospitaleira	Trabalhadora
Bonita	Branca
Baixa	Confiável
Gentil	Inteligente
Orgulhosa	Engraçada
Negra	Ligada à família
Tagarela	Irritante
Matuta	Amigável
Alta	Solidária
Feia	Extrovertida
Simpática	Adorável
Leiga	Independente
Humilde	Educada
Divertida	Prefiro não responder

Opine de acordo com as afirmações sobre a **PESSOA 3**:

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
"Essa pessoa tem sotaque"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa fala de modo cantado"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa é nordestina"	<input type="radio"/>				

[Opcional] Gostaria de falar algo mais sobre a **PESSOA 3**?



Ouçã a **PESSOA 4** e opine, quais a suas impressões sobre essa pessoa? [selecione quantas opções quiser]

ÁUDIO 4



Prática	Sincera
Hospitaleira	Trabalhadora
Bonita	Branca
Baixa	Confiável
Gentil	Inteligente
Orgulhosa	Engraçada
Negra	Ligada à família
Tagarela	Irritante
Matuta	Amigável
Alta	Solidária
Feia	Extrovertida
Simpática	Adorável
Leiga	Independente
Humilde	Educada
Divertida	Prefiro não responder

Opine de acordo com as afirmações sobre a **PESSOA 4**:

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
"Essa pessoa tem sotaque"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa fala de modo cantado"	<input type="radio"/>				
"Essa pessoa é nordestina"	<input type="radio"/>				

[Opcional] Gostaria de falar algo mais sobre a **PESSOA 4**?



Sobre a forma de pronunciar palavras como "Bom dia" e "tia" no Ceará, você:

ÁUDIO 5 [Forma de Falar de Fortaleza]:



ÁUDIO 6 [Forma de falar do Cariri]:



Acho a forma de Fortaleza mais bonita

Acho a forma do Cariri mais bonita

Não acho nenhuma mais bonita

Não sei/Prefiro não responder

Sobre a forma de pronunciar palavras como "Bom dia" e "tia" no Ceará, você:

Acho a forma de falar de Fortaleza mais correta

Acho a forma de falar do Cariri mais correta

Não acho nenhuma mais correta

Não sei/Prefiro não responder

[Opcional] Você tem alguma opinião sobre o jeito de falar "tia" e "dia" em Fortaleza?

[Opcional] Você tem alguma opinião sobre o jeito de falar "tia" e "dia" no Cariri?



Você acha que as pessoas do Cariri sofrem preconceito por sua maneira de falar quando estão em Fortaleza?

Sim

Não

Não sei/Prefiro não responder

Você já presenciou alguma dessas atitudes em relação ao Cariri em Fortaleza?
[marque quantas alternativas quiser]

Imitação

Piadas

Interrupção

Risadas

Comentários elogiosos

Comentários maldosos

Outra coisa:

Não sei/ Prefiro não responder

Marque as opções que normalmente indentificam uma pessoa do interior (região do Cariri)
na Capital:

[marque quantas alternativas quiser]

Roupas

Modo de falar (sotaque)

Contexto (compras, consultas médicas)

Trejeitos

Outra coisa:

Não sei/Prefiro não responder

[Opcional] Você gostaria de dizer algo mais sobre suas vivências com as maneiras de falar
do Ceará e/ou sobre esta pesquisa?



Agora é sobre você, qual seu sexo/gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Você é natural de:

- Fortaleza
- Crato
- Juazeiro do Norte
- Barbalha
- outro lugar

 [Apresentar esta pergunta](#)

Se **Você é natural de: Fortaleza** Não está selecionado

Quanto tempo você vive em Fortaleza?

 [Apresentar esta pergunta](#)

Se **Você é natural de: Fortaleza** Não está selecionado

Qual o motivo da sua mudança para Fortaleza?

 [Apresentar esta pergunta](#)

Se **Você é natural de: Fortaleza** Está selecionado

Você morou em fortaleza a maior parte da sua vida? (mais de 2/3 da vida)

- Sim
 - Não
-
-

Qual a sua idade?

Qual sua escolaridade?

- Ensino médio completo
- Grau Técnico
- Curso superior incompleto
- Curso superior completo
- Pós-graduação
- Médio incompleto/Fundamental

Agradecemos a sua participação neste inquérito e o tempo despendido.

A sua resposta foi registada.

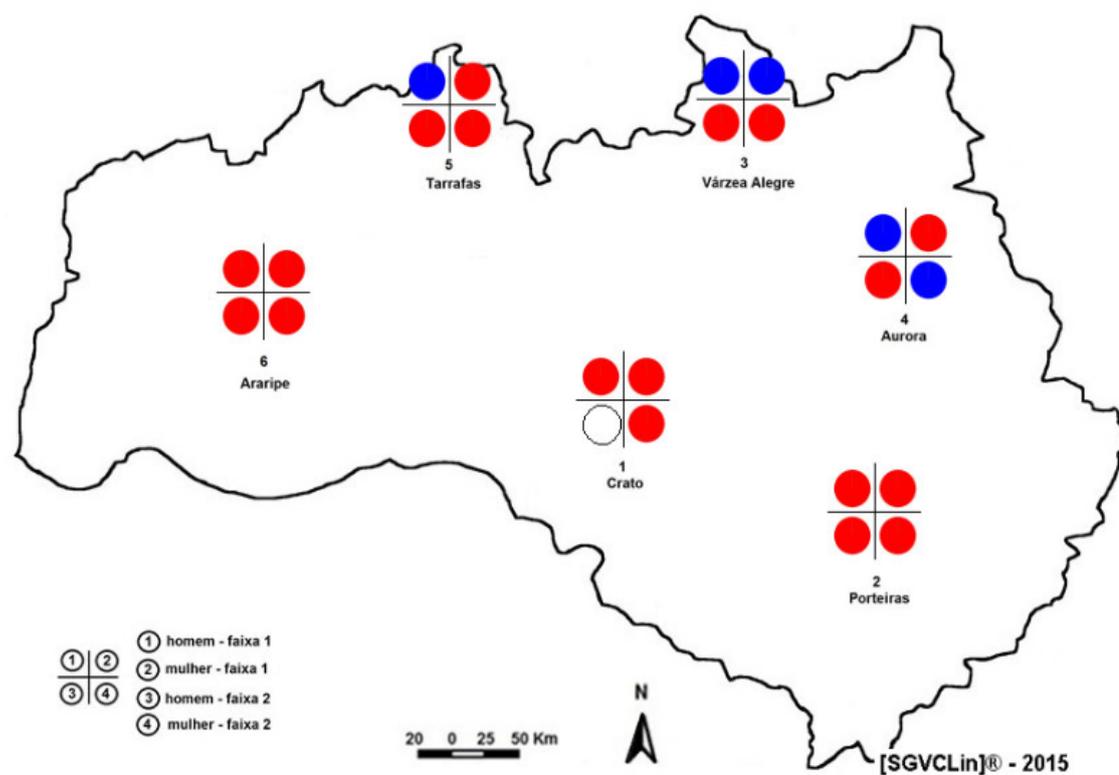
ANEXO A – CARTA N. 39 (NOITE) DO ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DO CARIRI CEARENSE (SARAIVA, 2019)



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta n° 39
NOITE

QFF 55 – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____

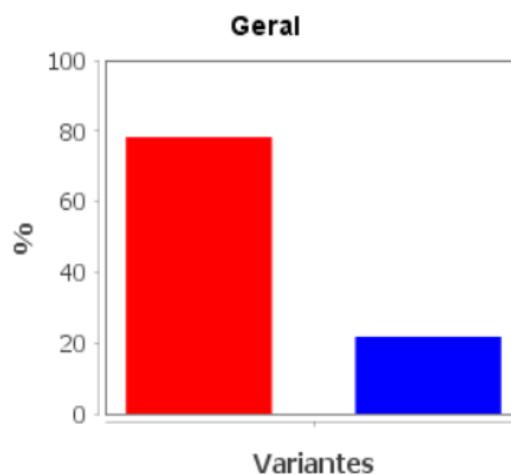


Variantes

● [ˈnojtɪ]

● [ˈnojtʃɪ]

○ sem resposta



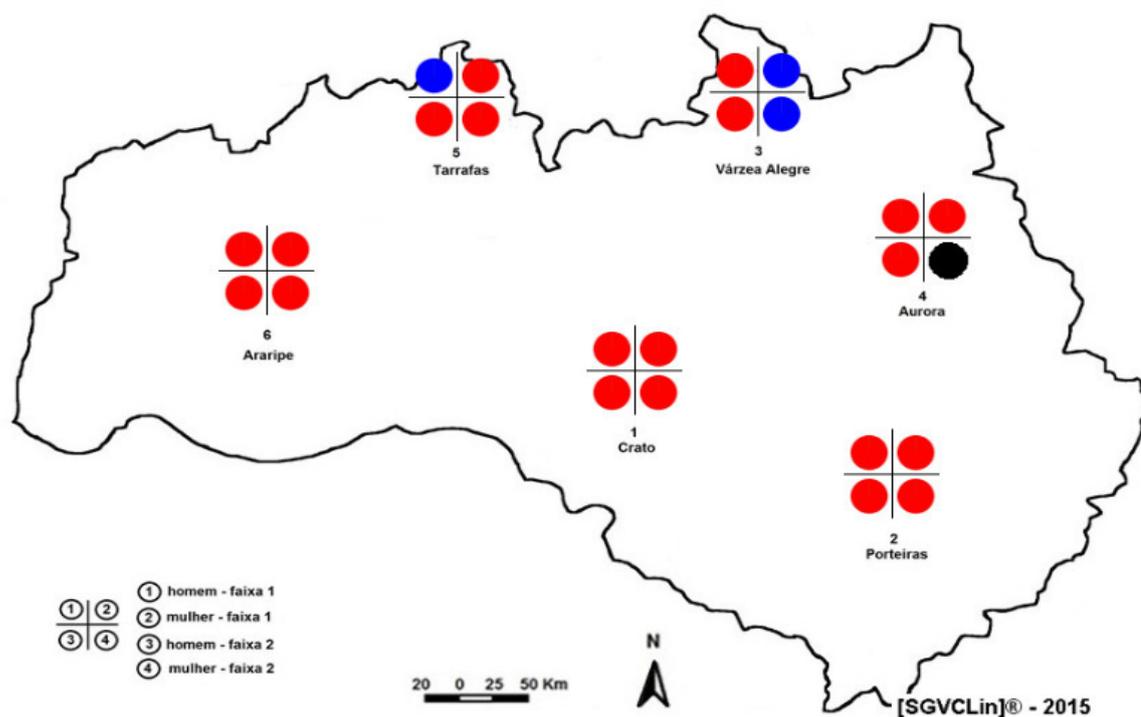
ANEXO B – CARTA N.40 (DIA) DO ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DO CARIRI CEARENSE (SARAIVA, 2019)



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

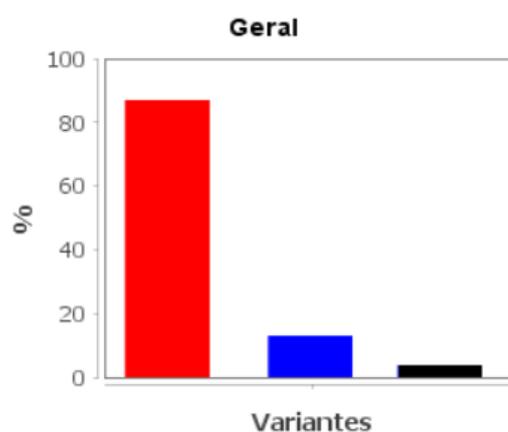
Carta n° 40
DIA

QFF 56 – E depois da noite, vem o quê?

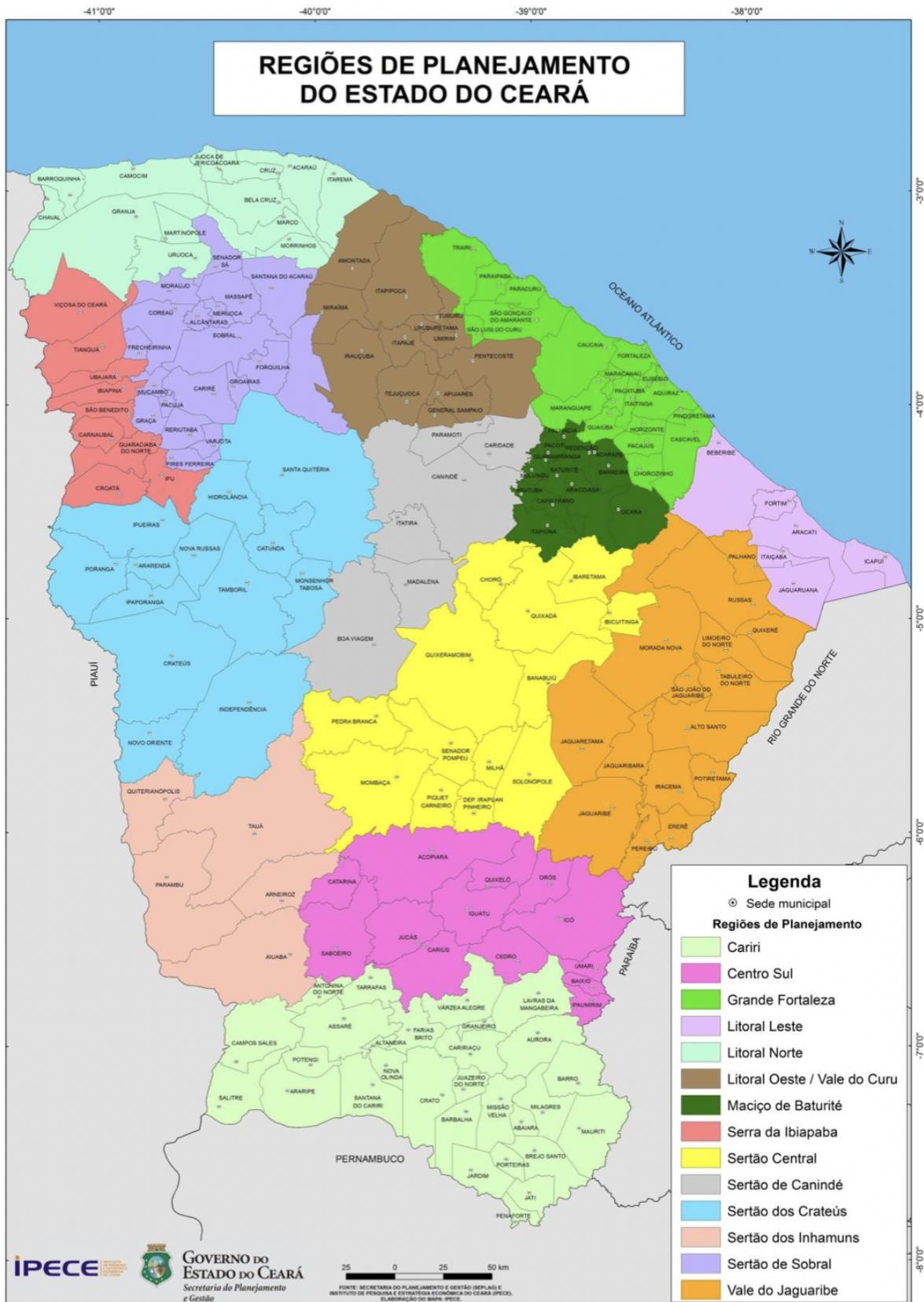


Variantes

- ['dʒɐ]
- ['dʒɛ]
- outra resposta



ANEXO C – REGIÕES DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DO CEARÁ (IPECE, 2015)



Regional 2

Território 7: Meireles e Aldeota

Território 8: Varjota, Papicu e De Lourdes

Território 9: Cais do Porto, Mucuripe e Vicente Pinzón

Território 10: Joaquim Távora, Dionísio Torres e São João do Tauape

Regional 3

Território 11: Quintino Cunha, Olavo Oliveira e Antônio Bezerra

Território 12: Padre Andrade e Presidente Kennedy

Território 13: Vila Ellery, Monte Castelo, São Gerardo e Farias Brito

Território 14: Parque Araxá, Parquelândia, Amadeu Furtado e Rodolfo Teófilo

Regional 4

Território 15: José Bonifácio, Benfica e Fátima

Território 16: Damas, Jardim América, Bom Futuro e Montese

Território 17: Itaoca, Parangaba e Vila Peri

Território 18: Parreão, Vila União e Aeroporto

Regional 5

Território 39: Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Siqueira e Bonsucesso

Regional 6

Território 26: Alto da Balança e Aerolândia

Território 27: Jardim das Oliveiras, Cidade dos Funcionários e Parque Manibura

Território 28: Parque Iracema, Cambeba e Messejana

Território 29: José de Alencar, Curió, Guajeru e Lagoa Redonda

Território 30: Coaçu, São Bento e Paupina

Regional 7

Território 22: Praia do Futuro I e Praia do Futuro II

Território 23: Cocó, Cidade 2000 e Manuel Dias Branco

Território 24: Salinas, Guararapes e Luciano Cavalcante

Território 25: Edson Queiroz, Sapiranga/Coité e Sabiaguaba

Regional 8

Território 19: Serrinha, Itaperi e Dendê

Território 20: Dias Macêdo, Boa Vista, Parque Dois Irmãos e Passaré

Território 21: Planalto Ayrton Senna e Prefeito José Walter

Regional 9

Território 31: Cajazeiras e Barroso

Território 32: Conjunto Palmeiras e Jangurussu

Território 33: Parque Santa Maria, Ancuri e Pedras

Regional 10

Território 34: Parque São José, Novo Mondubim, Canindezinho, Conjunto Esperança, Parque Santa Rosa, Parque Presidente Vargas e Aracapé

Território 35: Maraponga, Jardim Cearense, Mondubim e Vila Manoel Sátiro

Regional 11

Território 36: Pici, Bela Vista, Panamericano, Couto Fernandes e Demócrito Rocha

Território 37: Autran Nunes, Dom Lustosa, Henrique Jorge, Jóquei Clube e João XXIII

Território 38: Genibaú, Conjunto Ceará I e Conjunto Ceará II

Regional 12

Território 1: Centro, Moura Brasil e Praia de Iracema